

PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 13, Julho/Agosto, 2005

Passa e Fica

Bordadeiras preservam *frivolité*

João Câmara

A força dos retirantes

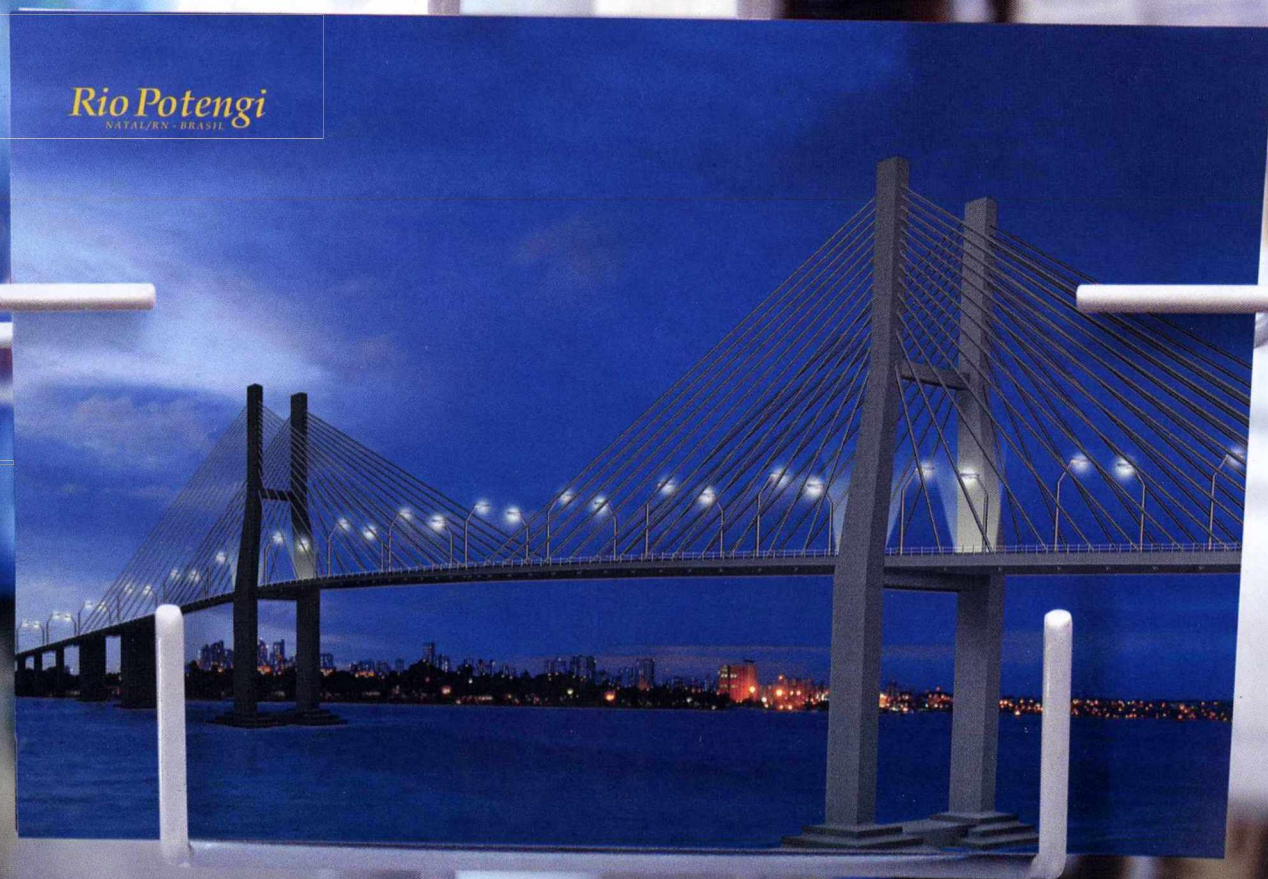
Entrevista

Escritor Altimar Pimentel

TEATRO DE CULTURA POPULAR

Novo espaço cênico de Natal foi equipado para receber espetáculos de teatro, dança, música e cinema

PONTE FORTE-REDINHA. UM NOVO CAMINHO PARA O DESENVOLVIMENTO DO RN.



A Ponte Forte-Redinha é uma obra que vai beneficiar a Zona Norte da Capital, os dezesseis municípios que integram o Pólo Costa das Dunas e todo o Litoral Norte do Estado, que possui grande potencialidade para o turismo, além de trazer mais conforto e agilidade para o trânsito. Em outras palavras, a Ponte Forte-Redinha é fundamental para o desenvolvimento socioeconômico desta importante região e, conseqüentemente, para o Rio Grande do Norte. Com investimento de aproximadamente R\$ 140 milhões e conclusão em julho de 2006, a obra já é responsável pela geração de mais de 250 empregos diretos. Por tudo isso, a Ponte Forte-Redinha certamente representará um marco no futuro do povo potiguar.


GOVERNO DE TODOS
Trabalhando pra valer
Secretaria de Infra-Estrutura - SIN

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120
Fone/fax: (84) 232.5327/232.5304

Governadora
Wilma Maria de Faria

Presidente
François Silvestre de Alencar

Diretor
José Antônio Pinheiro da Câmara Filho

**PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO
RIO GRANDE DO NORTE**
ISSN 1679-4176
ANO III Nº 13
JULHO/AGOSTO/2005

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERIODICIDADE
BIMESTRAL

EDITOR
TÁCITO COSTA
tacitocosta@estado.com.br

EDITOR ASSISTENTE
GUSTAVO PORPINO DE ARAÚJO
gporpino@hotmail.com

ESTAGIÁRIOS
DAVID CLEMENTE E MICHELLI PESSOA

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
LUCIO MASAACKI
infinitaimagem@bol.com.br
(84)8805-1004

REVISOR
JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

CAPA
FOTO: ANCHIETA XAVIER
axphotographer@gmail.com

A Preá está na Internet: www.fja.rn.gov.br

A palavra da casa

François Silvestre

Da última Preá para esta, inauguramos a Casa da Cultura Popular de Lajes e concluímos as obras da Casa de Cultura Popular de Apodi.

Em Natal, foi inaugurado com festa, pompa e circunstância o Teatro de Cultura Popular. O TCP encanta os olhos de quem passa por estas bandas do Tirol. Com sua fachada original, seus lustres e luzes, a Praça Olavo de Medeiros, seu interior aconchegante, o TCP é um outro marco da nossa gestão. Trabalho de equipe. Todos os que fazem a Fundação José Augusto estão de parabéns. Agradecemos à Governadora Wilma de Faria, madrinha da cultura do Rio Grande do Norte.

Temos recebido o aplauso do reconhecimento de todos os lugares. Do Estado e de fora dele. Os dramaturgos que visitaram Natal durante a III Semana do Teatro Nordeste não economizaram elogios. A entrega do Prêmio Preá de Dramaturgia, com sessenta peças concorrendo, com vencedores da Paraíba, Bahia, Sergipe e Piauí, notícia, por si só, o sucesso do evento.

Há muito por fazer? Há. São décadas de acomodação e gerenciamento do pouco que se cristalizara. Foi preciso romper a "cultura" de que cultura é coisa de elite. Atravessar fronteiras intransponíveis e amarradas pelo autoritarismo. O hábito histórico de só se promover o que fosse do agrado pessoal do chefe. Eu quebrei esse cabresto. Não pergunto se o evento ou a obra é ou não do meu agrado. Não tenho esse direito. Posso até não assistir ou participar. Até aí, é direito meu. Mas não posso negar apoio. Não tenho o direito de censurar livro ou CD. Posso lê-lo, ouvi-lo, ou não. Mas o meu gosto não decide a edição.

A Preá é o cartão-postal da nossa Democracia. Aberta a todas as tendências e opiniões. Livre como é a cultura do nosso povo. Trata de política cultural, não se envolve em política eleitoral. Consolidada e indispensável à divulgação cultural dos grotões que eram esquecidos e relegados ao exótico de eventuais descobertas. Hoje, não. A cultura popular, de todas as regiões, tem na Preá uma janela aberta para os olhos de longe. Só não vê quem se faz de cego. ■



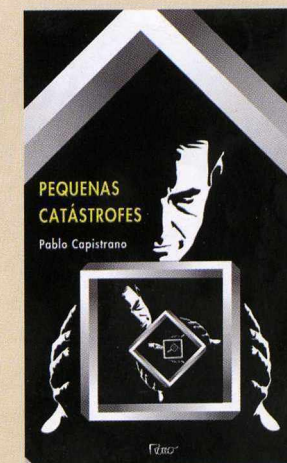
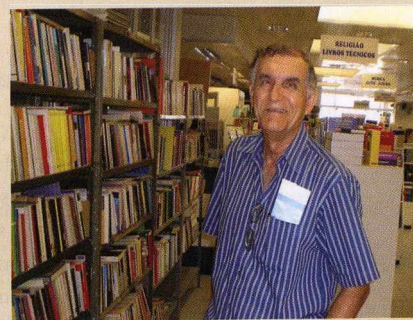
O escritor e músico Bráulio Tavares fala sobre os 50 anos da peça “Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna. A palestra ocorreu durante o III Encontro de Dramaturgos do Nordeste, realizado em Natal

O cordelista Zé Saldanha, 87 anos, em plena forma e cheio de planos, comemora 70 anos da publicação do seu primeiro cordel e relembra como foi o seu encontro, quando tinha 8 anos, com o rei do cangaço, Lampião



A Fundação José Augusto entregou mais uma Casa de Cultura Popular no interior do Estado. O Palácio Alzira Soriano foi instalado em um prédio antigo, onde funcionava uma usina de algodão, no município de Lajes

O escritor Francisco Fernandes Marinho escreve sobre a trajetória intelectual de Manoel Onofre Júnior (foto). Marinho é autor do livro “Manoel Onofre Júnior – 40 anos de vida literária”, editado pelo Sebo Vermelho



Sai pelo novo selo da editora Rocco, o Safrá XXI, o livro “Pequenas Catastrofes”, do escritor potiguar Pablo Capistrano. Único autor do Nordeste a fazer parte do selo, Pablo fala sobre a sua obra

índice	Expediente / A palavra da casa	3
	Cartas	6
	Natal ganha um novo teatro	8
	Encontro discute dramaturgia nordestina	10
	Zé Saldanha - Memória viva do cordel	12
	Casa de Cultura Popular de Lajes	17
	Ensaio Fotográfico - MEL	18
	Palocha - Um menino feliz de 66 anos	24
	Centenário do nascimento de Jean-Paul Sartre	27
	Foco Potiguar - “O Eclipse”	29
	Agenda / 13 por 1	30
	Selo Safrá XXI edita “Pequenas Catastrofes”	32
	Aventura e filosofia	33
A farpa e a lira	34	
Manoel Onofre Júnior - 40 anos de vida literária	38	

índice	Uma arte sutil, áspera e trágica	40
	Homenagem torta	42
	Poesia Potiguar - Racine Santos	43
	Disco tenta forjar cena eletrônica na cidade	47
	Música eletrônica - O hip hop do meu samba	49
	O vôo do pássaro que canta	51
	Domingo em branco	53
	E se...	54
	O ventilador e a chave	56
	O bom da vida	58
	Passa e Fica - Bordadeiras preservam <i>frivolité</i>	60
	Entrevista: Altimar Pimentel	71
	João Câmara - Retirantes impulsionaram crescimento da cidade	78
Livros	89	
PS	90	

CARTAS

Senhor editor

Através do pesquisador e membro da Sociedade Brasileira de Estudo do Canção, Paulo Gastão de Medeiros, tive a honra de conhecer a excelente PREÁ. Como artista pesquisadora (sou escultora), desenvolvo um trabalho voltado para a cultura nordestina. Gostaria muito de ficar recebendo essa conceituada revista e se possível receber edições anteriores (recebi a nº 11 março/abril/2005), uma vez que ela me ajudará nas pesquisas e na criação de novos trabalhos. Fiquei contente em ver pela primeira vez a foto da grande artista potiguar Zaira Caldas, pois só conhecia suas obras. Inclusive no Centro Cultural do Banco do Nordeste, em Fortaleza, tem um belo painel de sua autoria, pelo qual tenho uma profunda admiração. Parabéns ao Governo do Estado e toda a equipe da revista pela brilhante idéia de apresentar ao povo brasileiro a cultura do povo potiguar.

Liduína Leite Araújo
(Escultora - Eusébio-CE)

Prezado editor

Ao tempo que expresso os meus respeitosos cumprimentos pela riqueza educativa e cultural da PREÁ, passo a ressaltar a relevância dessa publicação por atender as orientações curriculares vigentes e apresentar sugestões de atividades em sala de aula, com o objetivo de vivenciar,

ampliar e aprofundar conhecimentos, desenvolvendo uma visão informativa, formativa, cultural, política e acima de tudo, educativa sobre temas diversos. A publicação segue padrão editorial, gráfico e didático que contempla aspectos interdisciplinares e opiniões analíticas diferenciadas e salutares.

Adailton Izidro da Costa
(Professor - Rio Tinto-PB)

Senhor editor

Até pouco tempo, não tinha tomado conhecimento desta revista, que trata a nossa cultura de uma maneira tão magnífica e encantadora. A PREÁ me faz ter ainda mais orgulho de ser norte-riograndense. Envio os meus sinceros cumprimentos pelo excelente trabalho realizado.

Arlindo Bezerra da Silva Júnior
(Umarizal-RN)

Sr. editor

Ganhei de um colega o exemplar da revista PREÁ de março/abril deste ano e confesso que fiquei fascinado com a "multiplicidade de culturas", isto é, de respostas que os homens dão para o desafio de suas existências, encontradas num só "espaço".

Rosian Gênesis dos Ramos Bezerra
(Estudante de Pedagogia da UERN - Açú-RN)

Gustavo

Recebi a PREÁ 11. Meus cumprimentos pela matéria sobre Giovanni Sérgio e Pau dos Ferros. Tenho a impressão que o pai de Giovanni foi meu contemporâneo no tempo de estudante, assim como seu pai. Tenho aprendido muito com você. Em suas reportagens, tenho viajado em sua companhia, e vou conhecendo cidades de nosso Estado que conhecia apenas de nome. A expressão cultural vivida em cada cidade retrata a alma de seus habitantes no que tem de melhor. Pau dos Ferros... Fica no ar o desejo de saborear a carne-seca e a buchada de bode.

Aderbal Silva
(Brasília-DF)

Senhor editor

Venho recebendo a PREÁ e confesso que estou encantada com a responsabilidade e o empenho com os quais vocês tratam a cultura nordestina. A propósito, li a reportagem que fala sobre as tradições nordestinas preservadas pela cidade de Pau dos Ferros e adorei a matéria. Gostei, também, da homenagem ao professor e poeta Leontino Filho, "figura" extraordinária não só na história de Pau dos Ferros, mas na Literatura norte-riograndense.

Elissandra da Silva
(Estudante de Letras pela UERN-Pau dos Ferros-RN)

Senhor editor

Show! É o adjetivo que dou pra revista PREÁ. Sou aluna do 4º período de Letras-Inglês da UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte). Fiquei feliz em conhecer a revista e muito mais feliz por ver meu professor, R. Leontino, aparecer como merece, pois é um verdadeiro baú de conhecimento. Fiquei, porém, triste em saber que faz muito tempo que a revista existe e que eu não a conheci, ou seja, não tive acesso a ela antes. Como faço pra receber/assinar a revista?

Lucyana Torres
(Estudante-Mossoró-RN)

Senhor editor

Quero parabenizar o belo trabalho feito pela Revista PREÁ e pelo site da Fundação José Augusto. Ambos buscam, com total sucesso, preservar a nossa auto-estima e a cultura potiguar, com suas tradições e costumes. Gostaria de saber como faço para receber a revista em meu endereço. Sou vereador da cidade de Acari e sempre falo da importância do trabalho cultural desenvolvido por vocês.

Ismael Medeiros
(Vereador - Acari-RN)

Sr. editor

É com imenso prazer que recebi, pela primeira vez, a PREÁ (nº11 - março/abril 2005). Que bom ser norte-riograndense e poder participar do crescimento cultural exaltado por todos que fazem esta revista. "A Palavra da Casa" (PREÁ-11), de François Silvestre, choca nossos olhos com a leitura e nos conduz a uma reflexão do espírito. Parabéns! Nós leitores crescemos com vocês.

Gilberto Gomes de Medeiros
(Secretário Municipal de Turismo-Lagoa Nova-RN)

Caro editor

Nós que fazemos a Escola Estadual "Francisco de Assis Pinheiro" - Ensino Médio, na cidade de Itaú-RN, ficamos lisonjeados com o recebimento da PREÁ na nossa escola. Professores e alunos já estão fazendo uso da mesma. Valorizamos a revista por ela retratar nossa realidade, nossa terra, nossos costumes e nosso povo.

Maria Gilva Maia Martins
(Professora-Itaú-RN)

Prezado editor

Somente agora, com a 12ª edição da PREÁ, tomei conhecimento do trabalho desenvolvido por vocês. Na revista, a cultura do RN ganha visibilidade. Mui-

tas vezes tomamos conhecimento das manifestações culturais de outros lugares e regiões e esquecemos dos patrimônios artísticos do povo potiguar. Com a PREÁ esta lacuna foi suprida.

Como graduando em história pela UFRN, campus de Caicó, gostaria de tecer alguns comentários sobre o papel educativo da PREÁ, pois ao ler a edição citada, tomei conhecimento de pesquisas desenvolvidas na área de história. Assim, parabeno pela ótima seleção de artigos, dentre eles, citaria três que, como seridense, me chamaram maior atenção: sobre ferros de marcar gado, sobre o teatro de bonecos de Dadi e sobre Timbaúba dos Batistas. Estes artigos aguçaram a minha curiosidade em procurar me aprofundar nas pesquisas.

Diego Marinho de Góis
(Estudante de História - Jardim do Seridó-RN)

Nota da Redação

A foto que acompanha o texto "Dadi - A face feminina do teatro de bonecos", publicada na PREÁ 12 (maio/junho), é de autoria do fotógrafo Fernando Pereira.



Fotos: Anchieta Xavier e Ivanísio Ramos

A governadora Wilma de Faria e o presidente da Fundação José Augusto, François Silvestre, inauguraram no dia 2 de agosto, o Teatro de Cultura Popular (TCP), espaço cênico, com todos os equipamentos necessários para a realização de espetáculos teatrais, de dança, música e cinema. “Quando assumi o Governo do Estado, assumi, também, o compromisso de priorizar a cultura. Além deste teatro, estamos investindo nas Casas de Cultura. Nossa meta é instalar 50 casas em todo o Estado até o final deste ano”, afirmou Wilma de Faria.

Localizado em prédio anexo à Fundação José Augusto, em instalações que antes estavam em processo de deterioração, o teatro tem capacidade para 200 lugares e ocupa uma área de 1.100 metros quadrados. Conta também com jardim, biblioteca e café-bar. Para tornar o TCP viável, atendendo a uma reivindicação dos artistas potiguares, o Governo do Estado fez investimentos da ordem de R\$ 420 mil. “Canção para o palco nordestino” foi

a primeira encenação sob a sua ribalta, interpretada pelos atores Isaque Galvão, Pedro Queiroga e Carminha Medeiros. O texto é do dramaturgo Racine Santos e a direção, de João Marcelino.

A noite de inauguração foi também de entrega do prêmio Préá de Dramaturgia. O primeiro lugar, cujo prêmio foi de R\$ 5 mil, ficou com Carlos Antônio Félix, de Campina Grande-Paraíba, pela peça “O causo do boi de ouro”; o segundo colocado (R\$ 3 mil de prêmio), foi entregue a Cassandra Miller (da Bahia), por “Salomé e Prometeu”; e o terceiro colocado (R\$ 1 mil), ficou com César Augusto Félix (do Piauí), por “Fiéis”. Na categoria Menção Honrosa o ganhador foi Carlos Roberto da Silva (de Alagoas), pelo trabalho “Passatempo”. Concorreram ao Prêmio mais de 60 autores de todo o Nordeste.

“O Teatro de Cultura Popular é um palco múltiplo, democrático, que descerra suas cortinas para que as artes cênicas do Rio Grande do Norte possam se manifestar”, disse o presidente da Fundação José Augusto. Segundo François, embora o teatro leve o nome de cultura popular,

o espaço está aberto às artes em geral. “O TCP tem os símbolos e as cores da cultura popular, mas está aberto à prática da cultura”.

Um outro teatro para Natal já está previsto no orçamento estadual. O edital do concurso público nacional de arquitetura, para a sede do Teatro de Natal, foi lançado na mesma solenidade de inauguração do TCP. Bem antes, o Governo do Estado já havia investido cerca de R\$ 1,2 milhão no Teatro Dix-Huit Rosado, em Mossoró. O Teatro de Natal ficará pronto até o final do Governo Wilma.

“Muitos pensam que investir em cultura pode ficar para depois, mas investir em cultura é promover desenvolvimento social”, ponderou Wilma de Faria, ressaltando que seu governo não está deixando de priorizar obras de infra-estrutura nem os investimentos sociais. “Continuamos a investir em adutoras, programa do leite, no turismo, programas que geram emprego e renda e até mesmo no ensino superior, que pela Lei de Diretrizes Orçamentárias somos desobrigados”, completou. ■

Natal ganha um novo teatro



O “Auto da Compadecida” é uma comédia moral, que apresenta uma mensagem de compaixão. A opinião é do escritor e músico paraibano Bráulio Tavares e foi feita durante a sua palestra sobre os 50 anos da peça de Ariano Suassuna. O fio condutor da intervenção de Bráulio foram as aproximações e distâncias estéticas e ideológicas entre o “Auto da Compadecida” e o filme de Glauber Rocha, “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. “Glauber e Ariano mostram o homem submetido ao misticismo, poder econômico e ao cangaço”, disse Bráulio.

Mas embora tratem da mesma realidade, a abordagem e visões de mundo são diferentes nos dois grandes nomes da cultura nordestina. A diferença entre os dois – na interpretação do escritor paraibano – é que Glauber tem uma visão evolutiva, marxista, de que o homem vai se libertar um dia; enquanto Ariano tem uma visão mais imobilista e pessimista. “Parece que a visão de Ariano é a que vai prevalecer”, afirma Bráulio, contagiado pelo pessimismo que toma conta do país, depois dos últimos escândalos envolvendo os políticos, a quem o escritor paraibano chamou de “Joões Grilos engratados”.

E completou: – Os grandes malandros não pertencem mais ao povo, estão lá, engratados, dando golpe na gente.

Bráulio também fez algumas comparações entre “O Auto da Compadecida” e “A Pedra do Reino”, principalmente entre os dois heróis, João Grilo e Quaderna. “Os dois são malandros, mas Quaderna é também trágico”. Para Bráulio, “A Pedra do Reino” está mais próximo da realidade nordestina, porque enfoca a herança, meio arcaica, das grandes famílias do Sertão. Essa realidade desemboca na “Pedra do Reino” e não no “Auto da Compadecida”.

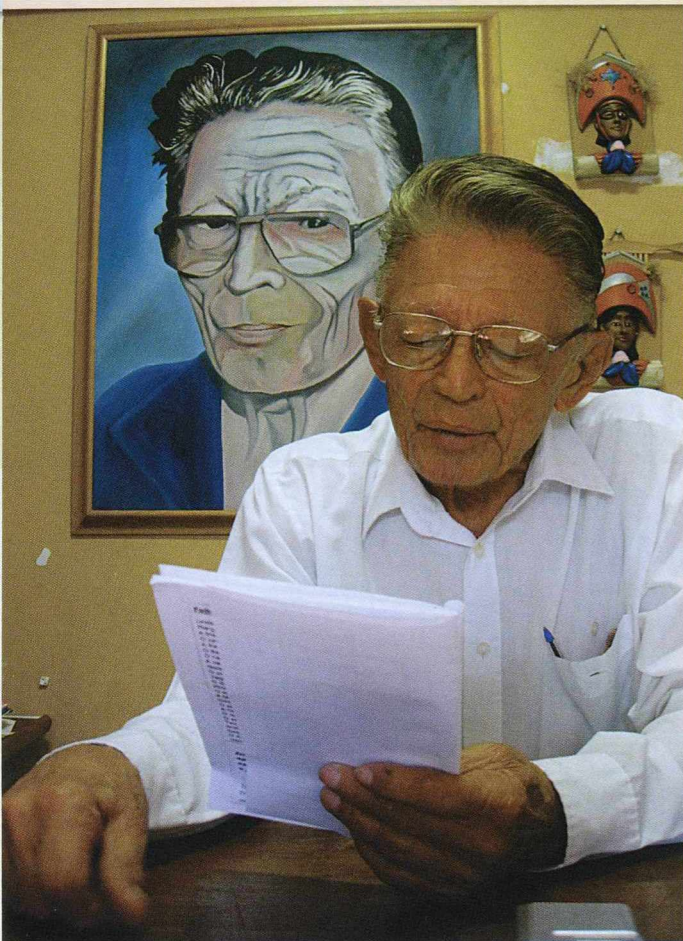


Encontro discute dramaturgia nordestina

A atualidade do “Auto da Compadecida” também foi destacada pelo escritor, que afirmou que as mazelas retratadas por Glauber e Ariano se deslocaram para as grandes cidades, como Rio e São Paulo. – Nas megalópoles as pessoas são arrastadas pelas religiões, que oferecem consolo a preço baixo, e pela violência egoísta dos traficantes. Os evangélicos e traficantes substituíram os místicos e cangaceiros do Nordeste. Segundo Bráulio, isso dá atualidade a peça e torna o universo de Ariano mais próximo da realidade atual do que o de Glauber.

A palestra de Bráulio encerrou a III Semana do Teatro Nordestino, realizada em Natal, de 2 a 6 de agosto, pela Fundação José Augusto, com apoio da Associação de Dramaturgos do Nordeste. Participaram do evento importantes teatrólogos da região e convidados como o crítico paulista Sebastião Milaré. Além das palestras e reuniões dos dramaturgos, foram apresentadas no Teatro de Cultura Popular e no Teatro Alberto Maranhão, as peças “Canção para um Palco Nordestino”, “Agreste” e o “Auto do Caldeirão”.

O presidente da Associação dos Dramaturgos do Nordeste, Racine Santos, faz uma avaliação positiva das três semanas realizadas até agora. “Desses encontros aqui realizados, bons frutos podem ser hoje observados, como, por exemplo, a Antologia de Textos Teatrais, que reúne 20 textos de autores nordestinos, das mais variadas tendências, num verdadeiro painel do teatro contemporâneo do Nordeste”. A antologia, editada pela Fundarpe (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco), será lançada neste segundo semestre. ■



Por Sérgio Villar
Fotos: Gustavo Porpino

“Sou um dos nordestinos, magro, baixinho e sisudo, mas que tem honra e méritos no Nordeste de Canudos; nas terras de Gonzaga, Antônio Silvino e Lampião, de Padin Ciço e Cascudo”. A autodefinição, do cordelista José Saldanha de Menezes Sobrinho, não poderia ser feita de outra forma, senão através de um cordel. Sertanejo de alma e vida, o poeta de 87 anos mantém viva a tradição dos livretos que contam a sina do nordestino e as epopéias do Sertão. Distante 70 anos da publicação do seu primeiro cordel, Saldanha ainda guarda a voz altiva de quem declamava poesia nas feiras interioranas, nos tempos em que “o cordelista era muito mais querido pelo povo do que Roberto Carlos é hoje em dia”.

Zé Saldanha – nome que assina em seus cordéis – foi um dos participantes e homenageados durante o XI Encontro de Folclore e Cultura Popular, promovido pela Fundação José Augusto, de 22 a 25 de agosto, em Natal. Ele nasceu em 23 de fevereiro de 1918, na fazenda Piató, município de Santana do Matos. Naquele início de século, os tempos eram de coronelismo, beatos, rendeiras e cangaceiros. Nos sertões místicos e quentes do Nordeste, o cordelista cresceu. Viveu entre cantadores e cordéis que retratavam não apenas a vida dura do sertanejo, mas também os horizontes de beleza e brabeza de homens do Sertão, que contrastavam com os “neurastênicos do litoral”, como escreveu Euclides da Cunha, em “Os Sertões”.

Naquela época, as opções para quem não descendia de família tradicional eram poucas: – Ou era cordelista, ou vaqueiro, ou amansador de potro, cantador de viola, topador de touro, mata-dor de onça ou cangaceiro. Trabalhei no pesado. Papai me ensinou de tudo: quebrei pedra de barreira, arranquei toco, fiz cerca

Zé Saldanha

Memória viva do cordel

de pedra; fui bom cavador de terra pra vazante, apanhador de algodão, trabalhei na enxada; fui limpador de mato e também corri muito a cavalo. Só não fui cangaceiro –, orgulha-se.

Mas foi o cangaço a maior fonte de inspiração de Zé Saldanha. Aos oito anos de idade, quando de viagem ao município de Souza, na Paraíba, o pai do cordelista, Francisco Saldanha, conhecido como Chico do Piató, soube da chegada do bando de Lampião à cidade. “Mesmo informado que Lampião vinha só visitar um amigo, meu pai quis arrear o pé. Ele dizia: quando tem polícia e cangaceiro juntos o rebuliço é grande. E não deu outra”. Já estava de malas prontas para subir no cavalo e voltar para Santana do Matos, quando Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, aproximou-se.

“Vinha cercado com quatro homens do lado esquerdo, outros quatro do lado direito e outros mais na frente e atrás. Ele vinha no meio. Colocava a mão num bisaco azul, enchia de moeda e jogava pros meninos da rua. Morria de achar graça com eles brigando pelo dinheiro. Passou por mim, olhou, mas não disse nada. Quando chegou a Catingueira foi pipoco de tiro. Morreu um soldado, depois dois, outros foram caindo e ele tomou

conta de Souza. Fez o que quis na cidade”, relembra.

Embora seja inegável a predominância da subcultura cangaceira e do “rei do cangaço” em sua obra, Zé Saldanha nega que isso tenha a ver com o encontro com Lampião. Ainda em janeiro de 1939, aos 21 anos, o poeta retratou em cordel o fracasso do ataque de Lampião em Mossoró, em 1927:

*...Ataquei Paraíba e Pernambuco,
Alagoas, Sergipe e Bahia,
Dominei e fiz tudo o que queria,
Dei trabalho aos soldados de Nabuco.
O governo de lá perdeu o suco,
Procurei um lugar de mais reforço,
Para atacar Mossoró eu fiz esforço,
A viagem foi errada e foi perdida
Fui feliz escapar com minha vida,
Que o chumbo de lá é muito grosso...*

O poeta-repórter

Pelas veredas e nuances do sertão de antigamente, o cancionista popular levava repentes e cordéis. Não havia fatos ou acontecimentos que escapassem dos escritos ou das cordas de viola. “O cordel era

tão importante no meu tempo que vivia por dentro das escolas, das igrejas, das fazendas; era uma beleza. Quando chegava a uma feira, eu era cercado de gente, um festival danado. Era só isso que havia!”, recorda Saldanha.

Era nas feiras sertanejas onde o interiorano tomava conhecimento do mundo que o rodeava. Os cordelistas e cantadores eram porta-vozes das notícias. Ao declamarem seus costumes, alegrias e carências, perpassando por temas como política, religião ou a dramaticidade do cotidiano, sedimentavam valores e perpetuavam, em palavras escritas ou faladas, a história do Nordeste. As lendas, mitos e aventuras, próximas ao realismo fantástico, retratavam o imaginário nordestino. Era na feira livre onde o nordestino, ilhado pela precariedade do transporte e do destino, se divertia e se informava.

Se a vocação de poeta sertanejo já lhe era assegurada, a profissão de repórter surgiu por acaso. “O cordelista é cheio de dificuldade atualmente. Quando comecei a escrever, o cordel era a notícia. Ganhei até o nome de poeta-repórter nas feiras. Se eu escrevia à noite, pela manhã já tava na tipografia pra ser vendido”. Zé Saldanha lembra que ao migrar com sua família para Currais Novos e trabalhar

Zé Saldanha



na indústria, presenciou um desastre de ônibus que matou 25 pessoas.

– Quando soube peguei o papel, a caneta e saí escrevendo quando ainda tinha gente estirada pelo chão. Do mesmo jeito aconteceu em Cerro Corá, quando um carro entrou por acidente num açude. Logo tomei nota, traduzi pra verso e no outro dia foi publicado. O jornal do interior era o cordel. Mas aí apareceram o jornal, a revista, o rádio, a televisão... A mocidade não olha mais o cordel. Agora fica envolvida nessas novelas, que só aparece o povo se agarrando.

Quando recorda os tempos de prestígio dos cordéis, produzidos ainda em folhas de papel-jornal, presos em barbantes nas barracas das feiras, Zé Saldanha lembra também do seu tempo de “menino-moço”. E sente saudades:

*“Na minha época passada
Namoro foi sacrifício;
A moça num edifício
E pelo pai vigiada
Pra poder ser namorada
Pedia licença aos pais
Hoje a moça e o rapaz
Vão se abraçar, se beijar
O mundo só veio prestar
Quando eu não prestava mais”.*

Industrial cordelista

Embora o poeta se valha da vocação de jornalista pra retratar fatos em poesias, conta que sustentava sua família de oito filhos trabalhando na indústria. Mas tudo começou ainda pequeno, na fazenda do pai, em Santana do Matos, quando o poeta iniciou-se nos versos, e naquela que bem representa as artes plásticas do sertão nordestino. “Comecei a escrever cordel e a fazer xilogravura ainda criança. Eu fazia um quadrado na tábua e saía abrindo com o canivete, moldando o desenho conforme o escrito. Fui o primeiro xilógrafo do Seridó”.

Da meninice Zé Saldanha guarda boas lembranças. Mesmo a trabalhar pesado no roçado com o pai, “puxando gado, sendo vaqueiro ou matuto”, o sertão era seu tesouro íntimo, sua casa. Lá mesmo em Santana do Matos, paralela à atividade da escrita, o cordelista começou a fabricar sapatos. Vendi muito calçado, durante mais de 30 anos”.

O segredo do sucesso dos sapatos fabricados por Saldanha é fácil de explicar: em cada caixa de sapato, uma propaganda em versos: “Sendo pra comprar calçado/ eu aviso aos meus fregueses/ eu ando de pé descalço semanas, dias e meses/ fico até de pé rachado/ porém só compro calçado na fábrica Menezes”. Embora Zé Saldanha diga que “vendia não pela

poesia, mas porque era um calçado bem-feito, bem polido”.

Nesse intervalo, entre fabricação de calçados, trabalhos em cordel e no roçado, Zé Saldanha casou-se com Joselina Dantas Saldanha, com quem teve oito filhos. Mesmo casado, Saldanha continuou a morar na fazenda Piató. O contato com cangaceiros era constante. “Eles apareciam armados pra pedir comida. Meu pai preparava o prato, mas não perguntava nem o nome, pra não dar intimidade”.

Em 1943, Saldanha recebeu um convite de um tio para ir à região de Bodominas, hoje município emancipado de Santana do Matos. “Lá estava se vendendo muita xelita. Mas detestei o trabalho na mineração, aí desisti”. Após mais essa experiência profissional, rumou para Cerro Corá com a família. A cena de quatro mil garimpeiros calçando sapatos atiçou as idéias do poeta. “Garimpeiro é vaidoso. Decidi ganhar dinheiro em cima deles e fui fabricar sapato de novo”.

Mas a fábrica, com 15 operários, não supria a necessidade de bons estudos para os oito filhos. No ano de 1963, a família se muda novamente, agora para Currais Novos, onde ele montou a fábrica de sapatos Menezes, agora com 40 funcionários. Lá, também vendeu queijos e doces. O trabalho, “de dia à noite”, fez com que o poeta largasse por alguns anos o cordel.

“Se não tivesse parado tinha pra mais de 5 mil livretos hoje”, comenta o cordelista, ao lado dos seus mais de 900 folhetos e oito livros sobre cangaço.

Ainda em Currais Novos, embora sem produzir cordéis, Zé Saldanha criou a casa do cantador do RN e a Associação Estadual de Poetas Populares, com filial também em Mossoró. Também em Mossoró ajudou a criar a Associação Brasileira do Estudo do Cangaço. Mas, “por uma necessidade de vida” Zé Saldanha larga o interior e vem para Natal, em 7 de janeiro de 1979. “Quero muito bem ao sertão, mas minha esposa adoeceu, com problema no coração, de maneira que os médicos me aconselharam levá-la pra capital. Mas ela ainda viveu 20 anos depois que chegamos”.

Os recantos do poeta

Hoje, aos 87 anos, Zé Saldanha divide seu tempo entre sua mercearia e bar “Recanto do Seridó” – onde vende pratos típicos do sertão – e, logo ao lado, o pequeno espaço de aproximadamente nove metros quadrados, onde produz e vende sua obra, a qual chama “Recanto do Poeta”. Na entrada, o recado: “Literatura de cordel, folhetos e livros direto do autor para os leitores”. Na parte superior do estabelecimento, o elogio à importância do cordel para a arte e história nordes-

Zé Saldanha

tina: “Horizontes dourados da cultura popular”.

A casa do poeta fica a poucos metros dos seus “Recantos”. Alguns filhos deixaram o interior para cuidar do pai. A família grande deixa movimentada a casa, mas Zé Saldanha prefere a solidão de seu Recanto. Lá, continua a produzir folhetos, agora no computador. “Tiro mil, dois mil reais por mês com o cordel. Sempre estive ao lado do cordel, mas nunca vivi dele”.

Segundo ele, o prestígio do cordel no Rio Grande do Norte é pequeno. “Passa o pessoal jovem por aqui e nem vem olhar. Só quem pára são os mais velhos. Mas todo dia vendo cordel, livretos, livros. Faço mais encomenda para o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná. Meu cordel é em formato de livreto, aí é mais caro. Tenho um livro sobre Lampião de 40 páginas que se vende por 10 reais. Meu livreto tem o mesmo número de páginas e eu vendo por 3 reais”.

Muito do processo de criação de seus folhetos é resolvido ali mesmo, no “Recanto do Poeta”. No computador ele digita o texto, elabora os desenhos das capas e imprime. Mas quando o livro é de 70 páginas acima, ele entrega a “Joãozinho” da gráfica.

Do cangaço e da literatura matuta Zé Saldanha guarda os primeiros folhe-

tos. Já a inspiração de hoje provém dos “acontecidos dos jornais, porque cordel é um trabalho que se infiltra por dentro de todas as matérias, do cangaço à filosofia. Mas eu escrevo livro também”. Intitulado “Matuto na Capital”, esse livro ganhou os mercados da Alemanha, França, Japão e estados do Brasil.

Saudades do Sertão

“Se Deus me der mais vida, completarei meu novo trabalho: ‘A Natureza, o Pássaro e o Poeta’. Deve sair com 200 páginas. Espero encontrar uma gráfica muito excelente para publicá-lo”. Neste livro, Zé Saldanha escreve sobre uma capital distante de seu passado, estranha aos olhos do sertanejo, “um lugar que matuto não se acostuma”. Em linhas bem traçadas, ele descreve a vida nas praças do Centro e todas as facilidades de educação e cultura desde a idade infantil à colação de grau.

Depois de “engrandecer” as belezas e qualidades da capital, Zé Saldanha emaranha-se pelas matas sertanejas, “porque a vida da cidade é muito diferente da vida do interiorano, do camponês, do ruralista. E digo: nunca gozou a vida quem não foi do sertão; quem nunca sentiu a terra cheirosa depois da chuva, nem ouviu o grito da sariema, nem o touro urrando dentro da mata. Não foi feliz quem não

ouviu o miado da onça, nem viu a casca-vel assanhada ao pé da serra; quem nunca ouviu o canto doído do acauã. Tenho até pena de quem não sentiu o ventinho maneiroso quando chega a noite, vindo lá dos matagais, nem sentiu aquela calma tão medonha que só o sertão tem”.

Mesmo com uma saudade doída do sertão, Zé Saldanha se diz contente e tranqüilo. Quem olha seu jeito ainda firme e lúcido, a alegria e a paz tomam ares de receita para longevidade. “Quem come muito vive pouco. Mas o segredo é não parar de trabalhar. Com 5 anos papai me carregava pro roçado, pro campo ou pra cidade. Comecei na lida muito novo, com gosto, liberdade e vontade. E depois fui pra indústria, onde trabalhei durante 45 anos, dormindo pouco e trabalhando muito, para criar 8 filhos estudados. E tudo que eu fiz foi tranqüilo e contente, sempre com riso e brincadeira. Ainda hoje quando estou só e olho pro céu, ainda fico espantado com tanta beleza que a natureza cria”. ■



Casa de Cultura Popular de Lajes

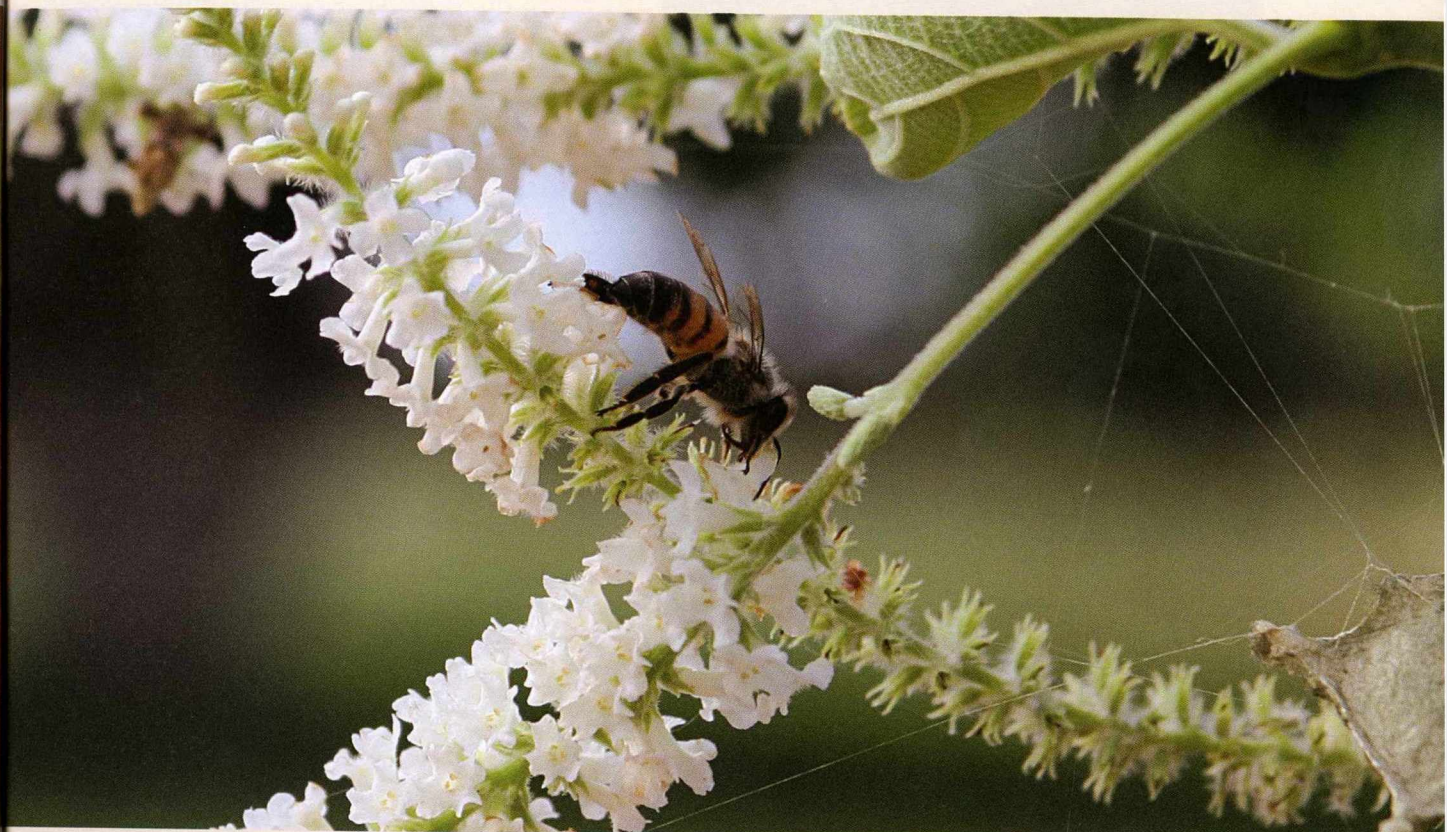
A governadora Wilma de Faria entregou em junho mais uma Casa de Cultura Popular no interior do Estado. O Palácio Alzira Soriano foi instalado em um prédio antigo, onde funcionava uma usina de algodão, no município de Lajes. O prédio foi doado pela Prefeitura Municipal.

O programa Casa de Cultura já instalou 12 espaços para o desenvolvimento da cultura no interior do Rio Grande do Norte, através de um investimento superior a R\$ 2,6 milhões. Em Lajes, o prédio de 900 metros quadrados de área construída, foi restaurado e equipado, a um custo de R\$ 315 mil. “Estamos oferecendo instrumentos para alavancar a cultura do nosso Estado e que vão refletir na geração de renda para

os artesãos e demais artistas de cada município que recebe a Casa de Cultura”, disse a governadora, ao lembrar que além do teatro com 140 lugares, o Palácio Alzira Soriano terá pinacoteca, café-bar, box para expor produtos artesanais e espaços para oficinas. Wilma de Faria assegurou recursos estaduais para implantação de 50 Casas de Cultura este ano. Já contam com esses equipamentos culturais as cidades de Martins, Currais Novos, Parelhas, Campo Grande, Açu, Caicó, Nova Cruz, Macau, Santa Cruz, Umarizal e Viçosa. As Casas de Cultura Popular são instaladas em prédios históricos restaurados, possibilitando assim a devolução desses monumentos arquitetônicos à comunidade. As obras são realizadas pela equipe da própria Fundação José Augusto, dispensan-

do o uso de empreiteiras, o que reduz consideravelmente o custo das obras. Para o presidente da Fundação José Augusto, François Silvestre, “nenhum governo tem tratado a cultura do seu povo com a dignidade e a dimensão como o de Wilma de Faria”. François lembrou que a responsabilidade de manter vivo o espaço é da comunidade. “A arte é feita pelo povo, a cultura é desenvolvida pela comunidade, que tem a responsabilidade de fazer bom uso deste equipamento”.

Alzira Soriano, que dá nome à Casa de Cultura de Lajes, foi a primeira prefeita do Brasil e da América Latina. Uma de suas primeiras ações como administradora de Lajes foi convocar intelectuais do Estado para desenvolver projetos de educação, saúde, urbanização e construção de estradas. ■



M E | Ensaio

Moraes Neto é natalense e repórter fotográfico há 29 anos. Trabalhou durante 19 anos no jornal Diário de Natal e hoje se dedica à sua empresa de fotojornalismo STILL. moraesneto.foto@click21.com.br



De 13 a 25 de junho o fotógrafo Moraes Neto percorreu – a serviço do SEBRAE-RN - sete municípios das regiões Central, Oeste e Vale do Açu (Lajes, São Rafael, Mossoró, Apodi, Severiano Melo, Caraúbas e Serra do Mel), fazendo fotos da produção de mel de abelha no Estado. O mel de abelha se transformou nos últimos dois anos numa extraordinária fonte de renda para os agricultores do semi-árido potiguar. Nesse período, a produção aumentou de 300 toneladas/ano para 1,5 toneladas/ano. Esse ano foram feitas as primeiras exportações para a Europa.

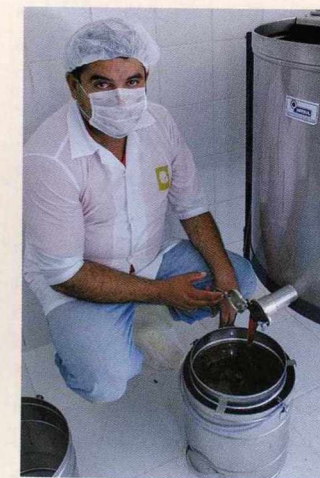
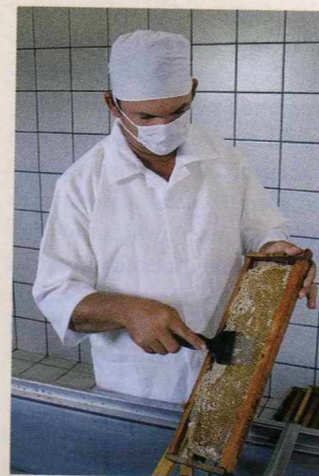
MEL Ensaio



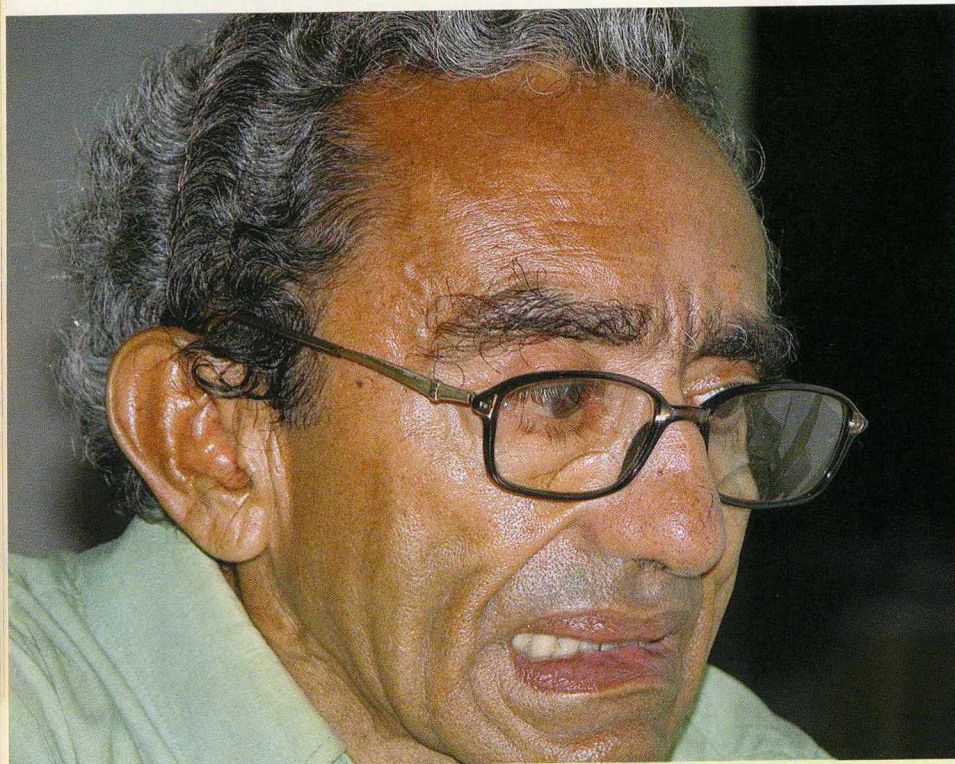


MEL (Caetano Veloso)

*Ó abelha rainha, faz de mim
Um instrumento de teu prazer
Sim, e de tua glória
Pois se é noite de completa escuridão
Provo do favo de teu mel
Cavo a direta claridade do céu
E agarro o sol com a mão
É meio-dia, é meia-noite, é toda hora
Lambe olhos, torce cabelos
Feiticeira vamo-nos embora
É meio-dia, é meia-noite
Faz um zum na testa, na janela
Na fresta da telha
Pela escada, pela porta
Pela estrada toda afora
Ânima de vida
O seio da floresta amor empresta
A praia deserta zumbe na orelha: concha do mar
Ó abelha, boca de mel
Carmim, carnuda, vermelha
Ó abelha rainha, faz de mim
Um instrumento de teu prazer
Sim, e de tua glória*



Palocha



Por David Clemente

Foto: Anchieta Xavier

Pequenino, franzino, de gestos também pequenos e dicção meio confusa. Frágil seria um rótulo que se enquadraria no estereótipo de Paulo Francinete da Rocha, mais conhecido como Palocha. Entretanto, em alguns minutos de conversa é fácil perceber o quanto cabe de conhecimentos naquele cidadão de um metro e meio de estatura (da última vez que se mediu, ele disse que marcou 1,48 m) e 66 anos de idade, intelectual e cinéfilo.

Palocha foi e é um natalense atuante. Desses que acompanharam o desenvolvimento da cidade de perto, freqüentando os bairros onde estava o comércio e dando conta dos estabelecimentos que fechavam, abriam, cresciam ou faliam. Desde que entrou para a população economicamente ativa, até se aposentar, ele trabalhou numa única empresa: a Tipografia Santo Antônio, no bairro da Ribeira, que ficava próxima ao Beco da Quarentena.

Seus pais moravam no bairro de Cidade Alta, quando ele nasceu, em 1939, e foi lá onde morou por muitos anos. Sua mãe

Um menino feliz de 66 anos

era predominantemente dona-de-casa, mas também fazia as vezes de enfermeira quando podia. Seu pai era agricultor, dono de um pedaço de terra no bairro Passo da Pátria. “Naquele tempo o bairro tinha apenas 50 casas, ninguém roubava ninguém, os passarinhos cantavam livremente e o rio Potengi, limpo como deveria ser até hoje, dava camarão”, lembra Palocha nostálgico.

Quando Palocha ainda tinha dez anos de idade, seu pai faleceu. Pôde acompanhar apenas a iniciação intelectual do filho que aos oito anos ficava boquiaberto com a biblioteca que possuía seu vizinho, o marinheiro Manoel Bernardino. Palocha não lembra a idade exata com que aprendeu a ler, mas tem certeza que foi sua tia Geralda que era professora normalista quem o ensinou. “As professoras normalistas eram as que ensinavam as crianças. Naquele tempo elas não podiam se casar antes do término do curso”, conta o sobrinho orgulhoso pela dedicação da tia. Sua mãe, sim, se casou novamente. No segundo matrimônio teve mais dois filhos. Arredondando para cinco o número de irmãos de Palocha.

Três anos após perder o pai, era a vez de Palocha começar a trabalhar. A Tipografia Santo Antônio assinou sua carteira

de trabalho e lá foi ele: “intercalador, confeccionador, entregador, fazia os pagamentos... tudo era comigo”, conta. Segundo Palocha, nove entre dez firmas de Natal daquele tempo ficavam na Ribeira. Pelo menos isso facilitava as entregas, já que todas eram feitas a pé. “Exceto quando era mercadoria grande, aí íamos de táxi. Todos os grandes comércios trabalhavam conosco”. Visitar tantas empresas deu a Palocha a oportunidade de conhecer muita gente, fazer muitos amigos e tornar-se uma figura popular. “Sou mais conhecido que farinha. Se eu fizer alguma besteira, tô lascado!”, brinca. Sua simpatia o ajudava a conseguir comprar o que necessitava. Geralmente livros. Os donos das livrarias o conheciam e facilitavam o pagamento.

Torcedor do ABC desde 1947, Palocha foi aos poucos deixando de acompanhar o seu time de coração. Conta que foi muitas vezes ao Juvenal Lamartine, mas confessa que depois de 1975 deixou de ir a estádio. Ele ainda guarda na memória os nomes dos craques do passado, como Jorginho, Albano e Piloto. Revela que viu atuar três grandes zagueiros: Toré, Gajeiro e Cuíca. “Esses três estão entre os melhores de todos os tempos do futebol potiguar”, diz

Cine Clube Tirol: diversão e cultura

Próximo aos seus 20 anos, incentivados pelo Padre Manoel Barbosa, Palocha e outros amigos começaram a se reunir no salão paroquial da igreja de Santa Terezinha para assistir filmes. Era o pontapé inicial para o nascimento do Cine Clube Tirol.

Quando se tornou consistente, o Cine Clube Tirol teve de mudar-se para um lugar onde coubessem mais espectadores. Foram, então, para o Cine Rex que ficava no prédio onde atualmente é uma filial das Lojas Insinuante, de frente para as Lojas C&A, no centro da cidade. Em seguida foi a vez do Cine Nordeste porque “era da mesma empresa e tinha ar condicionado”, justifica Palocha. E ainda teve passagem pelos cines Rio Grande e Poti.

O que havia começado como uma reunião de amigos para apreciarem cinema passou a atrair a atenção da população em geral. As exhibições dos filmes foram batizadas com o nome de Sessão de Arte. Pessoas de todos os níveis sociais, de auxiliar de serviços gerais a médico, eram bem recebidas pelos sócios. O dinheiro arrecadado servia para investir em livros

Palocha

para os sócios do clube e mais filmes. O Cine Clube Tirol existiu de 1961 a 1985 e até hoje causa sonhos em Palocha: “Se tivesse dinheiro compraria o Rio Grande para restaurar”.

Sem dúvida, o cinema teve influência direta na vida do tipógrafo que fez das telas seu principal hobby. Principal, mas não único. Porque depois de sair da sala escura, uma mesa de bar receberia os cinéfilos de plantão para mais uma discussão cinematográfica. E depois do bar, todos animados, era hora de namorar. Seguiam para os cabarés da Ribeira. “Frequentei tudo por lá. Não havia o terror da AIDS”, descreve Palocha, que não casou porque sempre preferiu diversão com as mulheres das quais era cliente. Nos fins de semana que não ia ao cinema ou aos cabarés, estaria na esquina da Avenida Princesa Isabel com a Rua João Pessoa, no “Grande Ponto”, e relata brincando da tranquilidade que era: “O maior perigo era os cachorros vira-lata”.

A farra era boa. Mas tinha que ser controlada porque Palocha precisava ajudar na renda da família. Com o falecimento do seu pai, seu padrasto assumiu o posto no plantio. Além de colher o que plantava, também vendia capim e alguns goiã-muns que pegava próximo ao rio Poten-

gi. Se a renda era suficiente? Palocha responde: “Não era muito. Pobre é pobre. Mas não tínhamos inveja de ninguém”.

Tipógrafo por opção

Apesar de ser intelectual por natureza, Palocha nunca foi ambicioso. Gostava tanto de trabalhar com tipografia que mesmo tendo estudado contabilidade na Escola Técnica de Comércio de Natal, onde terminou o curso técnico de contabilidade, nunca chegou a exercer. Outra chance de mudar de emprego foi quando passou no concurso do INSS em 1962. Nesse segundo, ele perdeu a prova oral porque quando soube do prazo já era tarde demais. Assim, trabalhou a vida toda ganhando menos de dois salários mínimos. Mas feliz por fazer o que gostava.

Hoje em dia a rotina de Palocha mudou muito. Ele ainda acorda às cinco da manhã e passa o dia todo fora de casa. Não mais trabalhando, passeando. Ele perdeu o hábito de frequentar o cinema porque os filmes atuais não o agradam tanto. Não senta mais à mesa em bares como antigamente porque uma recomendação médica não o permite. Além disso, na mesa não terá mais os velhos amigos

para discutir a película. E mais uma vez falou do medo que tem para sair de casa à noite. No período noturno ele fica em sua casa, onde mora sozinho. Costuma ouvir rádio e preserva o hábito da leitura com livros emprestados ou adquiridos, geralmente em sebos.

No final da entrevista, Palocha fez-se de guia turístico para apresentar um velho conhecido: o bairro da Ribeira. O indicador apontou para “aquele prédio, aquele outro, aquele acolá, aquele que era um só e agora está dividido...”. Mais interessante que ver os prédios que ele indicava era perceber a empolgação com que o fazia. Algumas vezes lembrava um menino encontrando um brinquedo outrora escondido no fundo de um baú; outras vezes era como se visitasse uma terra muito distante onde teve poucas oportunidades de ir. Assim é Palocha. Um simples menino de 66 anos. Feliz com o que tem, sobretudo na memória. ■

Centenário do nascimento de Jean-Paul Sartre

Laurent Camerini (Diretor da Aliança Francesa em Natal)

Para comemorar o centenário do nascimento de Jean-Paul Sartre, a Aliança Francesa de Natal e o Consulado da França em Recife organizaram, de 9 a 23 de agosto, em conjunto com a UFRN e o Núcleo de Arte e Cultura da Universidade, a comemoração do nascimento do famoso escritor e filósofo francês, que contou com apresentação de uma exposição na galeria da Aliança Francesa. Na UFRN, se exibiu “Temos razão em nos revoltar”, documentário sobre a trajetória política de Sartre e foi realizada uma Mesa Redonda sobre o escritor. A comemoração propiciou uma ocasião para compreender qual é o sentido de celebrarmos o centenário do seu nascimento.

Jean-Paul Sartre nasceu em Paris no dia 21 de junho de 1905 e morreu na mesma cidade no dia 15 de abril de 1980. Vinte e cinco anos após sua morte, e no centenário do seu nascimento, o que subsiste do pensador, romancista e dramaturgo francês? Algumas obras de teatro como “Huis-clos” (Portas fechadas) e a sua famosa frase “O inferno é os outros”? A imagem do chefe dos grupos existencialistas no bairro de Saint Germain-des-Prés, em Paris? O seu engajamento político? Ou será que só permanece aquela figura sardenta, e cuja vesguice se escondia atrás de um pesado par de óculos?

A literatura de Sartre é por definição uma literatura filosófica: transforma os pensamentos em personagens e seus destinos. Em 1948, em “Qu’est-ce que la littérature?” (Que é a literatura?), Sartre insistiu sobre o conceito de literatura engajada, que discute os atuais problemas políticos e sociais: para ele seria essa a única literatura possível e útil. Foi premiado com o Nobel de Literatura de 1964, que desconsiderou afirmando que *o escritor não se deve deixar transformar pelas instituições*.

Como pensador, Sartre pertence à ala dos filósofos existencialistas ateus, entre os quais se inclui Merleau-Ponty. Para ele, o existencialismo é, fundamentalmente, uma antropologia, quer dizer, uma reflexão filosófica sobre o homem, ou melhor, sobre o ser do homem enquanto existente. Para Sartre, a existência precede a essência. “Significa que o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e que só depois se define. O homem, tal como o concebe o existencialista, se não é definível, é porque primeiramente não é nada. Só depois será alguma coisa e tal como a si próprio se



Centenário do nascimento de Jean-Paul Sartre

fizer. Assim, não há natureza humana, visto que não há Deus para a conceber”.

Sua produção intelectual foi fortemente marcada pela Segunda Guerra Mundial e pela ocupação nazista da França. *A Guerra dividiu a minha vida em duas*, afirmará Sartre. Curiosamente, enquanto servia ao exército francês numa estação meteorológica, dedicava-se à leitura de Heidegger. A impenetrável metafísica do alemão absorveu Sartre completamente, pois ele visava escrever uma obra filosófica singular. Durante a guerra, o pensamento existencialista de Sartre evoluiu rapidamente. Lançando suas raízes tanto para o empirismo de Hume, quanto para o racionalismo de Descartes, mostrando suas implicações, Sartre desenvolve com radicalidade o conceito da liberdade humana, ante o absurdo. O existencialismo mergulha a filosofia na ação, tornando-se quase uma estratégia de vida. O impacto da Resistência Francesa agiu sobre sua concepção política de engajamento. A noção de engajamento significa a necessidade de um determinado pensador estar voltado para a análise da situação concreta em que vive, tornando-se solidário nos acontecimentos sociais e políticos de seu tempo. Pelo engajamento, a liberdade deixa de ser apenas imaginária e passa a estar situada e comprometida na ação. Assim, ao escrever a peça de teatro “*Les Mouches*” (As moscas), que versa sobre o tema do mito grego de Orestes e Electra, Sartre na verdade faz uma alegoria à ocupação alemã em Paris. Com essa obra, inaugura o chamado *teatro de situação*.

Ao lado de Simone de Beauvoir, também filósofa existencialista e sua companheira de toda a vida, Sartre participou da vida política não só da França, mas mundial. Apesar de marxista, nunca deixou de criticar o autoritarismo, sobretudo quando as forças soviéticas invadiram a Tchecoslováquia. Saía à rua em protestos e, com a impunidade que lhe conferia a sua figura de cidadão do mundo, vendia nas

esquinas “*La Cause du Peuple*” (A Causa do Povo), jornal maoísta, sem que ninguém ousasse prendê-lo e multiplicava atividades como conferências e passeatas como meio de apressar a revolução socialista. Em 1960 e 1961 viajou para Cuba e Brasil, onde foi festivamente recebido pelas esquerdas. Com Simone de Beauvoir, passou a maior parte do seu tempo em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Brasília, e se encontrou com personalidades como Oscar Niemeyer, Jorge Amado e Fernando Henrique Cardoso. Deu uma longa entrevista para a TV Excelsior de São Paulo e uma conferência em Araraquara que seria mais tarde publicada em livro. Sua revista “*Les Temps Modernes*” (Os Tempos modernos), tornou-se sua voz na França e no mundo. Nela, Sartre faz pronunciamentos sobre fatos contemporâneos. Os extremistas de direita queriam sua morte, a polícia sua prisão, mas ele tinha no General De Gaulle um aliado que afirmava ser Sartre um grande homem da história.

Teve um funeral impressionante pela massa popular que compareceu, estimada em 25 mil pessoas. O cortejo percorreu o Quartier Latin e a Rive Gauche, lugares marcantes de sua vida, onde produziu, viveu e onde concebeu o pensamento que seria o de toda uma geração. Para muitas pessoas, a atualidade dos seus escritos e pensamentos se explica pela necessidade de nossa época refletir sobre si mesma. ■

FOCO
POTI
GUAR

O eclipse (1962)

Michelangelo Antonioni

Marcos Aurélio Felipe

<http://7arte.zip.net/>

Com o lançamento do DVD “O Eclipse” (1962), do diretor italiano Michelangelo Antonioni, agora se tem acesso a todos os filmes da famosa trilogia da incomunicabilidade, composta ainda por “A Aventura” (1960) e “A Noite” (1961). São filmes com um conjunto de signos, cuja atmosfera caracteriza-se pelo vazio, a solidão e o tédio nas relações humanas. Em todos, uma temática medeia a composição de seus personagens, histórias e espaços: a impossibilidade de manter-se junto ao outro, ainda que este outro seja aquele com quem se mantém, ou se manteve, uma relação afetiva.

Quando inicia o filme “O Eclipse”, que conta a relação em colapso de Vittoria (Monica Vitti) e Riccardo (Francisco Rabal), um diálogo nos informa a noite anterior como o estopim da impossibilidade de continuar havendo qualquer relação afetiva entre os personagens. Fundado em uma elipse, não sabemos as motivações do rompimento, da separação iminente, já que para Michelangelo Antonioni a História não importa, pois, em sua poética, o que importa mesmo são as marcas em cada ato, o presente das situações vividas e, enfim, o que existe no que vemos (o abrir a cortina, o afastar-se do outro, o jogar-se no sofá).

Se pouco importa o passado, então é o que “vemos” e não o que “sabemos” que ordena a composição de “O Eclipse”. Portanto, o que emerge como dado da visão, em Antonioni, são intervalos enormes entre uma tomada e outra e espaços intermináveis entre cada ação – bases estruturantes também dos outros filmes da trilogia. Em quase todas as cenas, os planos nos permitem enxergar mais o vazio que move

os personagens e a imobilização frente à ausência de sentimentos e afeto em relação ao outro. Aliás, não existe nem mesmo ação, uma vez que o diretor condena-os a viver um quase eterno presente em situações de indiferença e rejeição.

O neurologista Olivier Sacks, no documentário “*Janela da Alma*” (2002, de João Jardim e Walter Carvalho), explica que, em muitos casos, o sentido do afeto desaparece quando a emoção desvincula-se da imagem – são momentos que não nos reconhecemos no outro porque não os reconhecemos mais. É exatamente o que acontece, em “O Eclipse”, entre os personagens Vittória e Riccardo e, posteriormente, entre Vittória e Piero (Alain Delon) – jovem corretor da Bolsa de Valores que, nas seqüências finais, mantém um relacionamento com a personagem de Monica Vitti (protagonista também de “A Aventura”).

Diante do vazio e da solidão das relações humanas, cuja base encontra-se em intermináveis intervalos entre tomadas e ações, não há espaço para Eros que, em Antonioni, está cansado e doente de sentimentos. “O que aconteceu com o amor para que um homem e uma mulher saiam de uma relação desmunidos, lamentáveis e enfermos?”, se pergunta Deleuze em seu livro “*Imagem-Tempo*” (1986). O que resta, então, é abrir a cortina e ver a paisagem, perambular pelas ruas da cidade para senti-la e, na seqüência final, constituída por 56 planos, dar lugar à câmera que esquece os personagens e “espia” a cidade que nasce e morre na noite densa. ■

Literatura e pesquisa na Internet

Três ótimos endereços na Internet para quem gosta de literatura e pesquisa: os portais www.portalliterar.com.br e www.dominiopublico.gov.br e o site www.raibrito.com.br. No Literal, entre outras coisas legais, o internauta poderá acompanhar aulas virtuais de Oficina Literária; o Domínio é uma biblioteca digital, composta, em sua maioria, por obras que se encontram em domínio público ou que contam com a devida licença por parte dos titulares dos direitos autorais; e o último apresenta a biblioteca virtual do pesquisador potiguar Raimundo Soares de Brito, acervo reunido ao longo de seis décadas de pesquisas, recortando e catalogando de forma voluntária e artesanal, documentos e publicações sobre os principais fatos ocorridos no Rio Grande do Norte.

Concurso para projeto do Teatro de Natal

Estão abertas até o dia 22 de setembro próximo, as inscrições para o concurso público nacional que escolherá o projeto arquitetônico do Teatro de Natal, com capacidade para receber um público de 2500 pessoas. O edital do concurso poderá ser consultado no site www.fja.rn.gov.br. O resultado final será publicado no Diário Oficial do Estado do RN, no dia 26 de outubro de 2005. Serão conferidos aos três primeiros lugares os seguintes prêmios: 1º colocado: R\$ 60.000,00; 2º colocado: R\$ 30.000,00; e, 3º colocado: R\$ 15.000,00. O valor do contrato a ser celebrado entre o vencedor do Concurso e o Governo do Estado, para o desenvolvimento do Projeto Executivo e Coordenação e Desenvolvimento dos Projetos Executivos Complementares, será de R\$ 520.000,00.

Prêmio Luís Carlos Guimarães

Os vencedores do V Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, da Fundação José Augusto, serão anunciados até o final de setembro. A lista dos vencedores poderá ser conferida no site www.fja.rn.gov.br. Este ano se inscreveram 189 poetas de todo o Estado.

Festival do Vídeo Potiguar

Estão abertas as inscrições para o 5º Festival do Vídeo Potiguar, que será realizado na Capitania das Artes, nos dias 29 e 30 de setembro, com sessões às 15 e 19 horas. O patrocínio é do Banco do Brasil, através da Lei Djalma Maranhão. As inscrições podem ser feitas na Fundação Hélio Galvão, rua Campos Sales, 930, no Tirol, de segunda à sexta-feira das 9h às 11h e das 14h às 17 horas. O Festival do Vídeo está inserido no calendário do 15º Festival de Cinema de Natal, programado para dezembro. Mais informações: (84) 9983-1047.

Teatro Alberto Maranhão

A programação do Teatro Alberto Maranhão para setembro é a seguinte: No dia 1º, às 21 horas, será exibida a peça "Memórias de um suicida", do grupo cearense LEMA; dias 2 e 3, às 21 horas, a Armazém Cia. de Teatro, do RJ, apresenta a peça "A caminho de casa"; no dia 4, às 17 horas, será mostrada a peça infantil "A namorada dos três porquinhos"; dias 7 e 8, às 21 horas, é a vez da comédia "As coroas"; dia 8, às 21 horas, apresentação da Banda Sinfônica da Funcarte; dias 23 e 24, às 21 horas, o humorista Espanta sobe ao palco com o espetáculo "Espanta rasgando o verbo"; no dia 26, às 15 horas, a Orquestra Sinfônica do RN, apresenta Concerto Didático e no dia 27, às 20h30, Concerto Oficial; no dia 30, às 21 horas, haverá apresentação do Grupo Parafolclórico da UFRN. Mais informações: 3232-9704.

Nova revista de cultura

A Fundação Cultural Capitania das Artes lançou em agosto a revista cultural *Brouhaha* – Vozes na Cultura Potiguar, que terá periodicidade trimestral. O projeto gráfico é assinado pelo designer Afonso Martins, com edição do jornalista Moisés de Lima e equipe da Capitania das Artes.

Projeto Seis e Meia

O Projeto Seis e Meia apresentará nas três primeiras terças-feiras de setembro, no Teatro Alberto Maranhão, a partir das 18h30, shows com os cantores Artur Maia (dia 6), Walter Franco (dia 13) e Wilson Simoninha (dia 20). Ingressos a 10 reais.

Exposições de Artes Plásticas

Na Galeria Newton Navarro, na FJA, está aberta até o dia 30 de setembro, a exposição "Como antigamente", da artista plástica Célia Albuquerque. E no Espaço Cultural Odilon Ribeiro Coutinho, também na FJA, ficará aberta até o dia 30 de setembro, a exposição "Gravura – Estampa da Arte", dos artistas plásticos Aucides Sales, Flávio Freitas, João Natal, João Viannei e Yolanda Carvalho. A exposição "Impressionismo - História e seus reflexos" está aberta no Palácio Potengi da Cultura, em Natal, até o dia 16 de setembro. A mostra conta com reproduções de Monet, Renoir e Degas, entre outros.

Revistas em Quadrinhos

Natal conta desde o mês passado com a gibiteria "Garagem Hermética". Fica na Av. Prudente de Moraes, 3857 – Shopping Natal Sul, em frente ao Hiper Bom Preço, da Prudente. Fone: 8843-2901, e-mail: ghermetica@gmail.com. Quem curte quadrinhos não pode deixar de conhecer o espaço, que tem à frente a poetisa Milena Azevedo.

Literatura na Televisão

A TV pode fazer programas inteligentes. Em qualquer área. É só querer. Confira o excelente Entrelinhas, sobre literatura, exibido aos domingos na TVU, às 21h30, e tirem suas conclusões.

Filmes recomendados

Filmes que a Preá recomenda, quase todos disponíveis nas locadoras, em DVD: Não se mova, As confissões de Schimidt, Balzac e a costureirinha chinesa, Herói, Lado selvagem, A queda, Depois que Otter partiu, Valentim e O mesmo amor, a mesma chuva. Valentim, do diretor Alejandro Agresti, foi o filme mais premiado pela associação de críticos argentinos em 2002; ganhou sete Condor de Prata (melhor filme, diretor, roteiro original, revelação masculina – o menino Rodrigo Noya –, música, direção de arte e montagem). O mesmo amor, a mesma chuva é dirigido pelo argentino Juan José Campanella. Este é o primeiro de dois filmes em que o diretor e o ator Ricardo Darín trabalharam juntos. O posterior foi O filho da noiva.

13 PORT 1 Josimey Costa (Escritora)

Romancista: Nei Leandro de Castro

Poeta: Marize Castro

Livro: "O alvissareiro"

Filme: "Fabião das Queimadas: poeta da liberdade"

Diretor/cinema: Paulo Caldas

Ator/atriz: Lázaro Ramos

Pintor: Maria Ferreira

Cantor/cantora: Cida Lobo

Compositor: Giovanni Rodrigues

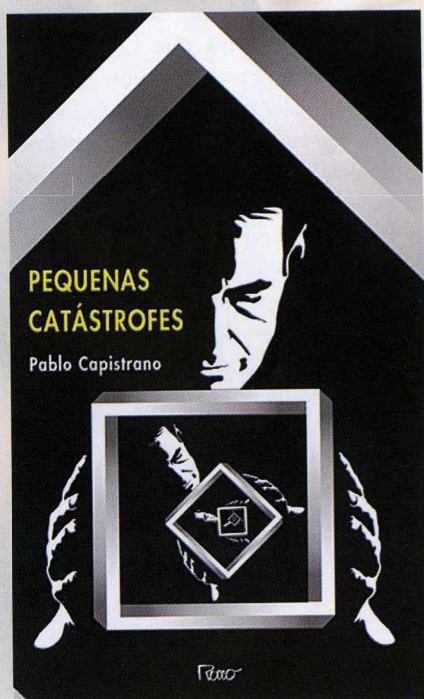
Música: "Idílica"

Peça teatral: "Uma coisa que não tem nome"

Intelectual: Ceiza Almeida

Personalidade cultural do RN: Nisia Floresta

Selo Safra XXI edita "Pequenas Catástrofes"



Primeiro foi o Prêmio Literário Câmara Cascudo, da Fundação Capitania das Artes, que o livro de ficção "Pequenas Catástrofes", conquistou, em 2003. Depois, a primeira publicação feita pela A.S Editores, na Coleção Letras Potiguanas, teve sua edição esgotada em pouco mais de um ano. Só isso poderia ser um "gás" a mais para Pablo Capistrano – autor da obra – se sentir disposto a alçar vôos mais altos. Mas, a motivação principal que levou "Pequenas Catástrofes" a ser escolhido pela Editora Rocco, foi uma

determinação que parte de dois princípios do escritor: Viver para escrever e ter algo a dizer a quem quiser ouvir, melhor dizendo, quem quiser ler.

A trajetória do PC (ele jura que as iniciais de "Pablo Capistrano" e "Pequenas Catástrofes" são pura coincidência) merece atenção porque as coincidências e facilidades param por aí. Para lançar a obra, em nível nacional, na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, em maio passado, no estande da Rocco, o escritor percorreu um longo caminho: enviou dossiês a editoras nacionais, fez contatos – não obteve respostas em alguns casos – e teve de viajar ao Rio de Janeiro para conversar com o conselheiro editorial do Selo Safra XXI, do qual o livro faz parte. O objetivo do novo selo da Rocco é publicar "jovens e talentosos autores que ainda não eram conhecidos do grande público". Nomes como o francês Martin Page; a americana Hannah Tinti e o carioca Dodô Azevedo. É bom lembrar que Pablo Capistrano, 31 anos, natalense, é o único nordestino a fazer parte do Selo Safra XXI. E, como não esquece disso, relançou seu livro em Natal no dia 30 de julho passado. E ainda pretende lançar em Mossoró.

Sobre o livro, Pablo diz o seguinte:

"Comecei pensando em fazer um ensaio. Estava numa fase ainda acadêmica, saindo do curso (de Filosofia) e imaginei produzir um ensaio com idéias e autores que me interessavam. Mas fui me desgastando muito com esse tipo de escrita. Enchi o saco! Comecei a ler e não gostei do que estava escrevendo. Então, resolvi escrever uma história e enxertar determinados tópicos que me fascinavam na época, de coisas que eu estava lendo, como Wittgenstein, o nazismo, música e esses textos foram entrando naturalmente no livro. Eles iam aparecendo e eu ia montando a história em cima dessas referências. Algumas eram extremamente circunstanciais. Outras eram mais sólidas como, por exemplo, Nietzsche, ou o próprio Wittgenstein, que é uma influência muito forte, e eu tenho um pouco mais de apropriação dessa influência. Eu fiz uma tese de Mestrado sobre ele e até hoje o estudo. Gosto muito do pensamento dele. Tem também muita influência de magia, de misticismo, que foram leituras que eu fiz quando tinha 14, 15, 16 anos. Durante muito tempo eu fiquei influenciado por místicos como Levi, Papus e a Cabala".

Aventura e filosofia

Bráulio Tavares

(autor de "A máquina voadora" e pesquisador de ficção científica)

O romance de Pablo Capistrano é uma aventura histórica e filosófica, como os romances de um Colin Wilson, onde a discussão de questões científicas é tão relevante quanto o que acontece com os personagens. É acima de tudo a aventura espiritual de pessoas que decidem viver situações-limite para testar as fronteiras de sua própria natureza humana, e, talvez, conseguir ampliá-las.

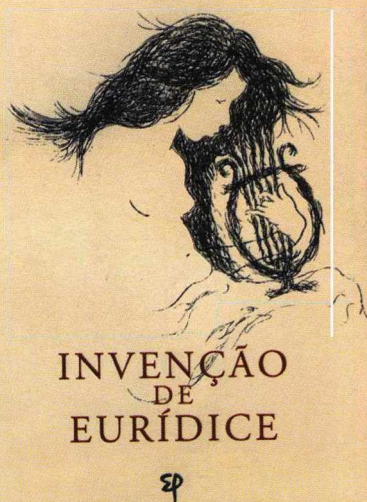
Ao reencontrar um amigo de infância, o narrador mergulha numa área sombria da mente humana onde a música do Velvet Underground e a filosofia de Nietzsche servem como senha (ou isca) para um passeio por experiências de transcendência mental e de mutação genética. A produção em laboratório de uma droga baseada em alcalóides da Amazônia anuncia a criação de super-homens capazes de evocar o inconsciente coletivo ou o espírito dos antepassados. O rock, a filosofia e as experiências com estados alterados da consciência são os motores da narrativa de Pablo Capis-

trano, que começa e termina em Natal, onde o narrador deixa-se seduzir por esta aventura e começa a percorrer um trajeto que o leva à Alemanha pós-nazista e a um templo misterioso na Grécia, sempre guiado pelo elusivo Max Demian.

"Pequenas Catástrofes" é uma narrativa que começa vagarosa e vai ganhando "momentum" à medida que avança e que o protagonista penetra quase a contragosto nesse mundo resultante do encontro entre as filosofias da transcendência e os paraísos artificiais criados em laboratórios químicos. É um dos lados menos explorados da ficção científica, literatura na qual as aventuras espaciais são muito mais numerosas do que as experiências com a mente, quando no mundo real o que ocorre é justamente o inverso. A aventura de "Pequenas Catástrofes" é a que decorre do encontro entre uma mente brilhante e um coração satânico. A aventura faustiana do querer saber, de querer abrir as entranhas do Universo para ler as pegadas do futuro nessas visceras feitas de ondas e partículas.

A farpa e a lira

Iracema Macedo



Abrahão Costa Andrade

(Doutor em Filosofia pela USP e professor adjunto do curso de pós-graduação em filosofia da UFRN. Autor de "O idioma dos pães" (poesia) e "Angústia da concisão" (ensaios))

Gostaria de interrogar a obra poética de Iracema Macedo sobre a posição do sujeito lírico face à sociedade vigente. Atinemos, então, numa primeira abordagem, para o poema "Ardil", peça de 1991, publicado em "Vale feliz" e republicado em "Lance de dardos" (2000):

*Como podes querer que eu me contente
se o reino todo padece?*

*Como arrisco diante de ti
empinar os seios e cantarolar faceiramente
sem que o ardil se acenda em minha voz?
Como ousar meu ventre e minha cara?*

*Pai, te afasta de nós,
Pois se já estamos envenenados,
Que nos importa beber o cálice agora?*

Chama-nos a atenção neste poema o uso da segunda pessoa do singular a quem se dirige a voz lírica: "como podes?" Quem pode? A resposta só nos vem na segunda estrofe, com o "Pai, te afasta", mas os dêiticos "de / nós" reverberam contra a pri-

meira estrofe, que traz apenas um "eu" em "me contente", "arrisco", "minha voz", "meu ventre", "minha cara". Sem ainda procuramos saber quem é esse Pai, é notável que esse Pai impõe ao eu que demonstre uma alegria, imposição logo questionada, pois a alegria, ou o contentamento (que também pode ser entendido como uma forma de resignação, também liminarmente recusada), caso fosse levada a cabo se esbarraria no padecimento generalizado do "reino": "se o reino todo padece", o segundo verso da estrofe inicial.

Ora, é esse "reino", junto com o "eu" que se recusa a se alegrar sozinho, que forma o "nós" da segunda estrofe. E "Pai", longe de qualquer outra interpretação demasiado simbólica, pode ser tomado literalmente, e ser o pai mesmo, "reino" sendo, então, uma metonímia de "família". Por que não? Assim complicaríamos o que houvesse nesse pedido do pai para que a filha se contente e empine os seios e cantarole faceiramente... Mas, então, a objeção da filha, nessa hipótese, não é devida apenas ao padecimento de um "reino" provavelmente excluído de uma experiência de contentamento genuíno, e sim da ordem da *performance individual*: "como arrisco diante de ti empinar os seios e cantarolar faceiramente?" Quer dizer, de onde tiro essa ousadia incestuosa? Ousar o ventre e a cara seria, neste

contexto, experi-los sem os limites da vergonha. Mas a elaboração dos versos em forma de perguntas oferece uma impressão de simetria que é por si só enganadora. "Como podes... se o reino?" "Como arrisco... sem quê?" Observe-se, porém, que, no primeiro caso, a indagação é dirigida ao tu, ao passo que, no segundo, é a si mesmo que o eu lírico se dirige. Aqui toda a diferença. No primeiro caso, o que ameaça obstar a alegria é o padecimento do reino; no segundo, o que ameaça obstar a ousadia é a insinuação iminente de um ardil, presente já no título, e que pede para ser decifrado.

Que astúcia está preste a ser efetuada sobre essa impossibilidade de contentamento? Se pensarmos que o Pai seja o Pai primordial, de que falava Freud em *Totem e tabu*, cuja morte ritual deu origem ao nascimento das hordas dos irmãos parricidas (e arrependidos) e da (subseqüente) interdição do incesto, raiz do processo civilizatório, ainda segundo Freud, para quem a civilização se sustenta na frustração do princípio de prazer (cf. Mezan, 1983 e Freud, 1984). No caso dessa leitura se sustentar, sou levado a supor que o "ardil que se acende na voz" só pode ser a própria linguagem, que, como lembra Lévi-Strauss, nasceu junto, de um só golpe, com a sociedade (cf. Lévi-Strauss, s/d). Assim, se o ardil se acende, a linguagem surge como ín-

dice de que a civilização ronda o desejo, e o ronda para interditar sua realização. Tudo se passaria, então, como se a oportunidade de dizer algo fosse gêmea da necessidade de calar, pois seduzir o Pai implica o uso de um instrumental cuja possibilidade de uso está intimamente ligada à impossibilidade *desse uso*, a sedução. Com efeito, fora, dessa vez, do ardil sintagmático do verso, a frase em questão seria pronunciada assim: "Como arrisco cantarolar faceiramente sem que o ardil se acenda em minha voz?" Como ousar tentar te seduzir com meu ventre e meu rosto desnudos e essa voz melodiosa, se ao cantar a palavra salta de minha boca e, isto feito, logo me lembro, arditamente, que o evento que a possibilitou, a civilização (a linguagem), foi o mesmo que só se tornou possível com a interdição do incesto, quer dizer, com a impossibilidade de te seduzir concretamente?

À angústia passível de ser vislumbrada nessa impossível realização de um desejo (o desejo de empinar os seios e cantarolar, de ventre e face exibidos diante do pai), sejam imputados o "envenenamento" do segundo verso da última estrofe e o cálice (que, segundo certa tradição, só pode ser amargo, mas já então indiferente).

O salto de uma estrofe para a outra, es-tando certa nossa inferência, é da mes-

ma natureza da desistência da raposa em relação às uvas, da famosa fábula. "Pai, te afasta de nós". Esta parece ser a única solução possível. Afastar-se do objeto de desejo frente à iminência de encarar a realidade de sua inacessibilidade. Dentro, contudo, de uma leitura que tentasse situar a posição do eu face à sociedade, continuaríamos a ter presente postura igualmente solidária à dos versos iniciais. O afastamento do pai (ou, no caso do mito freudiano, seu assassinato) é a condição da impossibilidade do incesto, e com isto da possibilidade da civilização.

Para que haja um reino, padecido ou não, para que haja um nós, envenenados ou não, é preciso que o pai se afaste. A posição do eu lírico é a de quem renuncia ao desejo (que importa beber o veneno da impossibilidade, se a impossibilidade já está na mera existência e realidade de um "nós?"), em proveito mesmo dessa comunidade, com quem se solidariza, na tristeza, no padecimento, e na frustração. O que significa que esplende, da consciência da poeta, a noção, dupla, de que o estar-junto só é possível sob o signo da derrota assumida (que venha esse cálice, que venha a sanção, já estamos acostumados a ela), e que exatamente por isso é que devemos ser solidários, já que a sanção não é exclusividade de ninguém, senão de todos.

A farpa e a lira

Sem dar por esgotada a leitura de “Ardil”, voltemo-nos agora para o poema “Brasa”, de “A invenção de Eurídice” (2004). A partir desse poema, podemos assimilar certa mudança na postura do sujeito lírico face ao mundo, e que consiste, vista de uma certa perspectiva, numa tentativa crítica de derrotar o leitor, como se sua poesia fosse lançada como um troço que ele não é capaz de segurar, uma brasa. A poesia, como uma brasa lançada à mão do leitor, tornar-se-ia insustentável, uma armadilha perigosa, uma farpa, ou como a poeta prefere, um *lance de dardos*, a lira como farpa:

*Há um desejo de chuva sobre brasas
e o invasor finalmente deixou esse país
Desejo de guardar armas
e arrumar a casa
limpar armários, trancar arcas*

*A matéria escura dos meus cabelos
vai descendo com o vestido até os pés*

*Uma monja vai nascendo de mim
blindada sob véus e espadas*

*Ninguém se atreva a perturbar
esse silêncio de milênios
Ninguém ouse uma palavra
contra essa escuridão*

*Sou um submarino inacessível
sob muitas águas*

Sem a pretensão, ainda, de analisar todo o texto de “Brasa”, nem por isso posso deixar de acenar para a seguinte possibilidade de leitura: seguindo a perspectiva segundo a qual essa “monja blindada” seja a própria poesia, aí temos, no mínimo, um belíssimo desconvite ao trabalho de hermenêutica: “ninguém ouse uma palavra contra essa escuridão”. Penso: ninguém ouse uma palavra de esclarecimento; ou seja, ninguém ouse iluminar com o *logos* (inteligência e discurso) a escuridão profunda na qual a poesia de bom grado se alojou. Tomando a palavra escuridão a contrapelo de seu sentido, o sema de luz que existe na cansada palavra “esclarecimento” (*Aufklärung, lumière*) faz perceber que a reprimenda aí lançada é a de que ninguém se atreva a dar uma de Sócrates ou Platão e tente tirar da caverna o que permaneceu na caverna por lúcida opção. Sendo a poeta em questão leitora de um Nietzsche trágico, pode-se compreender esta postura anti-socrática, que é também, no que diz respeito à reclusão voluntária da poesia, uma forma de manter-se na mesma tradição da modernidade, porventura consolidada em Mallarmé, com quem a palavra poética se torna não-transparente, uma “transcendência vazia”, como alguém já notou (cf. Lima, 1980). E isso não por o poeta ser pernóstico, mas por ter-se desmoronado o próprio público de poesia. Walter Benjamin comenta este evento

em Baudelaire (cf. Benjamin, 1994). A poesia moderna é incompreensível sem a sombra tenebrosa de silêncio que a cerca. O silêncio é a condição de possibilidade da linguagem, e o poema que o toma como solo floresce junto a uma multiplicidade de sentidos que nenhuma palavra final é capaz de definir. O sentido último de um poema torna-se informulável, mergulhado no sono bom do silêncio, e é justamente este silêncio que, tal como à planta o solo, o sustém e o sustenta. Compreender esta dialética entre a palavra e o silêncio talvez seja a porta de uma compreensão mais apurada dessa recusa de Iracema Macedo em escrever um poema que fosse compensatório.

Na última ponta da tradição dos que foram inicialmente repudiados e logo depois celebrizados, e depois de transformar o *lance de dados* em um *lance de dardos*, Iracema parece recrudescer a oferta. Nem mesmo o hipócrita leitor lhe interessa. Se ainda assim publica sua poesia, é porque a sabe um presente de grego; é porque toma o possível leitor como um Orfeu basbaque, e inventa-se uma Eurídice para tornar aquele num bloco de pedra. Acusando-o talvez por ter, com seus olhos, no melhor dos casos, ousado lançar alguma luz sobre aquela escuridão cheia de recatos. Isto porventura ensaiaria a figura da poesia como o antifetichismo da mercadoria por excelência, e desse

modo vislumbraríamos, uma vez mais, a posição do sujeito lírico face à sociedade, porém desta feita através da elaboração de uma sutil dialética, elaborada no texto do próprio poema, entre a enunciação da palavra e a imposição do silêncio:

Ninguém se atreva a perturbar

esse silêncio de milênios

Ninguém ouse uma palavra

contra essa escuridão

Numa terra “completamente iluminada” pelos holofotes das propagandas e das informações descartáveis, “palavra” não pode ser tomada como metonímia de poesia, mas de impropério; uma palavra ousada seria, na certa, um palavrão. A poesia é antes um “silêncio de milênios”, uma escuridão primordial, o lado noturno do homem ainda não cooptado pelas correntes inexoráveis do mercado. E ocorre-me agora, o que é muito sintomático, a lembrança daquele poema de Drummond, sobre a procura da poesia - “elas se refugiaram na noite, as palavras (...) e rolam num rio difícil e se transformam em desprezo” -, um poema *negativo* (no melhor sentido do termo), que também resguarda da banalidade a arte poética. Essa lembrança é sintomática porque, justamente neste

livro, “A invenção de Eurídice”, no qual a influência de Drummond, onipresente em outros livros da autora, e muito bem entrelaçada com a influência de Adélia Prado, menos se repara. Ela entra pelas portas do fundo, e vai a fundo, agora não mais pela presença da voz lírica, do corte vésico, ritmo ou escolha temática, mas pela construção em surdina de uma concepção de mundo a contrapelo do pensamento vigente, o que ressalta uma posição crítica de alcance similar ao conquistado por Drummond. O que significa, enfim, que essa “*influência*” não fica na casca da composição, mas *flui* por dentro da linguagem iracemacediana, arrancando para si o que de melhor possuía o bardo maior, e que não é acessível senão a quem convive com sua poesia, não por uma certa imposição social, por etiqueta de poeta, porém por um contrato existencial de secretas cláusulas. Mas quem não adivinha, ao menos, a primeira delas? A poesia, mesmo arisca e cheia de ardis, é, como a solidão, necessária: arame farpado a nos proteger a liberdade.

A propósito recordemos apenas que vírgula é chicote e há muito nossa Autora cuidou de aboli-la. ■

IRACEMA MACEDO

LANCE DE DARDOS



POESIA

Manoel Onofre Júnior

40 anos de vida literária - 1964/2004

Francisco Fernandes Marinho
(Escritor)

Manoel Onofre Júnior, nascido em Santana do Matos (RN), no dia 20 de julho de 1943, autor de 28 livros publicados, além de obras coletivas e de antologias, é detentor de um dos mais elevados índices de fortuna crítica, dentre os autores potiguares. Foi tal índice que nos despertou para a organização da obra "Manoel Onofre Júnior: 40 anos de vida literária - 1964/2004 (Bibliografia e Crítica)", lançada pelo Sebo Vermelho, em fevereiro último.

O livro, com ensaio de abertura "O pescador de lembranças", da Promotora de Justiça e escritora Anna Maria Cascudo

Barreto, apresentação do Monsenhor Francisco de Assis Pereira e prefácio do escritor Nelson Patriota ("Considerações sobre uma obra em progresso"), contém, na primeira parte, uma pequena Biocronologia, a lista dos livros do escritor, com uma bibliografia comentada; prefácios e apresentações, artigos e outros trabalhos de Manoel Onofre Júnior inéditos em livro. Na segunda parte, a bibliografia sobre a obra literária, a fortuna crítica, os prefácios e as apresentações para obras do escritor e algumas referências bibliográficas de Manoel Onofre Júnior. Na terceira e última parte, foram incluídas algumas fotos de momentos representativos da vida do escritor e desembargador, no decorrer dos 40 anos de vida literária.

Manoel Onofre Júnior começou a escrever quando ainda estudante interno no Colégio Diocesano Santa Luzia, de Mossoró. Em 1958, aos 15 anos de idade, juntamente com os colegas Rogério Montenegro e João Leôncio Maia Pinto, fundou o jornal "O Estudante", órgão da 4ª Série Ginásial. Transferindo-se para Natal, em 1959, como estudante do primeiro ano do Curso Clássico no Atheneu Norte-rio-grandense, participou, intensamente, da política estudantil, assinou a "Coluna do Estudante", no "Diário de Natal" e, com Carlos Morais de Albuquerque, fundou o "Jornal do Estudante" que circulou, pela primeira vez, no mês de agosto. Escolhido Secretário de Cultura da Associação Potiguar de Estudantes - APE, aparece como diretor do jornal "A Voz do Estudante", e em abril de 1963, a convite de Ney Lopes de Souza, passou a trabalhar, como repórter, no jornal "A Ordem", de Natal, fazendo a cobertura da Câmara Municipal. Ao ingressar na Faculdade de Direito de Natal, colaborou, entre 1964 e 1966, com "A Ordem", escrevendo artigos e crônicas, e com a revista "Rumos", órgão do Diretório Acadêmico "Amaro Cavalcanti", ao lado de Jarbas Martins, Moacy Cirne e Ney Lopes.

Todavia, destacou-se como escritor, a partir do dia 13 de novembro de 1964, com o lançamento de "Serra Nova", seu primeiro livro. Em Serra Nova, de contos e crônicas, o professor Edgard Barbosa, em seu prefácio, observou que: *Não se pode dizer que seja um estreante o autor deste pequeno livro. M. Onofre Júnior exerce o jornalismo...* Em 1965, continuou a sua colaboração em jornais. No "Correio do Povo", em Natal, além

de artigos e crônicas, assinou a coluna "Roteiro das Artes Plásticas", e também teve o seu conto "A Primeira Feira de José", incluído em "Contistas Norte-rio-grandenses", antologia da autoria de Nei Leandro de Castro.

Apareceu, em março de 1966, a nova revista "Rumos"; agora, também, com a colaboração de Deífilo Gurgel, e, em abril, lançou Manoel Onofre Júnior o livro "MARTINS - sua terra, sua gente", com prefácio de Luís da Câmara Cascudo. MARTINS - sua terra, sua gente, dedicado a Gilson Coutinho, registra os aspectos históricos e geográficos do município.

Repórter do jornal "Tribuna do Norte", de Natal, no ano de 1967, fez a cobertura da Assembléia Legislativa e publicou matérias de interesse cultural; em dezembro de 1968, lançou "Histórias de Meu Povo", com ilustrações de Carlos José.

"A Primeira Feira de José", conto de Serra Nova, 1964, e incluído na antologia "Contistas Norte-rio-grandenses", de Nei Leandro de Castro, 1965, ressuruiu em 1973, em terceira edição, como título e capítulo de livro de contos, e ainda como capítulo de "Chão dos Simples", 1983, e em "O Potiguar", do mês de fevereiro de 1998. Com contos e crônicas, e ilustrações de Iaperi Araújo, em A Primeira Feira de José, conforme Newton Navarro, *Onofre Júnior parece destacar de todo o seu livro um acontecimento altamente válido. (...)*.

Com "Estudos Norte-rio-grandenses", ainda inédito, em 1975, ganhou Manoel Onofre Júnior o Prêmio "Câmara Cascudo", da Prefeitura Municipal de Natal, lançando o livro em 1978, com introdu-

ção do escritor Sanderson Negreiros. O livro apresenta, em sua primeira parte: História, Geografia, Toponímia; Municípios em Monografias; Etnografia, Folclore, Sociologia; Crítica Literária; Antologias; Jornalismo e Oratória; Memórias; Biografias. Na segunda parte: Literatura Norte-rio-grandense - Poesia e Ficção; Dois Pequenos Ensaio, não incluídos no trabalho vencedor do Prêmio Câmara Cascudo - 1975; Sobre a Poesia de Jorge Fernandes; Afonso Bezerra, Contista; e Notas. O "Estudos Norte-rio-grandenses" foi um trabalho dos que mais contribuíram para a formação da fortuna crítica do escritor Manoel Onofre Júnior. Foi lançado em 2ª edição, revista e ampliada, sem a Antologia Poética constante da 1ª edição, em 1984.

O "Breviário da Cidade do Natal" é um guia histórico e sentimental, que apareceu, em 1ª edição, em 1979, com ilustrações de Dorian Gray. A 2ª edição, revista e ampliada, com ilustrações de Dorian Gray, foi editada em 1984. Sobre o "Breviário", podemos destacar a declaração de Carlos Drummond de Andrade: *Natal visitada através do seu livro - prezado Manoel Onofre Júnior - faz do leitor um amigo da cidade. Assim me declaro com um abraço agradecido*, enquanto Nilo Pereira afirma: *"Excelente o seu livro - 'Breviário da Cidade do Natal' que li de uma vez só, encantado*.

O Breviário da Cidade do Natal reapareceu, em 3ª edição, revista e aumentada, em 1996, com o título "Guia da Cidade do Natal", "por sugestão da editora", e com um novo capítulo intitulado Trampolim da Vitória. A 4ª edição, revista, surgiu em 2002. É um livro com o estilo marcante do escritor Manoel Onofre Jú-

nior, para ser lido e relido, visitando ou revisitando, sem atropelos, a cidade de Natal, como bem afirma Veríssimo de Melo: *"Li seu livro 'Breviário da Cidade do Natal', quase de um fôlego"*.

Em fevereiro de 1982, foi lançada a obra "Salvados", de ensaios e notas, com prefácio de Nilo Pereira. Na primeira parte, intitulada Escritores e Livros do Rio Grande do Norte, nos deparamos com os seguintes capítulos: A Presença Norte-rio-grandense na Literatura Nacional; Auta de Souza; Auta: revelações biográficas; Sobre a Poesia de Jorge Fernandes; Jorge Fernandes: a glória tardia; Cronologia de Jorge Fernandes; Os Dias e as Noites em Poesia; Poesia de Palmira; Afonso Bezerra, Contista; Novos Contos de Tarcísio Gurgel; Gilliat e Curió, trabalhadores do mar; O Recado de Alcyone Abrahão; O Absurdo nosso de cada dia; "De Líricos e de Loucos": o Lado humano de Natal; Imagens do Tempo; O Menino das Trincheiras volta a Martins; Cascudo conta Histórias; As enchentes do Mossoró em Folheto de Cordel; Mestre Cascudo (Brevíssima Notícia); Presença de Berilo; O que é Preciso Ler para Descobrir o Rio Grande do Norte. Na segunda parte: Literatura sobre o Padre Cícero; Nordeste; Exercício para o salto; Policarpo Quaresma; O Senhor Embaixador; Matéria de Memória; Arte sob encomenda; A Filha emancipada; Anotações Soltas. "Salvados", com o subtítulo "Livros e Autores Norte-Rio-Grandenses", em 2ª edição, revista e aumentada, foi relançado em 2000, com novos capítulos. ■



Uma arte sutil, áspera e trágica

Raimundo Carrero (Escritor)

Para superar o impasse do regionalismo, tipo década de 30, do século passado, os caminhos percorridos pelos escritores nordestinos foram muitos e difíceis. Desde a obra de Hermilo Borba Filho - injustamente silenciado - até Ariano Suassuna, com o Movimento Armorial - fundamentado na cultura popular, sem o folclorismo rudimentar, e com tratamento erudito -, passando pelo estruturalismo de Osman Lins, a literatura nordestina percorreu caminhos diferentes daqueles inventados por José Lins do Rego, de um lado, e por Graciliano Ramos, de outro. Grandiosos, é verdade, mas sempre exigindo plena renovação.

Daí porque a obra de Ronaldo Correia de Brito é um avanço, um dado importante numa literatura que enfrenta desafios permanentes, até porque ainda é estudada pelo viés do documento ficcional: coronéis de chapelão, cangaceiros de rifle enfeitado, mocinhas desprotegidas, penitentes rezadores. O caminho absolutamente não é esse. Um exame mais acurado do novo regionalismo - não gosto, sinceramente, dessa história de novo, nem do chamado neo-regionalismo - começa pela obra desse ficcionista que considera os avanços técnicos da narrativa, sem recorrer a preciosismos ou a parna-

sianismos mais do que superados. Escrever ficção não é apenas escrever bem.

E não posso esquecer a escrita automática que os franceses estão fazendo, não como impasse no "nouveau roman", como se apregoa, mas como avanço no minimalismo, que revelou, entre outros, Patrick Mediano. É moda francesa, e a moda é sempre preocupante. Às vezes nem moda, apenas tendência. Escrita automática - ou coisa parecida, não é falta de técnica. Na verdade, é um tipo de técnica. Além do que, corre-se o risco de invocar o espírito de Freud.

"Escrever contos exige habilidade com as palavras e perfeito domínio da técnica. Invenção e perícia. Sobretudo quando se trata de escritor voltado para assuntos que aparentemente, e só aparentemente, parecem gastos, usados, envelhecidos". Com essas palavras, comecei a falar sobre o livro "Faca", lançado pela Cosac & Naify, em artigo de abril de 2003. Como os escritores têm mesmo algo de videntes, já me preocupava com possíveis leituras apressadas da obra de Ronaldo, um escritor que elegeu como cenário dos seus contos e novelas um sertão nordestino que ele reinventa.

"Faca" reúne alguns dos melhores momentos da prosa brasileira contemporânea, sobretudo no conto-título, que procurei analisar com atenção. Coloca a ficção pernambucana em relevante des-

taque. Por isso, há algo de novo no reino da literatura brasileira: Ronaldo Correia de Brito, que, com o "Livro dos Homens" afirma, definitivamente, a sua força de narrador, capaz de conduzir histórias e personagens em terras nordestinas, com o timbre de um autor que conhece os mistérios da solidão humana. Evolui com facilidade no desenvolvimento do enredo e domina as técnicas mais inovadoras da ficção contemporânea.

Este "Livro dos Homens" oferece um amplo painel de sua arte sutil, embora áspera e, não raras vezes, trágica. Ronaldo usa muitos recursos técnicos que surpreendem o leitor. Não há linearidade na sua ficção, sobretudo quando imerge na psicologia do personagem. Basta observar a amargura e a solidão em "Rabo-de-Burro" e "Qohélet", trabalhadas com a fruição livre do tempo, em que os personagens experimentam desde a condenação bíblica - tu és pó e ao pó voltarás - até a melancolia do colorido maracatu rural, num solilóquio que joga a narrativa para o poema. Solilóquio e não monólogo, como se diz, porque sob o domínio do narrador oculto que conduz a ação psicológica do personagem.

Mesmo assim, o leitor pode optar pelas inúmeras sofisticções, tão provocativo e lúcido é o autor: às vezes o livro transforma-se num jogo de armar, bastando um travessão na abertura de cada conto

- como acontece em "Eufrásia Menezes", por exemplo - e terá uma espécie de romance narrado por vozes que se entrecruzam, ora na primeira, ora na terceira pessoa.

Surpreende o uso competente do tempo verbal, principalmente no conto-título "Livro dos Homens", em que Ronaldo usa o futuro do pretérito para narrar o assassinato de Júlio Targino. "No abraço, quando o puxasse para junto do seu corpo, sacaria o punhal e atravessaria o seu peito, tantas vezes quantas fossem necessárias para cumprir o que estava escrito". A oscilação verbal, ao lado do ambíguo pronome "seu", mesmo convencendo absolutamente o leitor, permite que a cena se estabeleça mais no tempo do que na ação.

A lado de tudo isso, Ronaldo traz para o primeiro plano a linguagem extremamente visual da literatura nordestina, como nessa passagem: "Já somos garanchos secos, quebradiços, inflamáveis. basta que nos olhem para ardermos numa chama brilhante fugaz, que logo é cinza". Ou seja, concede incrível visibilidade ao drama existencial - e, portanto, interior, - de Eufrásia Menezes, torturada pelo amor ao filho, pela indiferença do marido, e pela sua imensa feminilidade.

Isto é grandeza literária. ■



Rubens Lemos Filho

Tem gente que nasce para sofrer na esperança da vida eterna. Garrincha nasceu e morreu para padecer. Acabaram com ele de novo. O filme sobre a vida do pai do drible é uma homenagem mais torta do que as pernas dele. É de doer de ruim.

De cinema não entendo, gosto. Assisto com voracidade canina. Se entendesse, faria o meu filme. Há que se ter cuidado com os críticos. Quem fala mal de um livro, geralmente nunca teve capacidade de escrever o seu. Assim na sétima arte, no teatro, na pintura.

Mas o que fizeram com Mané foi demais. Trituraram a memória dele e o belo livro de Ruy Castro, uma biografia exemplar, de literatura e reportagem. O DVD saiu há poucos dias e lá fui eu alugar para entrar numa quase-depressão.

Que os filmes geralmente não acompanham a qualidade do livro, não é novidade. É uma perversa regra que vigora no mundo inteiro. Rubens Fonseca, um

magos dos enredos policiais, nunca teve a sorte merecida nas telas. “A Grande Arte”, então, é de cegar de sofrível. Thomas Harris, inspirador de “Hannibal Lecter, o Canibal”, fez livros muito melhores que a trilogia do cinema.

“Garrincha, a Estrela Solitária”, copia o título do livro de Ruy Castro e maltrata o ídolo. Nem dá para começar o jogo com “Garrincha a Alegria do Povo”, feito há, sei lá, 40 anos, sem a tecnologia de hoje, mas com o talento de Joaquim Pedro de Andrade.

Mané não merecia ser vivido pelo ator André Gonçalves, aquele da Casa dos Artistas. Chega a ser piegas no risinho que pretende ser malandro. O mestre Nilton Santos aparece num personagem que é uma caricatura de calças e fantasia de pierrô. Sandro Moreira, jornalista histórico, é mostrado como um fanfarrão que nunca foi, trajes típicos de bicheiro. Triste.

Taís Araújo, bela, que faz diva Elza Soares, perdição de Garrincha, está linda. Só não aparece nua. Entra uma dublê, uma cópia, mal feita igual ao filme. ■

Homenagem torta

POESIA POTIGUAR

Racine Santos é natalense, nascido em 1948. Dramaturgo e poeta, tem como tema central de sua obra um Nordeste mítico e lendário, a paisagem e o homem de uma região onde “o sol se reparte em crimes”. Peças de sua autoria, entre outras: A Farsa do Poder, A Grande Serpente, À Luz da Lua os Punhais, Maria do Ó, Chico Cobra e Lazarino, e O Vôo do Cavalinho do Cão. Como poeta publicou A Casa Nordestina e Uma Cidade Vestida de Sol.

SOL, SERTÃO, SONETO

Nei Leandro de Castro

Osoneto é uma composição de forma rígida, intransigente, com uma grande capacidade de enfiar o leitor se lido em série. O pioneiro Petrarca, o grande erótico Aretino, o amoroso Camões, nem mesmo esses gênios evitam uma sonolência no leitor depois da leitura ininterrupta de vinte sonetos seus.

É que a ladainha dos catorze versos cansa e aborrece.

No Brasil, um soneto de Olavo Bilac – tão massacrado pelos modernistas! – ainda causa prazer. Ele cuidou da elaboração dos seus sonetos como um ourives que se debruça sobre a lapidação. Aliás, os parnasianos foram os melhores sonetistas da poesia brasileira.

Modernamente, Vinicius de Moraes foi o sonetista menos cantativo e mais feliz em suas falas de amor demais.

No panorama poético do Rio Grande do Norte, excluindo-se os mais antigos, que sonetaram compulsivamente, há um bom número de sonetistas, mas salvam-se poucos que dominaram a composição cheia de cesuras e babados. Os melhores já foram selecionados pelo poeta Jarbas Martins, que resolveu ser garimpeiro dos sonetos alheios.

É provável que Jarbas Martins não conheça, como eu não conhecia, os nove sonetos de Racine Santos que compõem esse admirável “Memorial da Caatinga”. Os sonetos – em número que não causam a menor fadiga –, são uma excursão pelo sertão, uma pequena viagem pela forma e pela fauna, uma visão de ouro e punhais, de quartetos e tercetos.

Na paisagem agreste, onde animais deixam rastros de cinza, de repente o verso brota como um raio de sol. No seu itinerário, o poeta registra que “o silêncio tem pontas de punhais”. A poesia continua pelo caminho de cardos, perneiras, gibão, pedras de reino e, mais adiante, “gaviões celebram ritos”. O sol, onipresente, registrado num quarteto de muita expressividade e força poética:

“Este sol que me corta feito facas
de repente acendeu novas fogueiras,
fez-me ver chamas rubras, passageiras,
que espalham sons de sinos e matracas.”

São assim as descrições deste memorial: cenas e cenários fortes, linguagem bem cuidada, rimas ricas em sua maioria. Esses nove sonetos têm a força e o charme necessários para seduzir qualquer leitor. Até mesmo os anti-sonetistas juramentados.

PAISAGEM

*De fogo um gavião sobre a caatinga
(Sentinela de antigos carrascais).
E sobre um chão desfolhado o ouro pinga:
O silêncio tem pontas de punhais.*

*O vento não tem voz. E os animais
Deixam rastros de cinza na paisagem
Inculca e quebradiça dos pragais
Onde as aves se despem da plumagem.*

*Mas logo a paz de praça abandonada
Por estranhos tropéis é assaltada,
Transformando seus campos numa lida.*

*São galopes de antigos cangaceiros
Que invadindo sem brida esses terreiros
Ao reinado da morte trazem vida.*

O VAQUEIRO

*Pelo sol com suas facas fustigado,
Perneiras, peitoral e de gibão,
O vaqueiro vivia no sertão
A tanger seu destino e alheio gado.*

*O aboio revelava triste fado
Conduzindo boiadas vida afora.
Só pensava na dama, na senhora
Que o trazia cativo e torturado.*

*Cavalgava banhado em claridade,
Mas com o peito ferido e enclausurado
De quem vive perdido em soledade.*

*Dolorosa era a sina do encourado:
Nas rédeas do cavalo a liberdade
No peito um coração todo ensombrado.*

COBRA-CORAL

*As corais no sertão pardo e moreno,
Guardiãs destas caatingas agoniadas,
Exibem véstia preta e avermelhada
Dando cores alegres ao veneno.*

*Enfeitam com anéis a Indesejada
E o sertão vê seu desfilar sereno
Convidando os mortais para o terreno
Das traições, da vingança, da emboscada.*

*Emblema do pecado e danação.
São rubis da mais funda das jazidas
Que Cérbero vigia. No sertão*

*Espalham sofrimento a cada corte.
Tais punhais contorcidos que têm vida
Nos roçados semeiam a dor da morte.*

LAJEDOS

*As pedras deste reino ensolarado,
Recortando a paisagem sertaneja,
Como torres se elevam de um sobrado
Onde mora o segredo e a luz sobeja.*

*Minaretes de sonhos, catedrais,
Ameias de castelos encantados.
Ali moram dragões, vivem jograis,
Princesas, cascavéis, reis degolados.*

*Altars pelo sangue consagrados
Às lendas, orações, choros e gritos
Que envolvem de mistério os lajeados.*

*Em torno gaviões celebram ritos,
O Encoberto vê o sonho edificado
E o vento reza à noite seus benditos.*

OS GALANTES

*Este sol que me corta feito facas
De repente acendeu novas fogueiras.
Fez-me ver chamas rubras, passageiras,
Que espalham sons de sinos e matracas.*

*E o silêncio foi quebrado no instante
Em que surge um boi de prata na estrada:
Era ver velha barca incendiada
Tangida pelo aboio de um brincante.*

*A passagem de estranhos viajantes
Provoca na paisagem convulsão
Drapejando bandeiras triunfantes.*

*Causava estranhamento a procissão:
E no chapéu de espelho dos galantes
Refletiam as mil faces do sertão.*

CANUDOS

*Rouquinhos madrigais, doidos gemidos
Das caatingas se elevam fins de tarde.
São vozes, são lamentos compungidos
De quem na velha chama ainda arde.*

*Cantochão que todo o sertão invade
Fazendo das caatingas abadias.
Dali ecoam sons de velha idade
Lembrando o triste canto das harpias.*

*E nesses fins de tarde ainda em transe
A pele da caatinga queima e range
Impedindo que os mortos fiquem mudos.*

*Do cinza desse chão então aflora
Aquilo que o sertão lembrando chora:
Os crimes cometidos em Canudos.*

A INDESEJADA

*Desossado pelo sol, gado morto
– Pontilhando de branco a cinza estrada
–
Vira marcas que lembram o desconforto
Do passar por ali da Indesejada.*

*Quando chega do mundo dos ausentes
Num corcel pelo fogo ajaezado,
Com fios de veneno da Serpente
Trabalha na caatinga seu bordado.*

*A Senhora do ardil e da cilada
Mesmo sendo por todos esperada
Quando vem deixa tudo em desatino.*

*Cavalgando por sobre o humano gado
Ela vai semeando seu legado
E encurtando dos homens seu destino.*

COROA-DE-FRADE

*Quando vi pelo chão nobre coroa
Vestida com o sol de uma manhã
Vi também que sementes de romã
Se incrustavam no dentes da Leoa.*

*Ao vê-la soberana ali à-toa
Dando cores e sangue a meu destino,
A meu sonho, estandarte, selo e hino,
Do cinza percebi quanto destoa.*

*Entre pedras e espinhos assentada
A fugir da cobiça e da ambição
Na caatinga encontrou sua morada.*

*A coroa-de-frade no Sertão
(Pelas casas reais abandonada)
Só espalha majestade pelo chão.*

D.SEBASTIÃO

*Ao sonhar-me senhor deste reinado
Onde as pedras têm voz, guardam segredos,
Percebi outro rei, o Desejado,
A livrar-se do encanto dos lajedos.*

*À sua voz de minha alma foi-se o medo,
Inflamando de vez todo o meu sonho;
Fez voar gaviões sobre o penedo
E couraça me deu contra o Medonho.*

*Já sem elmo, sem espada, o Encoberto,
Com as marcas da Batalha do Deserto,
Vestindo-se de sol falou com calma:*

*“Se entre pedras ressurjo neste chão
para erguer novo Império no Sertão,
É porque na caatinga está minh’ Alma.”*

Disco tenta forjar cena eletrônica na cidade

Marcus Vinícius (Jornalista)

Foto: Flávio Aquino

Já está virando clichê andar por aí perguntando se DJ é músico. A discussão invadiu bares, grupos da Internet e até mesmo alguns círculos acadêmicos. Muitos não compreendem que música é essa que, distante do virtuosismo, toma de assalto mentes e corpos instigados mundo afora. Nesse novo mosaico musical, as cartas estão bastante embaralhadas. O processo criativo assume dimensões anárquicas e a tecnologia põe abaixo a definição do que é a própria música, que jamais fica estanque, inerte ou alheia aos novos paradigmas com os quais se defronta, para horror dos puristas. E que ninguém procure respostas para essas questões na ótica da arcaica e desnecessária Ordem dos Músicos, que simplesmente não consegue classificar esse tipo de gênero musical, preferindo excluir os seus adeptos, por não saberem tocar baião, polca ou foxtrote.

Portanto, esqueçam a linearidade das composições e as letras articuladas, ou “politizadas”, com uma mensagem clara e se virem para encontrar algum sentido nisso tudo. Enquanto isso, vão dançando e se divertindo com essas estranhas colagens sonoras. Uma boa oportunidade é ouvir as “Canções e Histórias de Ninar”, disco recém-lançado de Alexandre Gurgel, o Macacco, egresso da chamada “geração El Chaco”, o celebrado bar que movimentou a cena *underground* da cidade, há mais de uma década.



Desde 2001, quando ele ganhou um toca-discos da sogra, resolveu transformar-se no DJ Macacco e tornou-se dono de uma invejável coleção de discos de vinil. Agora ele rejeita o rótulo, quer ser puramente “Macacco”, seguindo uma tendência. Com isso, parece querer provar que qualquer um pode ser DJ, incluindo um macaco, ou seja, que descartar essas duas letras maiúsculas não acarreta nenhuma perda substancial. Ainda mais em Natal, onde inúmeros outros símios posam de “superstars das pickups”. E assim reafirma que o verdadeiro artista é o Macacco.

O disco nasceu polêmico por natureza. “Você gostou do CD do Macacco?” – a grande maioria que ouvir provavelmente estranhará. Uma minoria encontrará algo de vanguarda ali. E outros, no meio do caminho, não saberão responder. Os curiosos, em geral, tentarão decifrar o enigma da esfinge musical.

Do caldo grosso se extraem doses de experimentalismo, poesia concreta, fragmentos sonoros da cultura pop subtraídos da iconografia que Andy Warhol exaltou, trechos de trilhas para cinema, diálogos de filmes, além da junção do eletrônico com o acústico.

A tentativa do Macacco é de se mostrar eclético, chamando diferentes tribos urbanas para uma grande festa que acaba não se concretizando, pois o trabalho é mesmo hermético. O esforço é de unilos todos, talvez na única coisa comum a todo mundo: a elogiada loucura de cada um. E numa coisa ele acerta: a cena musical natalense atravessa um ótimo momento e está cada vez mais diversificada. É necessária também alguma ironia refinada para o ouvinte, dada a veia cômica quase inglesa que permeia algumas sacadas do disco.

E assim, ele segue com suas macacadas, macaqueando e sampleando todo mundo, inclusive ele mesmo. Detalhe: as idéias e conceitos das faixas surgiram num estágio de semi-sonambulismo. Recortes que surgiam no meio da noite iam




sendo registrados num radiogrador, durante o chamado estágio “alfa”, uma fase de semiconsciência situada entre o sono e a vigília.

No final, tudo isso resultou numa viagem coletiva, unindo a poesia de Lauro Marques e Carlos Gurgel às vozes de Itérbio Moura e Simona Talma, a primeira gutural e a outra meio infantil (no timbre). A parceria com Gabriel Souto na programação eletrônica foi fundamental para a formatação das faixas. Operando sua “groove box”, Gabriel, que integra também o time do DuSouto, substituiu um naípe inteiro de músicos que não fazem falta, porque o que interessa ali é o gosto musical.

O ápice da psicodelia acontece em “Ameaçando a Escuridão” (Alexandre Gurgel/Lauro Marques), numa interpretação sussurrada do vocalista Itérbio, criando uma atmosfera densa e ao mesmo tempo dançante. A música ganha uma versão

ainda mais sombria no final do disco, com interpretação de Carlos Gurgel. Já em “Nem os Cachorros Comeram”, se mostra um retrato do cotidiano ansioso da vida urbana de uma família que ouve música e assiste à TV em ritmo frenético de troca de canais. “Constantine” traz um diálogo ácido em inglês (coletado do filme “Coração Satânico”) desconstruindo a religião, confrontado com um coro ao fundo cantando música gospel. Em faixas como “Radio Red”, os versos lembram as ousadias estéticas dos experimentais pioneiros como Tom Zé ou Walter Franco: “Às vezes eu penso que a cabeça é um rádio que alimenta o rádio de outras pessoas”.

Ou seja, o alimento sonoro está posto à mesa para quem quiser se servir. A música eletrônica já foi definida como um monólogo articulado, uma experiência sensorial. Tome parte nesse transe e se deixe embalar por essas histórias e canções para ninar gente grande. 

Música eletrônica

O hip hop do meu samba



Kadna Pinheiro Cordeiro
(Mestra em Educação Musical)

Ilustração - Marcelo Gandhi (nanquim e lápis esmaçado)

Certo dia, li uma matéria num jornal londrino, na qual o mestre do blues, Eric Clapton, dizia que *a melhor coisa que havia acontecido à música nos últimos tempos tinha sido a música eletrônica*. Apesar de ter uma mente aberta, ou pelo menos achar que tenho, fiquei, a princípio, um pouco indignada com aquela declaração. Essa opinião, por não sair da minha cabeça, me fez prestar atenção a esse tipo de música. A maior parte do tempo que morei em Londres, resisti ao convite dos meus amigos para ir a uma *rave*, como são conhecidas as festas que parecem durar uma eternidade, são re-

gadas a muita água mineral e cada um dança a sua própria coreografia ao som de música eletrônica, que muitos chamam de “bate estaca”. Mas um dia me rendi e fui conhecer uma *rave*. Não fui a primeira a chegar ao local mas com certeza a última a sair. O que mais me impressionou, e com certeza aos que estavam comigo, é que dancei samba a noite toda, ao som de uma seqüência infinita de *drum 'nd bass* e *jungle music*. Para os meus ouvidos aquilo era samba com uma roupagem diferente. Quando cantei para meus amigos uma melodia de samba usando a música que saía das caixas de som como acompanhamento, eles ficaram surpresos em ouvirem a conexão perfeita. Semanas depois dessa experiência, um amigo brasileiro me apresentou com um CD de Chico Science. Foi então que pensei na declaração de Eric Clapton sobre a música eletrônica, que

misturada ao sentimento daquela *rave* e à música maravilhosa feita por Chico Science comecei a ver além do “bate estaca” sentido por todos que ignoram o outro lado da música eletrônica.

Quando Jimi Hendrix surgiu, revolucionando a maneira de se tocar guitarra, para muitos aquilo era coisa do demônio. Hoje a música de Hendrix soa como canção de ninar, se comparada à música eletrônica. Tudo o que é novo encontra resistência por parte de alguns. Foi assim com todos os movimentos artísticos ao longo da história e não poderia deixar de ser diferente com a música eletrônica. Deixando a questão “gosto não se discute” para outra ocasião, podemos nos perguntar se Clapton não tem razão. Afinal, o que houve realmente de novo nas músicas do mundo senão a música eletrônica e a mistura dessa com ritmos tradicionais? Talvez escape o *rap* e o *hip*

Música eletrônica


O hip hop do meu samba

hop, que alguns teóricos não consideram música, mas sim movimentos sociais dos guetos. Esse fato não é só privilégio da música popular. Já na década de 1950, o compositor John Cage, com sua intensa modernidade, fazia nos Estados Unidos experimentos com o *scratch* nas suas composições. Inúmeros consideram Cage o precursor da música eletrônica, e outros tantos um herege musical. Na Inglaterra, por exemplo, existem laboratórios específicos de música eletrônica nas universidades, onde se faz composições de vanguarda que são apresentadas em concertos.

Porém, o mais interessante nessa discussão é o fato de termos nos rendido ao computador e a aparelhos eletrônicos e estarmos cada vez mais dependentes deles – afinal não escrevemos mais cartas e sim *e-mails* –, e ainda termos essa visão conservadora com relação à música eletrônica, quando esse fato não é nada mais, nada menos que a tendência natural do curso da história. Depois que realmente passei a ouvir música eletrônica com outros ouvidos, um mundo novo se abriu para mim como musicista, professora de música ou simplesmente ouvinte. Uma gama infinita de sons e possibilidades de criação apareceram. É preciso, porém, ter cuidado com o que chamamos de música eletrônica (*techno, drum 'nd*

bass etc) para não confundirmos com o “bate estaca” comercial, oferecido pelos produtores musicais.

Ao contrário do que muitos pensam, a música eletrônica é dinâmica, pois, por ser essencialmente instrumental, os sons aparecem e desaparecem tecendo assim um bordado musical sofisticado. Talvez devamos entender e explorar mais a música eletrônica, afinal qual a discoteca que convida o público a trazer seus instrumentos para a festa e tocar com o DJ da noite? Isso acontece nas *raves*, em Londres. A música eletrônica é muito mais do que um bum bum bum de “bate estaca”. Ritmos como *techno, drum 'and bass, jungle, transe, chill out*, tem as suas particularidades. Atualmente a música eletrônica é usada numa mistura infinita temperando ritmos africanos, asiáticos e latinos, transformando-os numa nova música, mais moderna, que vai do *hip hop* na embolada de Chico Science, ao som cubano, passando pela música do Transglobal Underground, a música de Carlos Gurgel e o seu “Índice Puro” e tantos outros que fazem o verdadeiro transculturalismo.

Finalmente, acredito que a música eletrônica não é simplesmente um ciclo de imagens sonoras produzidas por um computador, mas uma leitura da nossa contemporaneidade. 

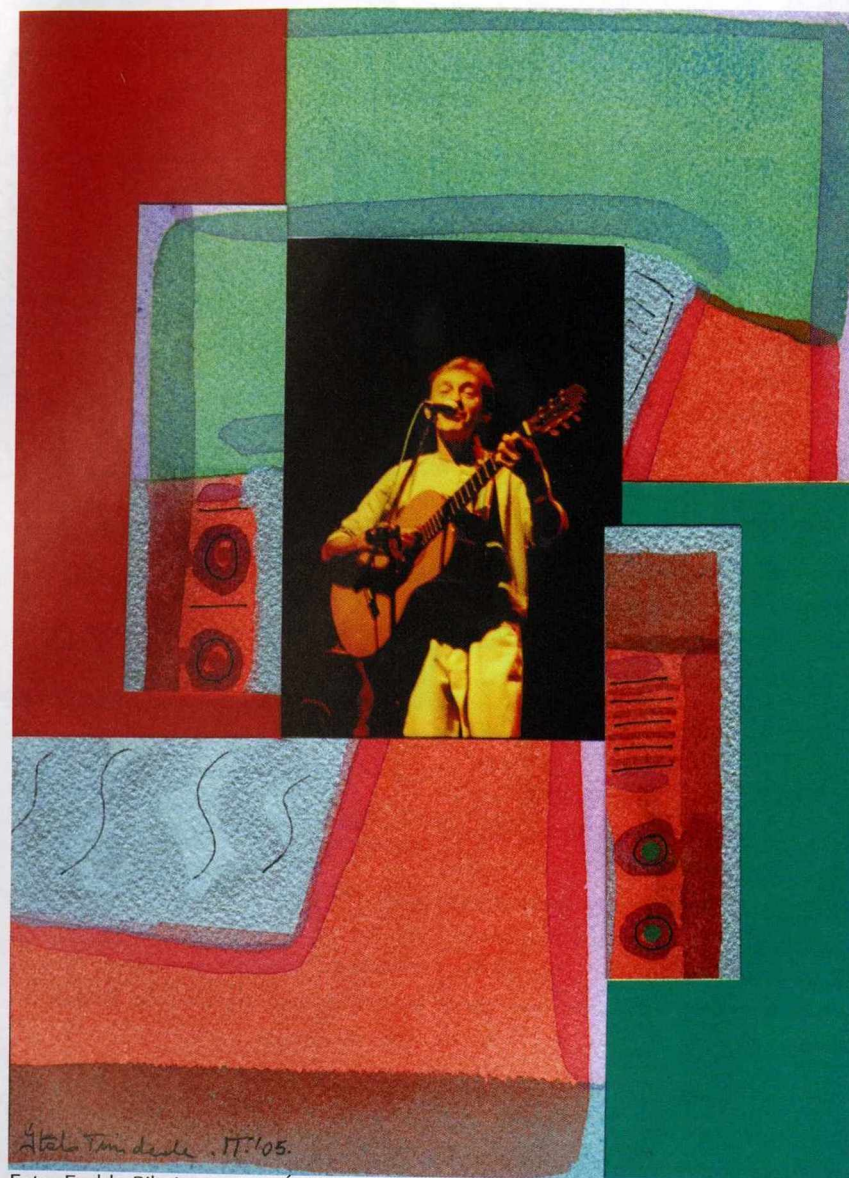


Foto: Evaldo Ribeiro - Arte: Italo Trindade

O VÔO DO PÁSSARO QUE CANTA

Carlos Gurgel

gurgelpoesia@yahoo.com.br

Mirabô sempre foi calmo. Nos anos 70, quando o conheci, sonhava com canções que mais pareciam pães-de-ló, alfenins e cachoeira que banha beijos e reconciliações.

Das suas participações em festivais de música, ele sempre demonstrou ser um artista comprometido com a grandeza dos corações que chamam dia, de noite, amor, de paixão.

Assim, como um passarinho, foi morar no Rio. Desfolhar com seu sorriso, a vazante de uma criação que fotografa a paixão de quem vê a sua cidade natal como seu mais precioso rubi. Ele, nas suas letras e nas suas melodias, sempre procurou e validou o recado de quem precisa mergulhar no seu céu, no seu sal e no seu sol.

Foi e fabricou histórias na voz de um declamador de possibilidades. Na voz de quem fala baixinho como uma sanfona que sussurra seus sonhos e procura pela estrada as suas estrofes entremeadas da seca e da vazante dos seus próprios urdimentos.

É assim que o vejo. Mirabô que se enfileirou de protestos, se aproxima cada vez mais de uma música que é reconhecida como dele. Na sua voz, com o seu violão e com os seus sonhos e solos.

Andaluz e noturno, sempre poetizou a luz da lua, o caminho do vale, dos verdes das plantações, os jardins da memória de quem gosta da rosa e da prosa do ser tão nordestino.

E é preciso se falar sobre a sua imensa paciência, que tece a vida como quem lapida um paraíso onde habitam maçãs e perfumes, bilhetes na boleia de um chão

O VÔO DO PÁSSARO QUE CANTA

que trama festas como quem acorda ao redor da selva e da rouca rua.

É assim é Mirabô, tão bem com seus cantares. Que reluz com a noite como língua de lábios afiados. Afinado como passagem de uma viagem que não tem fim. Que sustenta e suspende suas nervuras.

Ele mistura roça e salão, frevo e precisão. Fala sobre a mesa que salva e que serve a sua alma. Como a alma de quem tem nos seus olhos um filho que nunca sumiu. Assim como sua calma que vai ficando. Transparecendo horizontes.

Essa história da alma e da calma é difícil de se falar. É bem parecida com a amizade que reina nos rios e nas suas correntezas, como se fosse a sabedoria das suas cachoeiras.

E Mirabô, quando se banha nas suas águas, se torna o fruto da terra: com suas relíquias, sombras e benditas saudades.

Porque a poesia de Mirabô é como se fosse a vida da terra que soa e sua e que passa os seus dias contando histórias das suas serras: fulano de tal que não se cansa de reconhecer bosques e amantes; aquela moça na janela que passa a vida procurando seus príncipes e princípios e o ancião com seu fumo de rolo que respira o vapor de uma vila que se eterniza nos colchões macios daquela fazenda de bois e reis.

E assim é a vida que Mirabô crê. Crê na pasárgada e no infinito do paraíso. É como se o que se vê seja a pura pena do

tempo. Que voa e flutua e se espalha por sobre areias e cabelos brancos. Rebuscando suas histórias, entrecortadas pelos seus habitantes, como cruzeiros na capela e como as rugas das ruas e suas telhas que se eternizam.

Hoje, Mirabô volta a sua terra Natal. E no seu alforje de rimador, a realização de dois sonhos como se fossem dois filhos queridos: um cd e um livro.

Fico imaginando-os. Sei que sua história é vertida entre dragões, assoalhos e o líquido das chuvas que alimentam o verde das soleiras e das sementes. E das histórias do vendaval das paixões que respingam por entre as embarcações protegidas por suas ondas e seus heróis. Como facho que ilumina a sua aldeia e que sacia a sombra de quem quer amar no seu canto.

Que Mirabô teime e reine com suas estrofes. Que ele com sua saga de suor e amor na boleia do seu caminho, nos ofereça baús e relíquias e a brisa de uma prosa à beira de um ataque de frevos.

Que ele alimente com o seu canto, o sentimento dos que foram e se desfolharam. Pois é preciso ser umbú e umbigo. Vudú e mestiço.

É preciso abrir portas e panelas. Espelhos e especiarias.

E que ele, limpo e lampião, nos contamine com a sua parte. Com a sua arte que se espalha nas palmas dos coqueiros e nas mãos dos guerreiros que salvam tons e a luz da lua nos seus umbrais.

Assim é o sol, é o céu, é o sal.

Assim somos todos nós, possuídos por canções e vozes que ecoam no limite entre o encantamento, entre o imaginário, entre o entardecer. Entre a floresta das palavras armadas, lapidadas, como quem fornece raiz e carvão, o pó e o chão.

Pois que, a quem interessar possa, quem passa pelo caminho da roça, escuta romarias, tilintar de sábados e a lembrança da vida na beira de um rio. Rio que ri e se locomove e que carrega nas suas instâncias o perigo do olhar das suas vazantes.

Que é fã da canção que diz que somos todos eternos e pecadores. Limpos como candeeiros iluminando vestes e violões, o chão do mar e a vontade de estar na próxima estação.

E que o suor da sua língua, Mirabô, fale e cale para sempre quem nunca acreditou que palavras são favos contados, apinhados de guloseimas; e que melodias são anzóis possuídos por mensagens que traduzem o calor, o sabor e o vapor daqueles longos anos.

É como o vôo do pássaro que se encontra com outras árvores, com outras raízes, com outras paisagens. Como se desaguasse e se locupletasse na viva veia do compositor, do intérprete e do a(u)tor.

E que, seduza e repita, como só os verdadeiros raios do sol imprimem a sua história. Na esteira da louca vastidão das suas mulheres. ■



Domingo em branco

Hudson Paulo Costa (Escritor)
Ilustração: Ricardo Tinoco

A Nei Leandro de Castro

Nada contra os padres e a Igreja, mas ao ser convidado para ser padrinho de casamento de uma colega de trabalho, no domingo em que meu time decidiria o campeonato, fiquei pensando a semana inteira como fugir desta maçada. De todas as desculpas do mundo arquivadas em minha mente, nenhuma parecia plausível até o momento. Fui comprar um sapato novo antes que as lojas fechassem.

Antecipando-me ao domingo, vi o mar secando lentamente. O nível das águas quase rente ao solo; longe emergiam camelos, girafas, zebras e animais de outras paragens caminhando como em desfile na passarela do holocausto. Neste dia alguém pensou-me no caminho dos trilhos da linha do trem, andando ébrio na noite enluarada, segurando inúmeras penas de pavão entre os dedos, olhando para a lua cheia e ouvindo São Jorge cantando o hino nacional num inglês medieval que Borges ensinou-me quando minha mãe lavava roupa em sua casa na década de 60.

Alguém pensou-me num escritório do World Trade Center, fazendo embaixadas com a bola que Pelé fez seu último gol, con-

versando com Bush e Bin Laden sobre o acerto de uma partida de golfe entre eles pouco antes do avião aterrissar no andar onde nos encontrávamos.

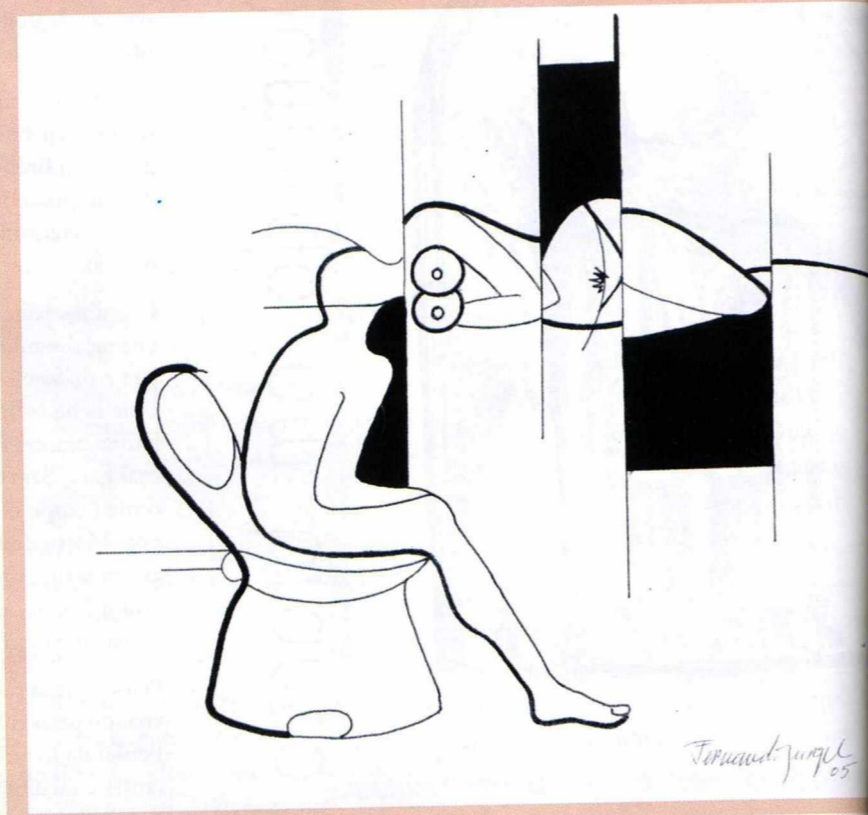
Peguei um ônibus de um itinerário totalmente diferente do meu retorno para casa. Não poderia voltar e pegar outro ônibus porque eu sabia que alguém queria que eu cumprisse fielmente tudo aquilo que sua imaginação havia determinado para que eu vivesse um domingo em branco.

O ônibus pára em frente a igreja. Desço e entro. O padre está celebrando a missa. Na hora da transubstanciação do pão e do vinho percebo que o cálice está cheio de sangue e ele bebe sofregamente. O cálice goteja pingos pela sua batina branca. Os fiéis vão ficando cada vez mais pálidos e exangues. Saio correndo antes que eu seja sugado. Apalpo o meu corpo enfraquecido. Perdi mais de 2 litros de sangue. Morto de medo olho para o interior da igreja. Todos estavam hipnotizados, parecendo zumbis. O padre estava a língua, com ar de beatitude, dizendo: "o Senhor esteja convosco".

Pensei que ia cair ali mesmo na calçada. De repente vi-me voando pelas ruas. Todos olhavam indiferentes o meu vôo. Pousei na livraria de um shopping center, sobrevoei as estantes e escolhi alguns livros para ler numa mesa reservada aos leitores. Os livros que eu abria, as letras desmanchavam-se em pó, espalhando-se pela mesa. Dirigi-me a outras estantes e encontrei uma edição do romance "O Crime do Padre Amaro" de Eça de Queiroz. Mergulhei na leitura e todas as letras continuaram intactas. Ao chegar à página em que o padre Amaro estava no seu quarto com Amélia, ensinando-lhe orações de carícias, alguém apagou a lâmpada e disse-me: "por favor, a loja está fechando". Antes de devolver o livro à estante encontrei um bilhete em letra miúda dizendo assim: "amanhã é domingo e beberei o seu sangue".

Alguém continuava a imaginar-me como personagem principal de um dia que nada mais seria senão um domingo em branco.

Cheguei atrasado ao casamento. Ao ver o mesmo padre elevando o cálice, saí correndo apavorado. Os meus amigos e a minha mulher ficaram estarelecidos. Peguei um táxi para o estádio. Não havia mais ingressos. Lotação esgotada. Tomei uma cerveja num barzinho e mais tarde voltei para casa. Ao chegar notei os meus filhos e a minha mulher um tanto pálidos. Talvez fosse minha impressão. Recebi alguns telefonemas querendo saber o que tinha acontecido. Justifiquei-me dizendo que tinha sido uma crise de diarreia. Infelizmente o meu time perdeu. Nada mais pude contar-lhes. ■



Francisco Sobreira (Escritor)
Ilustração: Fernando Gurgel

Há uns dez minutos ele está observando a mulher remexer-se num sono intranquilo, ora virando-se para o lado, ora voltando à posição de costas para a cama. A nudez da mulher é resguardada apenas pela calcinha branca, mas esta, transparente e bem ajustada ao corpo, deixa-lhe quase exposta a bunda, quando ela está de costas para ele. Enquanto a observa, procura precaver-se de qualquer sinal que o indique estar desperto, estático naquela posição, para que a mulher não acorde do sono inquieto e venha tirar-lhe a concentração nas palavras que ela disse há pouco, quando seus corpos estavam entrelaçados.

Pouco depois sentiu vontade de urinar. Levantou-se e, com cuidado para não fazer ruído, foi para o banheiro, à sua esquerda, a três passos da cama. Ficou sentado no vaso, para continuar olhando para a mulher, cujo corpo conseguia distinguir graças a um pouco da iluminação vinda da rua através da porta aberta do pequeno terraço, à direita da cama. Quando terminou de urinar decidiu deixar o quarto. Palmilhou-o silenciosamente, tendo a mesma cautela ao abrir a porta. Ao passar pela porta do quarto das crianças ouviu o ressonar de uma delas. Na sala de visitas, dirigiu-se à janela e abriu-a. Uma aragem invadiu a sala, tocando-lhe o rosto, e ele sentiu um inesperado prazer, como se recebesse a carícia de uma mulher. Lá em baixo a rua estava silenciosa e deserta, tão diferente das horas do dia.

A pergunta da mulher voltou a assediá-lo. “E se eu gostasse de trepar com ele, o que é que você faria?” Não entendia a razão de conferir um valor real àquelas palavras (ao ponto de lhe roubar o sono), se fora ele que as criara para ela dizê-las. Como outras sem conta, ao longo daquele casamento. (Tinha-a acostumado, desde os primeiros dias de casados, a falar certas coisas durante o ato sexual. Isso o deixava excitado.)

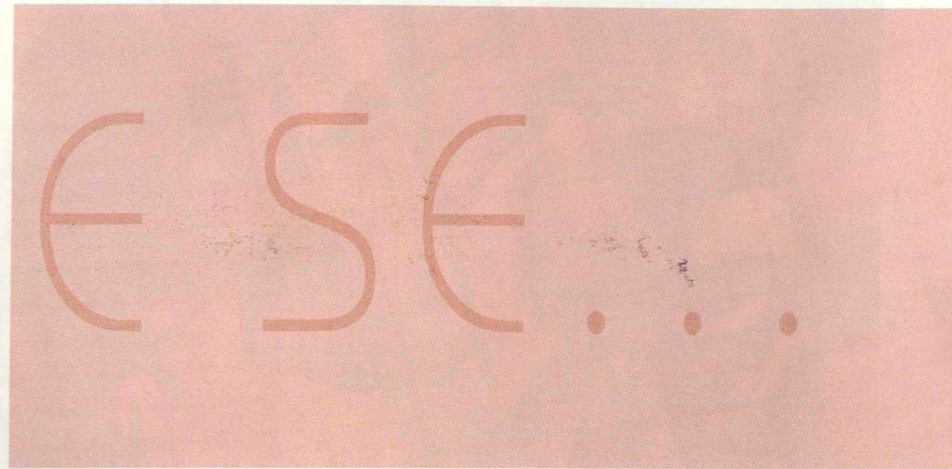
Mas, na verdade, fora o procedimento da mulher naquela noite que o perturbava. Ela fizera a pergunta, como ele ordenara, ele não disse nada, e foi aí que aconteceu o inesperado: ela repetiu a pergunta, com uma pequena variação. “Hein, e se eu gostasse da pinta dele, o que é que você faria?” A pergunta era a mesma. Mas estranhou que ela a repetisse, parecendo-lhe demonstrar um interesse

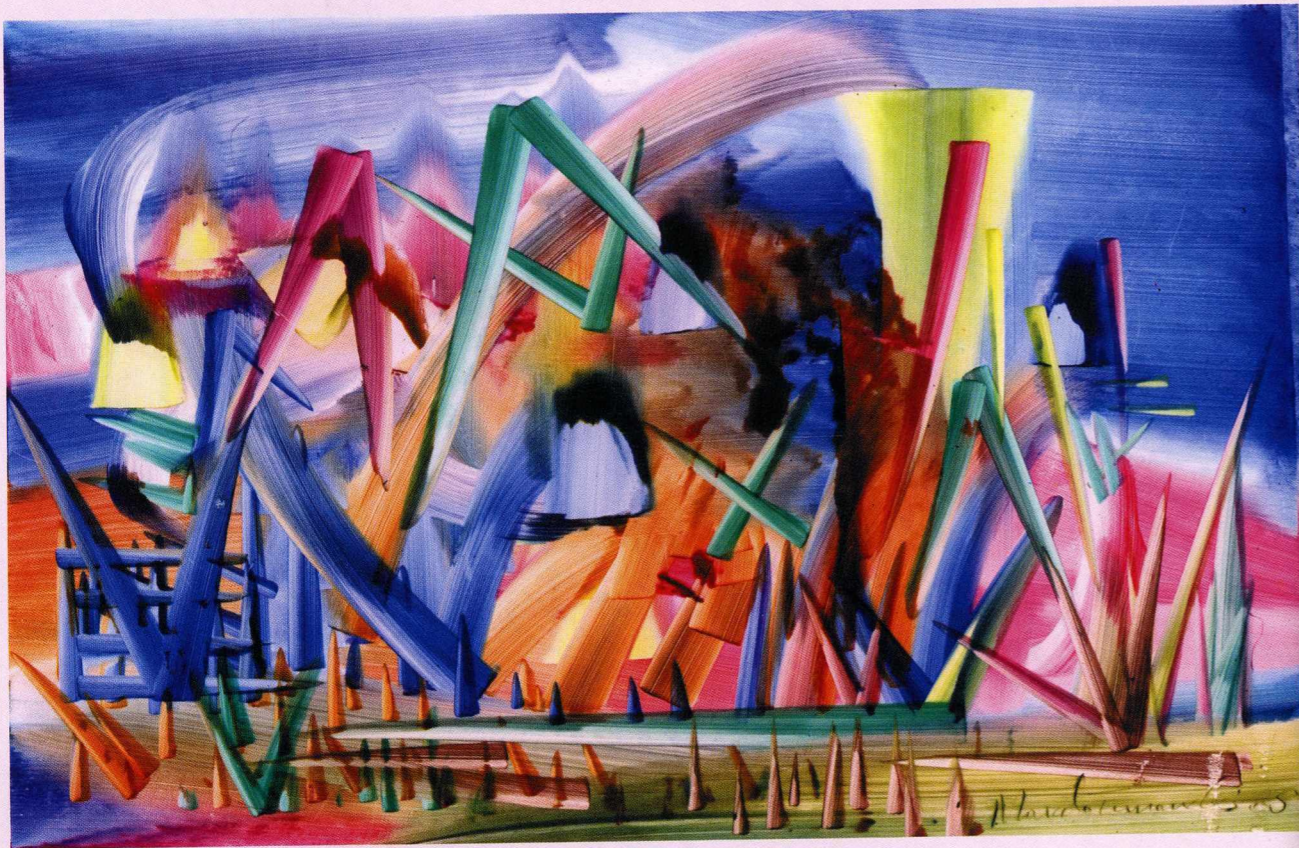
incomum, e ficou com a sensação de que o seu silêncio (também um fato inédito nos jogos eróticos entre eles) tenha-a levado à desconfiança de que ele não estava simulando naquele momento; e sendo assim, ela quisesse saber como ele reagiria a uma situação real e não apenas imaginada para tornar mais excitante o ato sexual. Pensou em perguntar, na hora e depois de terminarem, a razão daquela segunda pergunta, mas acabou desistindo.

E agora estava ali insone na madrugada longa, olhando a rua, pela qual passava um carro em marcha lenta, como se o motorista não quisesse ferir o silêncio. Quis consultar o relógio, esquecendo que o deixara no quarto. Sabia que não era muito tarde, mas que o sono já não viria sem a ação de um medicamento.

Ao ir pegar o remédio no armário do banheiro, encontrou a mulher saindo de lá. Tinha vestido uma blusa, talvez para se proteger do vento nas costas. “Perdeu o sono, bem?” Ele disse que sim e que ia tomar um sonífero e ver um pouco de televisão. Quando ainda estava no banheiro ouviu-a soltar um longo bocejo.

Dia seguinte, como de praxe, ele saiu com a mulher e os dois filhos. Deixou primeiro os filhos na escola, depois a mulher no trabalho. Se beijaram, disseram tchau, a mulher saiu do carro, ele ficou observando-a retirar-se. Ao passar por um homem, este se virou e pôs-se a olhar para ela. Lá do carro ele não despregou os olhos do estranho, que só retomou a caminhada quando ela entrou num prédio. Ligou o carro e foi embora.





O ventilador e a chave

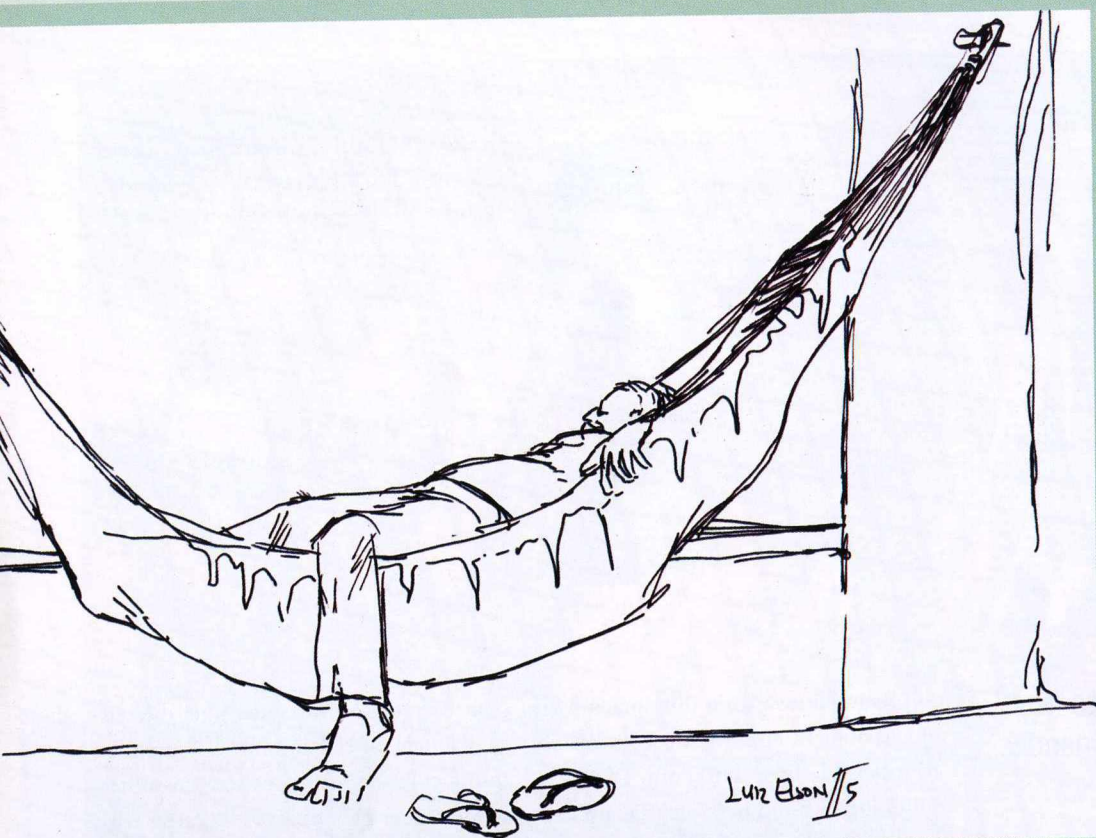
João da Mata Costa (Escritor)
 Ilustração: Marcelo Fernandes

*“Deixa-me crer que uma dessas estrelas
 guia a minha vida pelo obscuro mistério”.*
 (R. Tagore)

Ele tem estatura mediana, meia-idade e um certo ar de altivez. Carrega sempre uma bolsa, chaves e livros. Certo dia, além de tudo isso, carregava um ventilador. Coisas para fazer, pesquisar, pensar e decorar que não têm fim. Sua casa-biblioteca é uma extensão do trabalho, ou uma coisa se confunde com outra. Códigos e chaves querem governar o mundo. O número de escaninhos do cérebro é limitado e o Homem não é livre. A chave? Perdeu! Será que não foi naquele lixão onde o carro costuma estacionar junto. Melhor olhar. Na saída do carro, com tantas bolsas e chaves, pode ter caído dentro. No outro dia, munido de forças, azougue e de uma só determinação enfrenta o lixão. Começa a retirar uma a uma as peças de um lixo pós-fes-

ta. Quem passava dizia uma piada e via aquele homem confundido com o lixo. Tá reciclando lixo? Dizia um. Tá procurando jornal velho para recortar notícias, pensava outro. Mas “os jornais de cabeça para baixo”, como pode?! “E mole!”. Dormiu só e ninguém sabia que seus pensamentos e sonhos eram uma chave. Se a chave pelo menos abrisse a porta do céu, mas o céu não tem dono. Melhor olhar para o céu e ver como é lindo! Começa a se formar uma roda de colegas e estranhar aquele procedimento. Eles riam, riam muito, pois o riso é a melhor saída quando não se conhece uma coisa. Seres normais e equilibrados deixam-se possuir de sentimentos mesquinhos e precisam rir dos que se não lhes igualam. Pessoas que não conhecem o segredo da chave e do encantamento passavam por ele e sorriam. Ficou maluco! Coitado, porque estudar tanto? Vai ver são aqueles mesmos livros que deixaram mole os miolos de um outro fidalgo. O que encontrar não é novidade: garrafas secas, copos descartáveis, jornais velhos, restos de comida e uma camisa-de-vênus. A festa foi animada. Melhor não mexer

com os mitos venusianos. Que diferença daquele outro lixo onde ele aprendeu muita coisa de fulana: os seus costumes, o que comia e até pedaços de cartas e bilhetes. Fulana nem sabe dele e ele sabe tanto de fulana através do lixo. Os bilhetes – tudo ele lia –, fulana remetia para a avó que morava em outra cidade. Fulana deve estudar durante a noite. Que vontade de conversar com ela e indicar alguns livros, quem sabe ela participaria do seu mundo. Os livros eram mesmo a perdição daquele homem. Eles ensinam muita coisa e o lixo diz tudo, mas não resolve o problema do encantamento das chaves. Ou pior, esconde. Melhor relaxar, ligar o ventilador e chamar o vento. Trocar a fechadura é uma solução muito óbvia. Ao ligar o ventilador ele ouve um grande barulho. A chave repousa nas pás do fazedor de vento. E roda as pás do ventilador. Entrou na porta da sala, saiu nas asas do tempo. O lixo pode ser uma revelação ou impossibilidade. “Ele fala de mim e de você”, mas não pergunte onde está a chave. A resposta meu amigo, dizia Bob Dylan, “is blowin’ In the wind”.



O bom da vida

Afranio Pires Lemos Ilustração: Luiz Elson

Manoel do Carmo morava em Cajupiranga e fora convidado a passar final de semana na casa de seu próspero amigo, Cícero Lopes, no município de Castanheira. E como lhe tinha consideração e gostava de viajar, não contou conversa.

No sábado, por volta das nove horas, já se encontrava na cidade, distante da sua, uns setenta quilômetros.

Encostou o carro debaixo da algarobeira, que lhe pareceu podada ao extremo, e com extremo mau gosto, mas que, mesmo assim, daria sombra amiga a sua caminhonete, enquanto lá permanecesse.

Cícero Lopes veio recebê-lo em pessoa e com ele entrou em casa.

Manoel cumprimentou a todos que lhe apareciam e percebeu que, pela fisionomia das pessoas, um bom tempo se passara desde a última vez que visitara aquela família. Tanto que estranhou algumas delas. Chiquinha, por exemplo, a filha mimada de Cícero, crescera e estava uma moça. Os irmãos, a mulher e uns outros familiares, quase todos mudados para melhor, graças a Deus, comprovavam o pensamento.

Estabeleceu-se logo aquela prosa razoável, até porque tinham muitos assuntos a pôr em dia. Começando pelos negócios.

– Como vai a venda da torta?

– Bem. Como a do açúcar e a da farinha. Aquele negócio que você me propôs de leite em pó, não sei bem se vai dar. O povo fica meio escabreado. No entanto, tudo corre bem.

– E comigo, digo o mesmo. Vamos aguardar como fica depois das festas.

– E Paulinho-de-Cida, como vai?

– Casou-se.

– Então lascou-se.

Almoçou, deitou-se no alpendre lateral, rede velha, nova no cheiro de saudade. Não queria tirar uma soneca, mas como sempre, tudo lhe convidava para relaxar, naquele mundão de gente amiga. Muito bom para uma soneca. E foi o que realmente aconteceu, até porque ele não ouviu mais o tiquetaquear do relógio da sala, embalando-o no sono manso da rede branca de saudade velha.

Acordou mais tarde e olhou assim o telhado, como se perdido no meio do mundo.

Foi quando lhe chamaram para o cafézinho.

– Com pão-de-ló, batata doce e tapioca.
– Já vou.

– Venha logo que cê num veio aqui pra dormir, são dorminhoco. Tá tudo esperando.

E continuaram as conversações, firmes e cheias de novidades. Afinal passaram-se vários meses, depois do último encontro.

E como velhos amigos, e amigos das famílias de cada um, perguntou-se por uma pessoa daqui, e indagou-se sobre outra, dacolá. O suficiente pra saber que Maria José andava cada vez mais rica e Luizinho-de-Vera sempre gastando todo o dinheiro dela. E a Carlota? Essa só andava agora em carro novo. Rica.

– E a Chiquinha?

– Num dá pra quem quer.

– Pra cê vê, a vida! Uma menina tão feiinha!... E o Geraldo-da-farmácia?

– Virou o cangote. Besta demais.

– Véio ruim! Aquilo num é mais ruim porque num presta mesmo. E já sabe com quantos contos de réis o menino da Toinha-de-Tota se perdeu?

– Também, sabido daquele jeito, queria o quê, hem?

Demorou-se analisando procedimentos do irmão de Manoel do Carmo, que tirara na loteria e quase não dera tempo dele esconder o dinheiro, já não se dizia nem mais do povo, mas da parentela. Que caiu tudo em cima e logo ele teve de dividir com todos, os duzentos contos que tirara.

– É a vida!

A vida seria assim mesmo. E triste de nós se não houvesse fé e caridade na face da terra. E nós não tivéssemos determinados parentes.

A Luciana, cunhada de Cícero, que de maneira exuberante enriquecia, depois de montar armarinho, tinha o suficiente para comprovar a dedução.

– Também com um marido daqueles, né compadre? Ajuda muito.

– Muito!

Veio o jantar.

À mesa, e não se sabe bem por que, Manoel do Carmo percebeu que as gentilezas ganharam tom mais avançado, quase de cerimônia. O palrar ganhou retoques, e posições de etiqueta mais sofisticação. Distinguia-se bem isso.

A noite enluarada, a calma da cidade, o recanto em que a casa se localizava, perto da igreja, e a forte impressão de amizade que se emprestava ao encontro, depois de tanto tempo sem prosa tão qualitativa, talvez contribuisse para o enobrecimento das ordens e para aqueles novos ares estabelecidos.

E Manoel calmo, esperando que lhe levassem o prato de sopa, servido.

– Leva isso daqui, Maria!

– Ah! O prato! Peraí Manezim!...

– Essa Julinha!

Regressaria logo cedo na manhã seguinte, prometendo retornar no final do mês entrante. Queria conversar mais, saber outras novidades. E dizer outras. Que os meninos de Pedro Carço estavam indo morar na capital, uns casados e outros à procura.

E que Cícero, quando fosse a Cajupiranga, não deixasse de falar com ele.

Solicitou, na oportunidade, se não fosse incômodo, e antes de vir a coalhada, que lhe trouxessem um copo d'água.

– Coisa pouca. É que depois de uma salada dessa....

– Num seja por isso!

Chiquinha foi quem se levantou e disse que ia apanhar na cozinha, pessoalmente. O pote do meio tinha a água mais fria da casa. Manoel agradeceu e lhe olhou a rabo da saia e a blusa. E o babado novo. Bonitas, as filhas do compadre.

E aguardou a água.

Animado e gesticulando ao explicar uma discussão em Cajupiranga, onde João Branco espanara a cara de Lourival, com a mão aberta, tantas vezes quis, Manoel do Carmo, entusiasmado com a narração, levantou muito a mão direita, e bateu, sem querer, na bandeja onde Chiquinha, lhe trazia o copo d'água, com toda a presteza do mundo.

São atos ou gestos que acontecem em reuniões de família. E não só de famílias. Em reuniões de amigos, com gente animada, que não presta a atenção devida e bate na cara de uma amiga, no peito de outra pessoa, na cabeça de outro sujeito.

Reuniões em que o entusiasmo contagia. E não houve jeito.

– Opa, desculpa!...

– Desculpe! Digo eu: desculpe!

O copo caiu bem dentro de seu prato, derramou o líquido por cima da verdura e, sem se evitar, espatifou-se no chão.

Manoel do Carmo sem se alterar e, ainda admirando a beleza de Chiquinha e a franqueza de todos da casa, não mediu distância. Apanhou o prato pelas bordas e com as duas mãos levou-o aos lábios, e bebeu toda a água que nele havia ficado.

Afita, Chiquinha exclamou:

– Homem; são Manoel. Espere. Espere aí, que vou já ver outro copo.

E Manoel do Carmo, sem confusão:

– Nada, não, essa menina. Pode deixar que eu, por água, sou mesmo que arco-íris. ☺



PASSA E FICA

Bordadeiras preservam a frivolité

Por Gustavo Porpino e David Clemente

Fotos: Anchieta Xavier

Ao povo de Passa e Fica não interessa se a Pedra da Boca, adotada como símbolo do município, fica em território paraibano. E com razão. O Parque Ecológico da Pedra da Boca fica mais próximo de Passa e Fica do que de qualquer município paraibano. A cidade, chamada de Princesa do Agreste pelos seus habitantes, começa a tirar proveito desta proximidade. As seis trilhas do Parque atraem adeptos do turismo de aventura e o incremento no fluxo de pessoas na cidade começa a favorecer também a cultura e o comércio.

As bordadeiras de Passa e Fica mantêm vivo a *frivolité*, tipo de renda feita totalmente à mão e cada vez mais rara de se encontrar. A Casa do Artesão, inaugurada em novembro de 2003, ajuda a comercializar a produção. Teatro e dança também formam o cenário cultural do município. O Macambirais, companhia de dança e cultura popular, criada em 2001, utiliza elementos do folclore nordestino para apresentar suas danças e peças teatrais. A sede do grupo, um prédio com cerca de 800 metros quadrados, deve ser transformada em mais uma Casa de Cultura Popular, projeto da Fundação José Augusto presente em 12 municípios potiguares.

Passa e Fica, a pouco mais de 100 Km de Natal, começa a tirar proveito da sua proximidade com a capital para atrair turistas. Os holandeses e portugueses visitam semanalmente a Pedra da Boca. Segundo o guia local, um em cada quatro visitantes é estrangeiro. A rota dos ônibus que vão para os municípios paraibanos de Belém, Guarabira e Campina Grande, também movimentam o cotidiano dos pouco mais de 8 mil passa-fiquenses.

As terras do município sempre foram ponto de passagem para viajantes. O nome curioso nasceu a partir daí. Segundo contam, por volta de 1929, Daniel Laureano de Souza construiu a casa que daria início ao povoado, entre Nova Cruz e Serra de São Bento. A localização da casa, à beira da estrada, favoreceu a instalação de uma bodega para atender os passantes. Antônio Luiz Jorge de Oliveira, o Antônio Lulu, passou a chamar a bodega do conterrâneo de "o passa e fica". Assim surgia o nome da cidade, desmembrada de Nova Cruz em maio de 1962.

*Santo Deus Pai poderoso
Dai a mim inspiração
Para contar uma estória
Aqui dessa região
Falar do reino encantado
Que existiu nesse torrão*

*Diz a lenda que um dia
Nesse chão já existiu
Um reino muito bonito
Que igual jamais se viu
Com um feitiço do mal
O belo reino sumiu*

*Vivia nesse reinado
Uma família feliz
Era o rei e a rainha
Que viviam no país
E uma filha muito linda
Assim a estória diz*

*Quando a linda princesa
Quinze anos ia fazer
O rei falou para a filha
Tá na hora de escolher
Pra você um pretendente
Uma festa vou fazer.*

*Mandou convites pra os jovens
Pois um queria escolher
Para casar a princesa
E a família crescer
Porém teve um grande azar
Ouça o que eu vou lhe dizer*

*Por arte não sei de que
Ou o destino atentou
Não convidou um rapaz
Pois dele não se lembrou
Era o filho de uma bruxa
Que enraivada ficou*

*Ela falou para o filho
Dizendo deixa estar
Que vou fazer um feitiço
E do rei vou me vingar
Já que não te convidou
A filha não vai casar*

*A princesa era tão linda
Causava admiração
Era tão meiga tão doce
Como uma rosa em botão
Seus olhos céu estrelado
Em noite de São João*

*Por isso a bruxa pensava
Com o seu filho casar
Aquela linda donzela
E no castelo morar
Ele não tendo convite
Ela não podia entrar*

*Tudo se encaminhava
Para aquele belo dia
Em que a linda princesa
Para casar escolheria
Um entre todos rapazes
Que a ela pretendia*

*Chegou o dia da festa
E o castelo brilhava
Todo enfeitado de ouro
E a muitos invejava
Então soou a corneta
E a festa começava*

*A velha bruxa malvada
Tudo havia preparado
Então voou pro castelo
Com seu feitiço malvado
O transformou numa pedra
Ficando tudo parado*

*Amigos essa tal pedra
Em castelo se transformou
Hoje é a pedra da boca
Que para nós se formou
Num parque arqueológico
Assim a estória provou*

Trecho de "A princesa da Pedra da Boca" (Autora: Elizabete Faustino de Sousa, 37 anos, filha de agricultores e natural de Passa e Fica).



Mãos pacientes tecem a beleza

Nestes tempos de informatização e substituição do trabalho manual pelo maquinário é meio difícil imaginar que um pano de bandeja possa demorar até 20 dias para ser feito. Luzia Cardoso de Mendonça, 41 anos, uma das poucas bordadeiras que ainda domina a arte da *frivolité* em Passa e Fica, sabe domar o passar das horas e o trabalho repetitivo para alcançar a perfeição nas peças que cria pacientemente. A renda rica em detalhes que se executa com uma naveta usando fio de seda, algodão ou linho exige muita coordenação motora para não errar os pontos. Basta um pequeno descuido para colocar horas de trabalho a perder.

A naveta ou navete, espécie de agulha de madeira fabricada artesanalmente pela própria rendeira, é o único instrumento utilizado para ir formando a renda. A agulha artesanal é feita da casca do tronco dos cajazeiros. “Dura mais do que as de plástico que vendem por aí”, atesta. Outros artesãos utilizam a casca da árvore, abundante na região, para fazer esculturas.

O navete passa entre os dedos da mão esquerda e vai juntando a linha cuidadosamente amarrada nos dedos da mão. A arte já foi mais comum, como conta Luzia, nascida e criada no sítio Calabouço, em Araruna, município paraibano que faz fronteira com Passa e Fica. “Naquela região onde me criei todo mundo fazia. Ficava curiando as vizinhas mais velhas. Até que aprendi”.

A curiosidade fez bem a Luiza e tem ajudado ela a ganhar a vida até hoje. A artesã espera a oportunidade de oferecer cursos de renda na Casa do Artesão, local que serve de sede para a Associação dos Arte-

sãos de Passa e Fica e possui lojinha de artesanato. Luzia também borda em casa utilizando uma máquina de costura. Faz tapetes, colchas de retalhos ou qualquer encomenda de bordado que aparecer. “A vida é esta mesmo”, diz, franzindo a testa e mostrando que está acostumada a sobreviver com o pouco que consegue ganhar.

Luzinete Balbino, coordenadora da Associação dos Artesãos, conta que a *frivolité* fez muito sucesso no São João do Nordeste, feira realizada em 2004 no Anhembi, em São Paulo. A exposição do artesanato de Passa e Fica na feira paulista abriu um novo mercado para os vinte artesãos da Associação. Para atender os turistas, os artesãos começam também a pintar as paisagens do município em tecido.

A Pedra da Boca serve de tema para decorar panos de prato e panos de bandeja. O desafio agora é conseguir levar os turistas estrangeiros, vindos nos passeios organizados por agências de turismo, a visitar a Casa do Artesão. “Os guias são comissionados por lojas de artesanato de Natal. Parece não haver interesse em mostrar o artesanato feito em Passa e Fica”, alerta Fabrício Lira, coordenador de turismo e cultura de Passa e Fica.



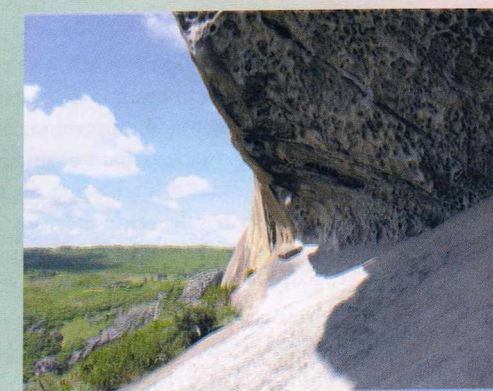
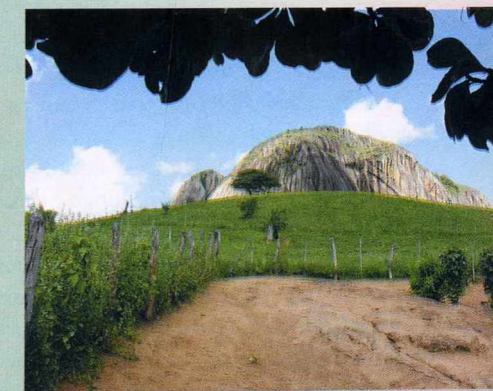
Parque Ecológico atrai turistas

A Pedra da Boca leva a fama e é o centro das atenções, mas o Parque Ecológico também tem outros atrativos. Chegar até lá é fácil. O acesso é pela RN 006 que liga Passa e Fica a Belém (PB), depois é só dobrar à direita na estrada do Calabouço. O percurso da cidade até a entrada do Parque é de apenas 2,5 Km. A dificuldade só vem a seguir. São seis opções de trilhas e muitas paisagens a serem descobertas. As vistas e muito verde são um deleite para os olhos. O rio Calabouço, na entrada do Parque, divide os Estados do Rio Grande do Norte e Paraíba.

Agora é pé na trilha e espírito de aventura. A Trilha da Pedra da Santa, percurso de 4 Km feito por romeiros há décadas, abriga o santuário em homenagem a Nossa Senhora de Fátima desde 1954. A imagem original de Fátima, colocada no início do século passado na Pedra da Santa, foi transferida para o casarão da fazenda de Celma Lisboa. A Trilha das Cavernas, considerada a caminhada mais difícil do Parque, passa por uma peque-

na caverna até chegar a Pedra do Forno. A outra caverna da trilha teve a entrada fechada em 2002 por um desmoronamento provocado por fortes chuvas. A Trilha da Mata do Gemedouro é a oportunidade de encontrar animais nativos como sagüis, juritis, camaleões, cobras de cipó e tamanduás. A Trilha da Pedra do Couro, uma escalada para apreciar a vista do Parque, permite uma visão ampla do rio Calabouço e de todo o verde ao seu redor. Enfim, são muitas as opções de passeios, mas nenhum deles parece ser tão disputado quanto escalar a Pedra da Boca.

Calça comprida, tênis resistente, garrafa com água e muita disposição são fundamentais para a escalada. Os mais precavidos podem também passar repelente de insetos e levar uma lanterna. A subida até a chamada “boca”, fenda horizontal quase no topo da pedra voltada para o rio Calabouço, compensa o esforço. São aproximadamente 115 metros até chegar na sombra feita pela cavidade na pedra. O topo fica a cerca de 180 metros do solo.





Os olhares mais atentos irão perceber também a beleza exótica da parte interna da rocha. O teto da “boca” é bastante irregular e parece formar fractais, tamanha é a originalidade do mosaico esculpido pela natureza. O bicho homem também tem deixado suas marcas. Alguns visitantes teimam em pintar seus nomes nas paredes da rocha e até arrancam pedaços.

Os municípios de Serra de São Bento, Monte das Gameleiras e Passa e Fica podem ser vistos já na boca. Quem conseguir chegar até o topo, subida quase impossível nos meses de chuva por conta da formação de lodo sobre a rocha, avista Araruna, no lado paraibano, e Nova Cruz, no agreste potiguar.

Os guardiões da Pedra da Boca

A Pedra da Boca tem dois guardiões. Francisco Cardoso de Oliveira, o Tico, 47 anos, adotou a pedra como uma extensão de sua casa. Nascido e criado aos pés da Pedra da Boca, Tico serve de guia aos visitantes desde 1988. A casa simples, onde mora com a família, também funciona como restaurante. Serve galinha caipira, bode torrado, cuscuz com leite, queijo de coalho e outras comidas regionais.

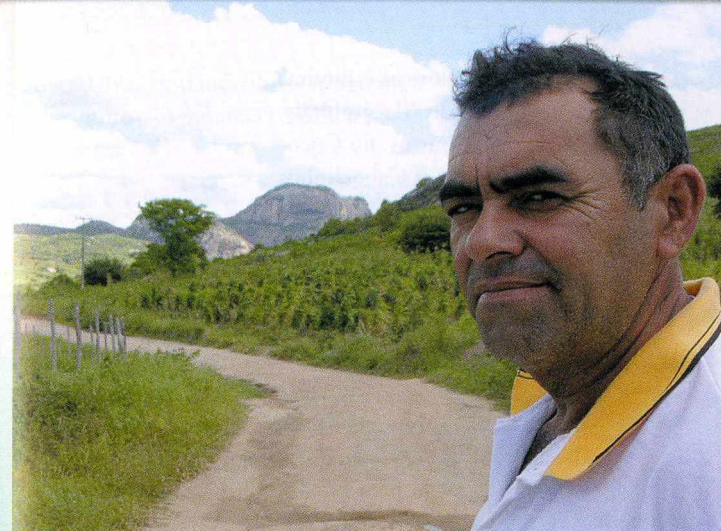
Seu Tico, como é conhecido pelos conterrâneos, fez curso de rapel com instrutores vindos do Rio de Janeiro em 2003.

A trilha mais cobiçada passa por macambirais e bromélias incrustadas entre as rochas. A cada passo em direção ao topo, a vista vai ficando mais bonita. O horizonte vai ficando mais longe e descortina o verde intenso do mês de julho. Algumas poucas árvores oferecem sombra pelo caminho. Um juazeiro é a primeira parada para fotos. Mais à frente, já num paredão elevado o suficiente para a prática de rapel, a sombra de uma aroeira alivia o calor. O trecho seguinte é o mais íngreme, mas não chega a oferecer riscos se feito em companhia de quem conhece o melhor percurso para a subida.

Vencidos alguns pedregulhos soltos sobre a rocha nos últimos 40 metros, chegamos à “boca”, ponto ideal para descansar à vontade na sombra. Alguns aventureiros levam até barracas para acampar. Lá do alto, os visitantes avistam a língua fina do rio Calabouço zigzagueando o vale verde entre os coqueirais até desaguar no açude. A Pedra do Rosário é vista à esquerda e a Pedra do Gavião, à direita, mas o bom mesmo é deixar o olhar se perder pelo horizonte. A brisa constante refresca o suor da subida e a paisagem rende muitas fotos.



Manoel Ribeiro, guia do Parque



Francisco Cardoso, o Tico

Desde então, ajuda os praticantes deste esporte radical a descer os 85 metros do topo da pedra até a fenda chamada de boca. “A gente leva umas duas horas para subir a pedra até o topo”.

O guia confirma que o Parque Ecológico é mais visitado por potiguares e turistas vindos de Natal. “O Rio Grande do Norte é quem trás os turistas. Quando vem da Paraíba, é aluno da universidade”. Segundo conta, todas as terças-feiras chega um grupo de holandeses. Às sextas e sábados recebem turistas portugueses. A falta de infra-estrutura adequada não permite que grupos maiores façam refeições no local, comprem utensílios necessários para a caminhada ou tenham acesso a maiores informações sobre o Parque Ecológico.

O Governo da Paraíba cercou a área e colocou uma pequena placa na entrada alertando sobre os cuidados a serem tomados nas trilhas, mas falta muito a ser feito. A falta de banheiros, por exemplo, é uma reclamação constante dos turistas. Os panfletos com informações sobre as trilhas são impressos pela prefeitura de Passa e Fica com apoio do comércio local. “Acho que se não fosse o Rio Grande do Norte, e principalmente minha vontade, não havia era nada”, salienta Tico.

O passa-fiquense Manoel Ribeiro, 42 anos, guarda oficial do Parque Ecológico, é outro apaixonado pelo lugar. Manoel é funcionário do governo paraibano e conhece como poucos os atalhos das trilhas e a melhor forma de escalar as rochas. A desenvoltura de Manoel ao subir a Pedra da Boca impressiona. Acostumado desde menino a correr entre o mato e as rochas, o guia sobe até a boca em cerca de 30 minutos com sandálias nos pés. Sempre mantendo o corpo esguio, sem precisar usar as mãos para vencer os trechos mais íngremes.

Manoel chega a fazer o percurso até a “boca” várias vezes por dia. O guia recolhe o lixo deixado pelo caminho por alguns visitantes e orienta os turistas. “A Falta de preservação dos visitantes ainda acontece. Há um projeto de fazer uma portaria na entrada”.

Dança preserva raízes culturais

A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Foi por pensar assim, e defender a preservação da identidade cultural nordestina, que surgia, em 2001, a Companhia de Dança e Cultura Popular Macambirais. O tradicional forró pé-de-serra, o coco-de-roda, cirandas, maracatus e caboclinhos são apresentados pelo grupo fazendo algumas adaptações. O grupo também apresenta dramas, cânticos de romanceiro e autos populares.

A Companhia Macambirais cresceu bastante desde a fundação. Vencer o preconceito de parte da população contra os dançarinos foi o maior desafio. Os primeiros ensaios, realizados no clube municipal, contavam em média com 40 crianças e jovens entre 11 e 21 anos. “O único objetivo era de criar uma opção cultural para os visitantes da Pedra da Boca, com o tempo foi se percebendo que aqueles garotos tinham um grande potencial artístico e poderiam ser mais bem aproveitados dentro do projeto de valorização cultural do município”, conta o arquiteto Fabrício Lira, 29 anos, coordenador de turismo e cultura de Passa e Fica.

Fabrício, ex-dançarino do grupo Tropeiros da Borborema, de Campina Grande, fez diversas viagens pelo Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba



para conhecer danças folclóricas e montar as primeiras coreografias do Macambirais. Buscou inspiração, entre outros, no Cocode-Roda de Tibau do Sul, nos Caboclinhos de Ceará-Mirim e observou grupos de Boi-de-reis da Paraíba. “Fazemos uma estilização das danças de raiz, mas não perde a essência”.

O grupo expandiu as atividades desenvolvidas inicialmente e terminou sendo parte do Projeto Macambirais, ONG criada em 2003 para educar, qualificar e desenvolver um projeto de inclusão social para a criança e o adolescente. O espetáculo Nordeste Vivo, uma mostra de 32 danças apresentadas pelo grupo, tem sido apresentado em diversos Estados. “Apresentamos cinco danças ou seqüências de vários Estados do Nordeste, totalizando 32 danças. É um grande passeio cultural pelas mais variadas manifestações autenticamente populares e que melhor caracterizam a alma cultural de nosso povo”.

A Companhia foi a única representante potiguar na Festa do São João do Nordeste, realizada no Anhembi, em São Paulo, e do Pernambuco em Concerto, em 2002, no Recife. As danças do Macambirais foram apresentadas também nas feiras do “Brasil Mostra Brasil” em João Pessoa, e na FIART, em Natal. O trabalho artístico não fica restrito à montagem das danças e dramas. Alguns componentes começam a mostrar habilidade com as artes plásticas. Oziel Soares Ribeiro, 18 anos, um dos mais talentosos para a pintura, desenha e costura parte dos figurinos do Macambirais. Os painéis de temática nordestina, pintados nas paredes do amplo Espaço Cultural Macambirais, galpão utilizado para os ensaios, foram pintados por Oziel.

Os figurinos são produzidos na cidade, normalmente pelas mães dos próprios alunos com patrocínio da prefeitura local, com exceção do figurino do Maracatu Nação, desenvolvido pelo figurinista Carlos Sérgio Borges e doado pelo Governo do Estado em 2004. Os dançarinos permanecem no Macambirais até completarem 21 anos. Maria Aparecida Raimundo e Marcelo dos

Santos Silva, ex-dançarinos, atingiram a idade limite e passaram a trabalhar como instrutores.

A dupla é responsável pelos ensaios aos sábados, das 14h às 17h30. Todos os sábados são motivos de festa para os componentes. Ninguém parece estar lá por obrigação. Desde o caçula do grupo, o garoto Lourenço Firmino Nascimento Neto, 8 anos, até os veteranos com mais de 20, cada um abre um sorriso largo ao pisar no tablado de madeira do Espaço Cultural.

Os coordenadores não se dão por satisfeitos com as mais de 30 coreografias ensaiadas pelo grupo. A próxima dança a fazer parte do espetáculo Nordeste Vivo será o Araruna do mestre Cornélio Campina. O figurino já está desenhado, faltando ainda um patrocínio para a confecção.



O trio de forró do Macambirais é formado por adolescentes de uma mesma família. Os três jovens, com idade entre 18 e 20 anos, são autodidatas. Luís Raimundo Braz Júnior, o Lula, 18 anos, toca sanfona de 120 baixos com a desenvoltura de um veterano. “Tem uns cinco sanfoneiros por aqui, mas jovem como eu só mais um”.

O agricultor que adora mamulengo e Boi-de-reis

A arte dos mamulengueiros tem diversos nomes. João-redondo, no Rio Grande do Norte. Mamulengo, em Pernambuco. Babau, na Paraíba. João-Minhoca na Bahia, em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Briguela em São Paulo. Cassimiro-coco, no Piauí. Seja como for conhecido, o teatro de bonecos está perdendo interesse entre os jovens do interior potiguar. A constatação é de Francisco Ferreira Sobrinho, o Francisquinho, 57 anos, um apaixonado pelos bonecos de mamulengo.

Francisquinho é agricultor. Planta feijão, milho e macaxeira no sítio Bebedouro, região rural de Passa e Fica. Quando criança, acompanhava as apresentações de João-redondo pelos sítios ao cair da noite. A tolda era estendida, as lamparinas acesas e logo os meninos corriam em direção ao mais festejado veículo de comunicação da época. “Este ano não me chamaram nenhuma vez para fazer apresentações nas escolas”.



O mestre de Francisquinho foi Antônio Davi de Queiroz, o Antônio Rato, antigo mamulengueiro de Passa e Fica, falecido em 2003. “Desde menino que eu sabia arremedar boneco de João-redondo, mas aprendi com ele”. Disposto e irreverente, o mamulengueiro conta do receio da esposa em vê-lo freqüentando vaquejadas. “É uma tara de brincar isso danada. Faço um bocado de coisa. Brinco Boi-de-reis, vendo uns mangaio na feira e tô correndo atrás de boi nas vaquejadas, mas minha mulher não quer não”.

O mamulengueiro lembra do tempo em que, trabalhando na pavimentação de uma estrada em Pedro Velho, “arremedava os bonecos de noite para entreter os trabalhadores”. Os companheiros de trabalho, entre uma e outra risada, diziam que Francisquinho era melhor do que contador de histórias de Trancoso, outro hábito quase extinto nas calçadas do interior.

A arte do mestre Chico Daniel, um dos mais reverenciados mamulengueiros potiguares, é elogiada por Francisquinho. “Chico Daniel fez profissão no meio do mundo, eu brinco, mas vivo nos mato”. A tolda de Francisquinho já foi erguida em Lagoa D’anta, Passa e Fica e vários sítios do agreste potiguar.

A arte tem que continuar

Depois de 20 anos dedicados quase inteiramente à arte, o destino de Pedro Pereira da Silva, 42 anos, quis tomar-lhe os pincéis. Em janeiro de 2002, no dia em que o corpo de sua mãe estava sendo velado, ele sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) a caminho do cemitério de Passa e Fica, que o fez permanecer por três meses em coma. Ao acordar, notou que perdera a fala e toda sua coordenação motora. Parecia que o domínio sobre as cores estava definitivamente prejudicado e a carreira artística havia se encerrado ali. Mas não. Foi salvo pelas duas grandes paixões da sua vida: a esposa Alda e seu dom para as artes plásticas.

Quando Pedro Pereira ressurgiu do grave problema de saúde, seu corpo ganhou novas ferramentas e suas obras, novo brilho. Mas a ligação do artista com as tintas tem uma origem anterior. Apesar de ter morado em Passa e Fica apenas até seus cinco anos de idade, Pedro sempre visitava a cidade, em períodos irregulares. Quando começou a pintar, aos 18 anos, voltou mais uma vez à sua cidade natal, dessa vez com o propósito de instigar sua inspiração. Assim, boa parte de suas produções recebeu o colorido que seus olhos filtraram na Pedra da Boca, nas paisagens bucólicas, flores campestres e pássaros. “Passa e Fica me deu a base da inspiração por ser pacata, humilde, humana e ter um povo de coração bom”, conta Pedro.

Até chegar aos 21 anos, Pedro dividia-se entre seu trabalho artístico e a construção civil, onde era administrador de obra.

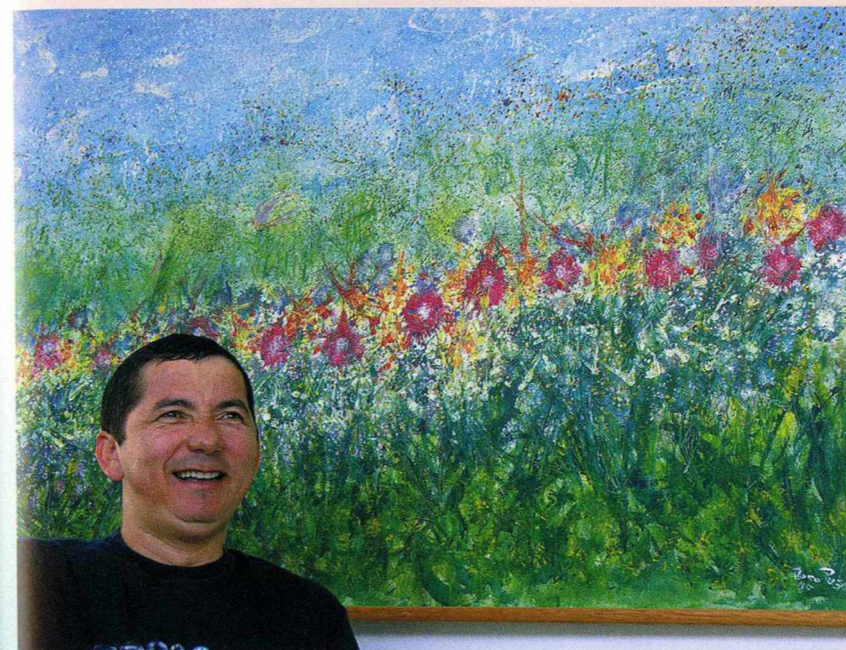


Foto: Arelia Luna

A partir da maioridade plena, continuou manuseando espátulas, colheres, pincéis e rolo de pintura, entretanto não mais sujos de cimento e argamassa, e sim de tinta.

Primeiramente pintou telas. Em pouco tempo descobriu que os custos da produção eram elevados para um jovem artista iniciante. Resolveu colorir camisetas porque seria mais barato e conseqüentemente mais fácil de vender. Além do mais, como Pedro diz, “a arte não perderia a ternura. Camiseta era a arte e o corpo era a moldura. Tirei da parede para vestir as pessoas com arte pura, exclusiva e original”.

O calçadão da Rua João Pessoa, no Centro de Natal, foi seu primeiro ponto de venda e seu ateliê por anos. Era onde pintava as camisetas. Apesar dos custos reduzidos, o lucro não dava para muita coisa. “Com o que arrecadava eu comprava mais camisetas e tinta. Queria era montar o vínculo com a arte”, explica. Ele também fala que abrir mão de um lucro maior naquele momento representava a difusão da arte e o desenvolvimento da sua própria identidade. Por quatro anos, a rotina de Pedro esteve restrita ao seu trabalho com as camisetas. A partir dos 25 anos de idade resolveu ampliar seu leque de serviços e passou a trabalhar com produção de eventos e voltou a pintar telas.

Pedro conta que sempre foi autodidata em tudo, inclusive com a produção de eventos. Mas a arte pedia um maior investimento intelectual para se desenvolver. Isso ele buscou nos museus e galerias de arte da Bahia e do Distrito Federal. Visitou esses lugares quando deixou o ramo da construção

civil. O dinheiro que recebeu da rescisão do emprego investiu nas viagens e na compra de livros e discos (na época, de vinil). Estudava escutando música. O que aprendia, transformava em desenhos, inclusive abstratos.

Após sete anos de produção intensa estava na hora de reunir algumas obras para expor. O ano era 1991. O local escolhido foi o salão nobre da Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB) e o nome da exposição foi “Passo Proibido”, uma alusão aos diversos vetos cotidianos como “proibido pisar na grama, pescar, alimentar os animais, etc”.

A exposição acabou por dividir sua carreira em antes e depois e as obras ganharam o direito de viajar. Dentro ou fora de Natal a rotina das exposições “Passo Proibido” era parecida: produzia novas obras, procurava salão, fazia convites, divulgava, encaixotava a produção e saía para a exposição. Assim a arte de Pedro Pereira foi para Recife, Fortaleza, Mossoró e Pipa e vários lugares em Natal como o Solar Bela Vista e a Fundação Hélio Galvão. Sua derradeira exposição foi no ano 2001. Mas ele está preparando uma nova para o final de 2005.

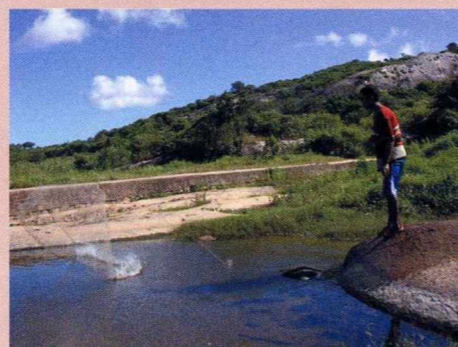
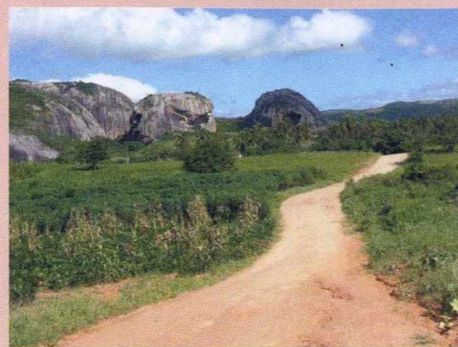
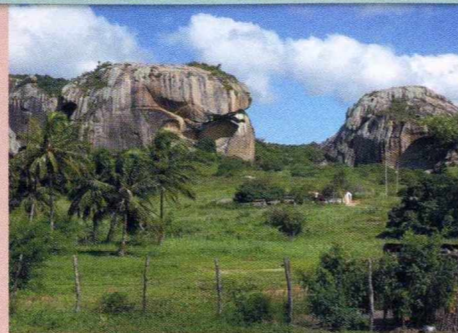
No currículo de Pedro Pereira também está a profissão de professor de artes plásticas. Ele ministrou várias oficinas de pintura. Das quais mais de cem foram a partir de um programa aprovado pelo SESI. Quando não estava atendendo ao SESI, ele escolhia o local, ia à imprensa e também procurava pessoas, isoladamente. Com a turma formada, a oficina consistia em 40 horas de aulas, desenvolvidas ao longo de 15 dias.

Dividir o conhecimento que ganhou sozinho era um ato exemplar para o artista. Sobretudo para duas turmas especiais que Pedro lecionou em Parnamirim. Cada uma com 25 alunos deficientes auditivos. Para este caso, Pedro contou com a ajuda de dois intérpretes. No final do curso os trabalhos foram expostos e a arrecadação foi convertida para a Associação de Deficientes Auditivos de Parnamirim (ADAP).

Quando tem que preencher uma ficha de cadastro, Pedro Pereira coloca como profissão Artista Plástico. Mas quando quer dar um sentido conotativo para sua profissão, se diz "Colorista". "Vivo para a arte, da arte e com arte", gaba-se. Mas para matizar seu material, opta por algumas limitações: pinta o que ele mesmo imaginar, não produz por encomenda e não desenha figuras humanas.

A maior parte da sua produção é de camisetas, mas as telas que produziu decoram muitos lugares públicos como agências bancárias da CEF, corredores da Confederação Nacional da Indústria e a Rede de Hospitais Sara Kubitschek do Aparelho Locomotor. Essa última tem um pavimento inteiramente decorado com obras de Pedro. Com a diferença que todas as obras da Rede Sara foram presentes do autor como reconhecimento pela ajuda para sua recuperação após o AVC.

O Acidente aconteceu em janeiro de 2002 durante o velório da mãe em Passa e Fica. "Eu era hipertenso e não sabia. O estresse pela morte da minha mãe causou o AVC". O ocorrido deixou Pedro Pereira em coma por três meses. Ao acordar, não falava e não tinha domínio nenhum sobre seu corpo. Fez terapia em dois hospitais da Rede Sara, em Fortaleza (CE) e Brasília (DF). Sua terapia foi trabalhar exatamente o que mais gostava de fazer: colorir, desenhar, pintar. As linhas, que ficaram bem diferentes das desenhadas antes do acidente, não perderam qualidade, ganharam poesia. "Não vejam meu trabalho pelos olhos. Vejam pela alma", pede Pedro. 📧



Altimar Pimentel

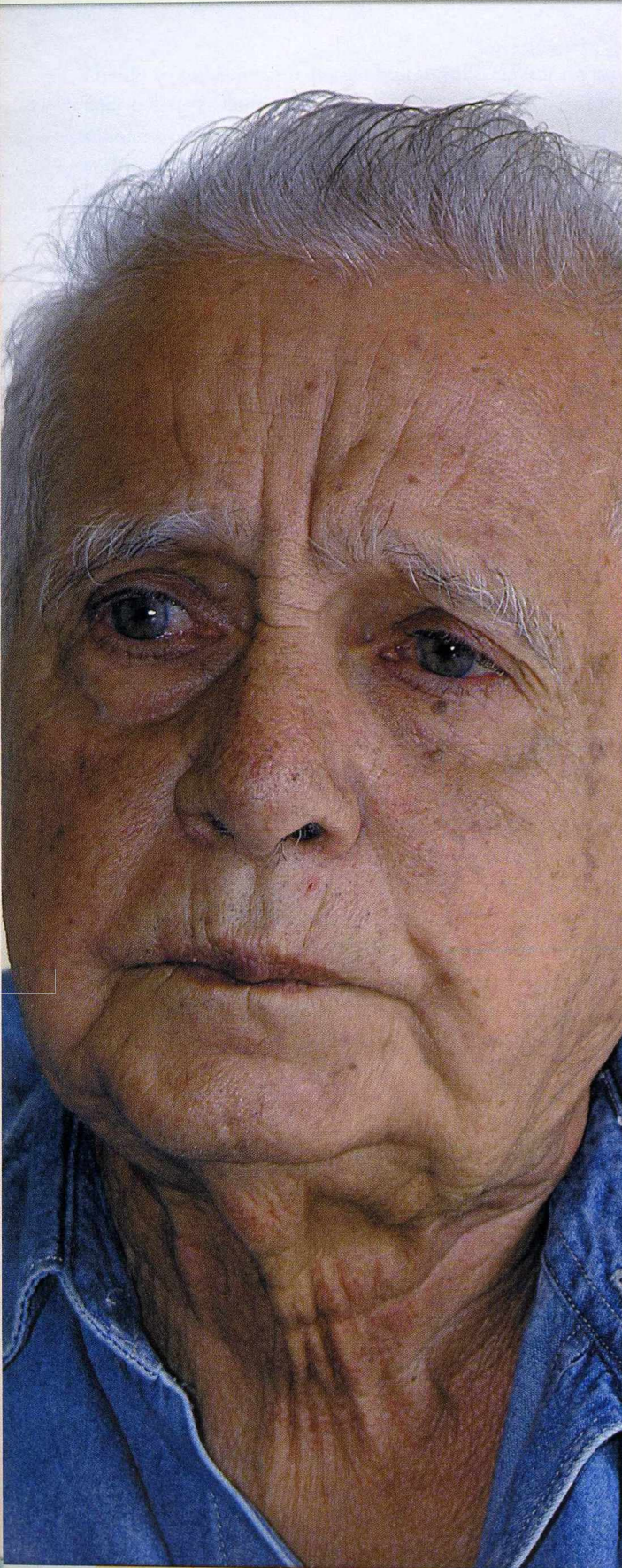
Defendo um teatro calcado nas origens nordestinas



Por Tácito Costa e Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

Altimar Pimentel nasceu em Maceió, em 1936, mas viveu a maior parte da sua vida na Paraíba. Atualmente mora em Cabedelo (PB), onde exerce o cargo de Secretário de Cultura do Município. Sua obra conta com cerca de 50 títulos, entre textos históricos, sobre o folclore, ensaios e peças teatrais. Entre as peças, podem ser citadas "Casamento de Branco", "O Auto da Cobiça", "A Construção", e "Cemitérios de Juremas". Em 1987 escreveu "Como nasce um cabra da peste", adaptação da obra de Mário Souto Maior, que fez um enorme sucesso onde foi apresentada. Na área de folclore, escreveu "O coco praieiro", "O diabo e outras entidades míticas no conto popular", "O mundo mágico do João-redondo", "Saruã, lenda de árvores e plantas do Brasil". As obras de Altimar Pimentel, membro da Academia Paraibana de Letras, retratam o universo da cultura popular, uma herança que ele recebeu dentro de sua própria casa. O avô, Francisco das Chagas Batista, escreveu a primeira Antologia de Literatura de Cordel brasileira e a mãe foi uma das primeiras cordelistas de que se tem notícia no Nordeste. Altimar esteve em Natal, em agosto, para participar da III Semana do Teatro Nordestino, promovida pela Fundação José Augusto. Numa das folgas do evento, ele concedeu entrevista à Preá, que vocês podem conferir nas páginas seguintes.



Preá - O senhor nasceu em Alagoas, mas a maioria das pessoas acha que o senhor é paraibano. A que se deve isso?

Altimar Pimentel - Eu sou da Paraíba. Minha mãe é paraibana e meu pai alagoano. Eu tenho irmãos paraibanos e irmãos alagoanos. Vim para a Paraíba em 1952, há mais de meio século, compreendeu? Cheguei à Paraíba garoto e toda a minha formação cultural é paraibana. Eu tenho título de cidadão paraibano e de Cabedelo. Mas antes de receber esses títulos eu já era paraibano, isso estava no sangue. A origem da minha família, da minha mãe, é toda paraibana. Claro, eu nasci em Alagoas. Mas minha formação toda é paraibana.

Preá - O senhor passou a infância em Alagoas. Já tinha contato com o teatro naquela época?

Altimar Pimentel - Não. Minha mãe chegou a representar, foi atriz e é a primeira mulher a ter escrito literatura de cordel. Só conheço ela que escreveu. Ela lia os romances e adaptava para o cordel.

Preá - Como se deu a sua aproximação com a literatura?

Altimar Pimentel - Em 1959 ocorreu na Paraíba um movimento de renovação das letras e das artes, que gerou uma efervescência muito grande, que se chamou "Geração 59", de onde saíram Wladimir Carvalho, no cinema... um movimento mais ligado à poesia. Na época, se fez "Aruanda" e foi nessa época que começou a despertar em mim o gosto pelo teatro. Comecei escrevendo uns contos muito ruins, que publiquei mas depois rasguei e espero que ninguém jamais os encontre. Depois é que me interessei pelo teatro. Tentei unir a cultura popular, que estava sedimentada, até geneticamente, em mim, uma vez que descendo de uma família de cantadores, os Nunes. Minha avó nasceu em Caicó, aqui no Rio Grande do Norte. O nome dela era Ugulina. Era filha de Ugulino Nunes da Costa, o grande cantador de viola. Os Batistas, Dimas, Otacílio e Lourival, eram primos de minha mãe e primos meus de segundo ou terceiro grau. Meu avô, Francisco das Chagas Batista, pai de minha mãe, fez a primeira Antologia de Literatura de Cordel, citando pessoas do século XVIII, de mil setecentos e tanto, quando nem havia ainda Literatura de Cordel no Brasil. O que havia eram poemas que as pessoas faziam, glosadores, essas coisas.

Preá - Como definiria a sua obra?

Altimar Pimentel - Ela é multifacetada. Eu sou também historiador. Tenho duas obras, uma em dois volumes, com 670

páginas, sobre a história de Cabedelo. Na Paraíba é a maior história de um município. Em Cabedelo travaram-se as lutas pela conquista do território brasileiro. Ocorreu a invasão holandesa. Foi construída a Fortaleza de Santa Catarina, de onde veio o pessoal para também ajudar a fundar a cidade de Natal. Então, nós somos potiguares também, na origem; depois é que vieram uns índios safados, os tabajaras, lá da beira do São Francisco, fugidos de lá porque ajudaram a dois aventureiros brancos arparem os outros índios que tinham lá. Depois de dizimar os outros índios, eles tiveram medo de serem presos, escravizados também. Então mataram os brancos, libertaram os outros presos e fugiram para a Paraíba, para a região do rio Paraíba, onde sabiam que os potiguares estavam em luta contra os colonizadores portugueses. O Brasil já estava sob a colônia espanhola. Portugal tinha sido anexado à Espanha. Essa história toda tem uma ligação muito grande com a minha vida e Cabedelo foi o centro dessas operações. Escrevi o primeiro volume sobre essa parte antiga da história de Cabedelo e o segundo volume sobre o século XX. E tem mais uma história que eu fiz sobre uma igreja, a capela que é a mais antiga no Brasil, a de Nossa Senhora de Nazaré, é a igreja do Almagre de Nossa Senhora de Nazaré. Esse é um livro que eu acabo de fazer e que será publicado em breve.

Preá - O senhor foi convidado a participar do ano do Brasil na França?

Altimar Pimentel - Fui convidado porque sou Presidente da Comissão Paraibana de Folclore. Iria como integrante da representação da Paraíba. Agora, estou relutando muito em ir. É que estou um pouco cansado. Escrevi seis livros, direto, sem descansar nem nos fins de semana, sem hora para nada. Uma coisa é você escrever uma criação sua, outra coisa é você escrever uma obra de pesquisa. Você tem que ir a campo e cotejar esse material coletado com todas as versões, com tudo o que se escreveu sobre o assunto no Brasil. Você parte da documentação que possui ou tem acesso para fazer a coisa mais completa possível sobre aquele trabalho. Não é uma coisa fortuita. Não é você pegar o auto, você grava e transcreve o auto. Não. Você tem que fazer um estudo, a exegese desse trabalho todo, notas, introdução, notas finais, essa coisa toda. Por exemplo, no meu livro a "Barca" tem umas quatro páginas sobre o romance da Chácara da Nau Catarineta. Uma nota com umas quatro ou cinco páginas, porque é um livro de importância muito grande, então a gente tem que dar um destaque especial.

Preá - Como é que o senhor está vendo o trabalho do Ministério da Cultura? Mudou alguma coisa?

Altimar Pimentel - Bom, se mudou não chegou a Paraíba, ainda. Como nós do Nordeste somos os últimos a saber das coisas... Por isso, que cada vez mais eu admiro o Frei Caneca, que queria a Confederação do Equador. Não tenho xenofobia por sulistas, mas o que ocorre é que se existe uma região neste país que tem cara própria é o Nordeste. O resto perdeu a cara, não tem mais. Pensa em inglês, fala em inglês e vai por aí adiante.

Preá - O senhor acha que a globalização prejudica a identidade cultural de um povo ou, ao contrário, valoriza as diferenças culturais?

Altimar Pimentel - O que ocorre é o seguinte: determinados povos, que têm uma história sedimentada e que resistiram, que tem uma cultura própria muito forte, pode globalizar mil vezes, eles participarão desse processo, mas não perderão sua identidade. Nos povos colonizados, como é o caso de toda América e não só do Brasil, a tendência é uma massificação, que todo mundo fique com a cara de americano e comendo chiclete e bebendo coca-cola. Eu tenho medo disso. O meu teatro, o teatro que eu defendo é um teatro calcado nas raízes nordestinas. Não é xenofobismo. Eu gosto de Shakespeare, Marlowe, Ben Johnson, da produção teatral do Século Elizabetano, de Tennessee Williams, gosto de todo o teatro grego, gosto de Brecht. Leio tudo. Mas quero um teatro que tenha a cara da gente, que tenha raízes. Evidentemente que esse teatro é o caldeamento de várias culturas, de várias formações, mas ele tem a maneira de ser, a maneira de existir, a maneira de pensar, o sangue nosso é este teatro. E a propósito, José Américo de Almeida, no prefácio de "A Bagaceira", que ele intitula "antes que me esqueça", já se precavendo contra as críticas ao regionalismo, diz o seguinte: "a dor é universal". O cara que está dentro de um Iglu sofre a mesma dor que eu e você, que outros todos. O drama pessoal dele é o drama do homem. Não importa o *décor*, não importa onde ocorra esse drama. O que importa é o profundamente humano nisso tudo. Se o cara é um bom poeta – o que ocorre é que existem bons e maus poetas – ele fará uma grande poesia, uma grande peça, um grande trabalho intelectual. Se você olhar a época Elizabetana, ou assistir ao filme "Shakespeare Apaixonado", verá que a rainha vem andando por cima de lama. Ela, para chegar ao teatro, atravessa a lama. Quer dizer, era uma cidadezinha igual a muitas das nossas, sem assistência, sem coisa nenhuma. Sem o mínimo de condição e nasceu não só um grande poeta, Shakespeare, mas também Marlowe. Então, que surja no Nordeste um Shakespeare. Em outra dimensão, claro.

Preá - É possível a cultura popular resistir à televisão?

Altimar Pimentel - A televisão é um monstro que a gente tem que enfrentá-lo. Isso é inevitável. O progresso é inevitável. Eu defendo a cultura do meu povo, a cultura do nosso povo, como você defende, como os outros defendem, mas nós não podemos prescindir do progresso. Isso seria uma estupidez, uma estupidez histórica.

Preá - Projetos como os das Casas de Cultura Popular do Rio Grande do Norte são uma boa alternativa para preservar a identidade cultural?

Altimar Pimentel - Sim. Estou encantado pela idéia das Casas de Cultura. Eu não sei como é o projeto em si, não tenho detalhes, mas é a presença viva da administração pública, motivando o fomento da cultura nos lugares mais insulados. Quero parabenizar a Governadora daqui, porque o investimento que ela está fazendo em cultura nunca se sonhou em fazer na Paraíba. Ela falou em 15 milhões de reais de investimento. O Rio Grande do Norte tem um folclore muito rico. Em João Pessoa você não encontra mais um rabequeiro. Anteontem, havia três ou quatro rabequeiros em frente ao teatro (Teatro de Cultura Popular) e eu cheguei junto de um deles e perguntei: o senhor toca bumba-meu-boi, boi-de-reis? E ele disse: toco sim. O que o senhor quer? Eu disse e ele tocou. Eu me deleitei, fiquei junto dele escutando ele tocar aquela rabeça, que o som da rabeça é muito gostoso. Então eu fiquei lá escutando aquilo ali. Eu sabia a letra de memória.

Preá - Qual a sua opinião sobre as Leis de Cultura?

Altimar Pimentel - Eu acho que deveria caminhar em duas vias. Parte seria de iniciativa dos artistas. Isso a gente não pode podar, essa iniciativa, porque eles farão obras pessoais; mesmo um grupo de teatro está fazendo uma obra pessoal. Dirige uma comunidade, mas é pessoal. Mas há obras, há espetáculos, há ações que devem ser mantidas pelo Governo. Então deveriam ser duas vertentes e pode haver até mais vertentes. Uma vertente seria a do apoio cultural e a outra vertente seria a da promoção cultural.

Preá - O senhor fez uma pesquisa sobre brincadeiras de rodas infantis. Qual a importância dessas brincadeiras para o desenvolvimento da criança?

Altimar Pimentel - Essa pergunta me satisfaz bastante. Eu e minha esposa, Cleide Rocha da Silva Pimentel, recolhemos 182 exemplares de cantigas de rodas. É a maior coleta existente no Brasil e eu vou preparar um segundo volume, com outras que nos escaparam. A minha idéia é colocar o maior número. Eu me louvei muito no trabalho de Veríssimo de Melo. Grande parte das rodas que ele coletou tem também lá na Paraíba, algumas mais conhecidas. Outras que não tinham, eu transplantei e botei a origem. Coloquei tudo direitinho, do livro de Veríssimo e de outros livros, porque 124 foram coletadas em Cabedelo e 58 de outras regiões do país, inclusive daqui do Rio Grande do Norte, que não tinha lá em Cabedelo. O livro de Veríssimo eu usei e dei o crédito, que é o que a gente faz usualmente em pesquisa. Se você for examinar uma cantiga de roda, ela tem uma importância fundamental na formação da criança. Primeiro, o sentido grupal, ela aprende a viver em grupo, através da cantiga de roda. A cantiga de roda é uma historinha cantada, dançada e representada. Esse é o primeiro aspecto. O segundo é a liderança. Alguém tem a liderança, desperta a liderança ali. Alguém chama: vamos brincar de cantiga de roda, vamos brincar de roda. Então, as pessoas seguem aquele líder. Vou só dar um exemplo: 60% das cantigas de roda, ou mais, são de amor do homem ou da mulher. Ensina a criança que cada um vai ter seu par. Vou dar o exemplo da cantiga "Teresinha de Jesus", para vocês entenderem com clareza o que vou dizer. Vejam bem: "Teresinha de Jesus deu uma queda foi ao chão/acudiu três cavalheiros/todos os três chapéu na mão/O primeiro foi seu pai/o segundo seu irmão/o terceiro foi aquele a quem ela deu a mão". Tem mais outros versos, mas esses são os básicos. O que isso ensina? Ensina que a menina vai conhecer três tipos de homem. O pai, figura lá em cima, o irmão com quem ela convive, mas que é, digamos assim, assexuado para ela, e o terceiro, aquele a quem ela dará a mão ao casar. Lá no Rio Grande do Sul, uma pesquisadora coletou uma versão que diz que "uma menina de doze anos quebrou a perna, foi ao chão, acudiu três cavalheiros". Ora, quebrar a perna é um ato que pode provocar sangue, e doze anos é a idade da puberdade da mulher. Então, vocês vejam como essas coisas estão intrinsecamente ligadas. Você vai ler a "Machadinha", que vocês sabem também. "Tem coisa boa para tu ser minha". Quer dizer, é a procura do par. "Ha, ha, ha, é minha machadinha/sozinho eu não fico nem hei de ficar/porque tenho fulana para ser meu par". Essas cantigas mostram a necessidade de conviver com o outro.

Preá - Qual a origem dessas cantigas de roda?

Altimar Pimentel - Tem várias origens. A França foi um grande manancial. No meu livro coloquei alguns exemplares em francês. Mas tem também na Espanha, Portugal, Brasil porque está na América hispânica também. As freiras alemãs, que vieram como educadoras para Brasil, trouxeram cantigas de roda. Então, são várias fontes que chegam aqui ao Brasil. Há outras de formação local que são curtinhas, com uma música muito comum, de fácil aprendizagem. Então, elas têm várias origens. Essas cantigas se referem a uma cantiga de roda que vem da alta Idade Média. Por exemplo, ouçam essa, do francês: "A mão direita tem uma roseira que bota rosa no mês de maio". Essa eu tenho uma versão em francês, no meu livro. Quer dizer, vem da alta Idade Média. Existem outras que são um "imposto de porteira": "O céu e o inferno têm uma fruta, quem não acertar o nome da fruta deixa uma pessoa presa". Era o "imposto de porteira". "Um deles há de ficar, se não for o da frente há de ser o de detrás". É o "imposto de porteira", que se pagava de um país para outro, de um lugar para outro. Quando o cara não tinha dinheiro deixava um animal. Então, vem para nós como uma cantiga de roda. Era o universo, todo decodificado para a criança. Grande parte das cantigas de roda também foram cantigas de salão, jogos de salão de jovens, de moças e rapazes. Por isso que a questão do amor está muito presente na cantiga de roda, homem, mulher. Relacionamento, à procura do outro. É uma constante na cantiga de roda.

Preá - Hoje as escolas preferem trabalhar com músicas da indústria cultural a trabalhar com cantigas de roda. Como é que o senhor vê isso?

Altimar Pimentel - Olha, por isso torna-se importante um livro como o de Veríssimo de Melo. Como os que Cascudo fez. Eles guardam a alma do seu povo. É a alma desse povo que está ali dentro. Tem um grupo lá em Cabedelo que monta a Nau Catarineta, modernizando as músicas e alterando a sua formação. Ora, a Nau Catarineta é formada por romance, chácara, romances peninsulares, chácara e vilancicos. O vilancico é uma forma de cantiga em quadras, em que a primeira estrofe é o refrão, vai continuar como refrão. Na primeira estrofe está a idéia fundamental de todo o desenvolvimento do canto. Na Nau Catarineta, vou lembrar um vilancico, que diz assim: "truleoleoleo, truleo da Marieta que nós somos marinheiros da Nau Catarineta". Ele disse o que eles eram e apenas vai repetir certos anseios deles de chegar a Portugal. Foi o que o rapaz fez, não só alterou a música como não repetiu esse refrão, cantou no começo e cantou no fim somente. Alterou a estrutura tradicional do vilancico hispânico, que veio para Portugal e para o Brasil, muito presente também no Boi-de-reis, na Lapinha.

Preá - O senhor é a favor de introduzir a disciplina de folclore no currículo escolar?

Altimar Pimentel - É importante para que desde cedo os alunos passem a amar as suas expressões como uma coisa importante, que esteja integrada em toda a sua formação. Um caminho para isso seria o fortalecimento dos grupos, chamando os mestres para ensinar. Há uma lei lá em Pernambuco, e na Paraíba pensou-se em adotá-la, em que os antigos mestres passariam a ser professores pagos pelo Estado.

Boi de Reis



Ciranda de Adultos



Coco de Roda



O Governo daria uma aposentadoria e eles seriam professores que iriam ensinar novos grupos. Eu sou um homem erudito, então é muito fácil olhar com um ar superior o que o meu povo faz, mas eu não consigo olhar dessa maneira. Eu não consigo porque estou fazendo um teatro que tenha estas raízes, eu preciso primeiro conhecer o meu povo, que é um povo lúdico, que gosta de rir. Os cômicos são sempre pagos. A Nau Catarineta, você sabe, é um grupo formado, todo uniformizado, com ordens quase militares, mas encontrei um grupo na Torre, lá em João Pessoa, em que todos contribuam para o grupo, para sua manutenção e o grupo pagava os dois que representavam os cômicos: Ração e Vasoura. Porque eles criam um outro texto, eles promovem a comicidade. Ainda ontem nós tivemos uma reunião falando sobre o pícaro. Ao lado do pícaro entra a comicidade. É importante para eles a comicidade.

Preá - Onde está a raiz do pícaro no teatro e na literatura nordestinas?

Altimar Pimentel - Esse termo de pícaro vem do século de ouro espanhol, a literatura picaresca, que deu vários escritores importantes. Mas ele é antiquíssimo, a postura, a concepção dele. O pícaro é a única revolta possível do oprimido. Ele tem que usar a sua inteligência para vencer aquele que é mais forte do que ele, econômica ou fisicamente. Veja Davi e Golias. O que é que Davi fez? Ele viu que aquele homem de dois metros de altura, corpulento, e ele um garoto, não tinha nenhuma possibilidade de vencê-lo fisicamente. Ele pegou a arma que possuía, que era uma funda, com uma pedra que ele estava habituado a atirar em animais que aproximavam-se do seu rebanho. Ele tinha prática de usar aquilo ali e com isso ele destruiu o filisteu que significava o risco da sua tribo, da sua região. Isso é a inteligência, a sagacidade vencendo. É o Malazarte. O que é o Malazarte? O Malazarte começa sempre com um injustiçado que vai

se vingar e em se vingando a gente rir do opressor porque o opressor é uma imagem daquele que nos oprime. Do poderoso, de tudo que nos oprime e a gente se identifica com aquele personagem malandro, amoral, ele não tem sentido moralizante, fica acima da moral e para ele tudo vale. O Pedro Malazarte é ibérico e passou para toda a América hispânica. Em Portugal, ele tem duas facetas. Uma é do bobo e a outra, do sagaz. Mas sobretudo em Portugal ele é mais o bobo. No Brasil, ele passou a ser o sagaz, como o Dr. Grilo do conto também português, que veio a ser o João Grilo, com as mesmas situações do folheto de cordel e que inspirou Ariano e ele deu nome a seu personagem no "Auto da Compadecida". Pedro Quengo, Canção de Fogo que é uma outra figura, uma criação de Leandro Gomes de Barros e essas figuras também passeiam pelo conto popular brasileiro, principalmente o Pedro Malazarte que está muito presente no conto popular brasileiro, desde o Amazonas. É como o Bumba-meu-boi que ocorre desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul.

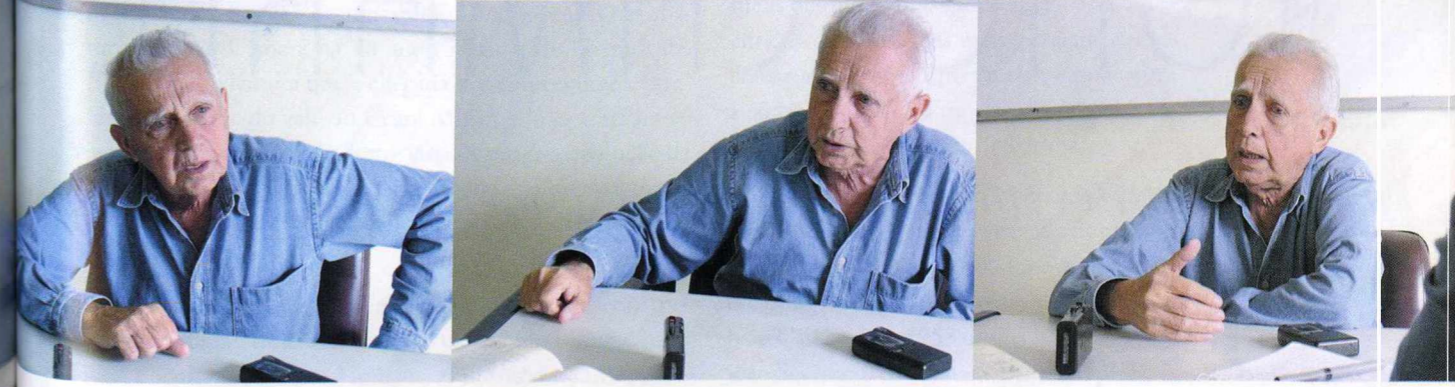
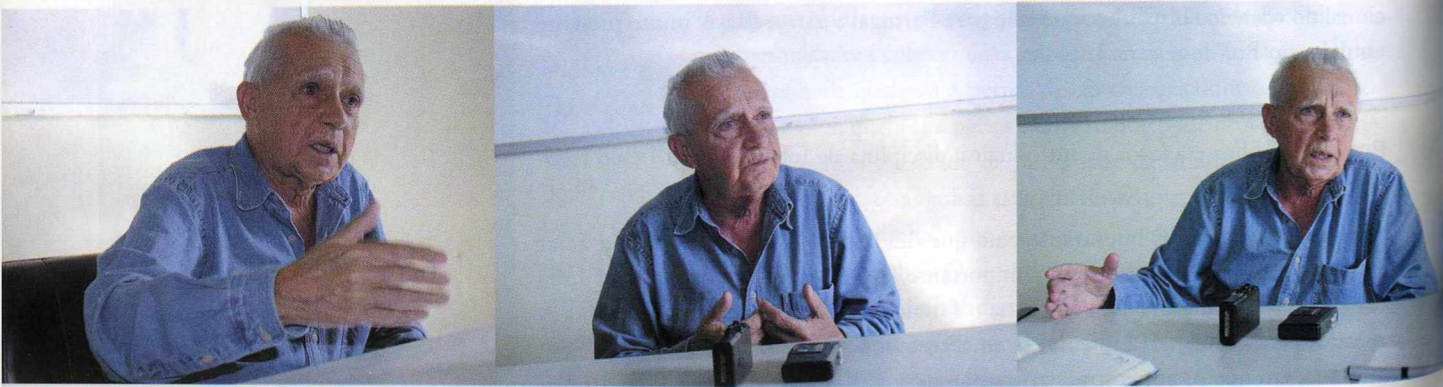
Preá - O diabo está presente na sua obra em pelo menos dois livros. Como é que surgiu esse interesse?

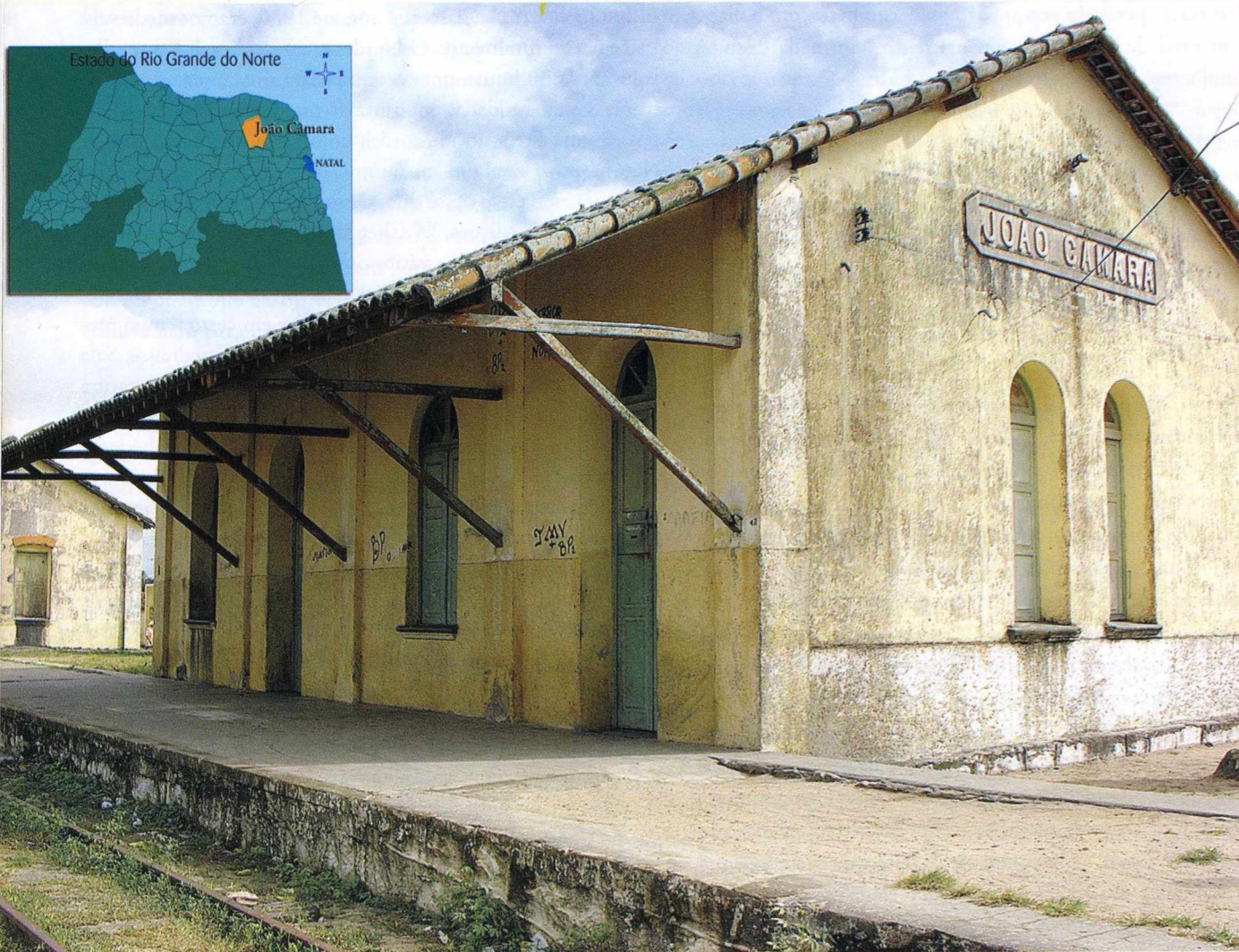
Altimar Pimentel - O diabo é fascinante. Como personagem de teatro é fascinante. Ele mete medo e ao mesmo tempo faz rir. No João-redondo ele é derrotado pelo Benedito. O herói precisa derrotar um poder maior para se super compensar. Ou seja, ele é derrotado pela "coisa". Ele teatralmente é um personagem fascinante e no conto ele é também fascinante. E no conto está uma coisa muito importante. No conto, ele sempre é derrotado pela mulher, pela sagacidade feminina. É a supervalorização da mulher. Anima a outra parte de nós, o Ânimos que somos e a Anima que está dentro de nós e a mulher é a representação dessa Anima. No conto popular é isso. Há um conto que eu recolhi, que o diabo faz um pacto com o pactário, que é o cara que está na pior. Faz o pacto e dá um espaço de tempo que ele enriquece e depois vem buscá-lo e dá três enigmas para ele resolver. Aí o

cara está apereado porque não pode competir com o diabo em nível de sagacidade, em matreirice, em nada disso. A mulher vê o desespero do homem e diz: - Eu vou no seu lugar. "Mas o acordo foi feito comigo". - Mas eu vou no seu lugar. E vai no lugar dele. O diabo não quer aceitar a história. Ela chega e diz: - Vamos fazer um pacto? Se eu perder você ganha duas almas. Você veja que sublimação da mulher, ela põe em risco a sua própria alma para salvar a do homem e o diabo diz a ela: - Diga o que eu não posso fazer? Então, como estavam perto de uma casa de ferreiro e o ferro estava em brasa, ela diz: - Eu quero ver você comer aquele ferro em brasa. E ele comeu o ferro em brasa no mesmo momento. Ela propõe um outro enigma e ele resolve no mesmo momento. Então, ela diz: - Está vendo aquele açude ali? Está cheio de sapo. Eu quero que você tire todos os sapos de dentro dele e no momento que você tirar todos os sapos e não ficar nenhum, eu vou com você, não tem problema. E o diabo era tirando sapo e o sapo pulando para dentro d'água, tirando e eles pulando para dentro d'água... no calor não é?! Terra quente, um sol danado. O diabo colocava o sapo para fora e ele pulava para dentro d'água. Em outro, ela fica apereada, tem vontade de soltar um "vento". Solta um vento e diz: - Pegue aí! Não houve como o diabo pegar. São coisas ingênuas, mas mesmo na sua ingenuidade mostra uma solidariedade sublimadora da mulher, de companheira mesmo, no sentido daquela que parte o pão. Eu fico impressionado com esse conto, mas existem vários outros de pacto, que ora é a mulher, ora é a filha, é sempre o elemento feminino, a Anima que vai resolver o problema do homem.

Preá Boa parte da literatura e do de teatro produzidos no Nordeste têm como pano de fundo as estruturas sociais da região. Essas estruturas ainda permanecem, continuam um filão para essas obras?

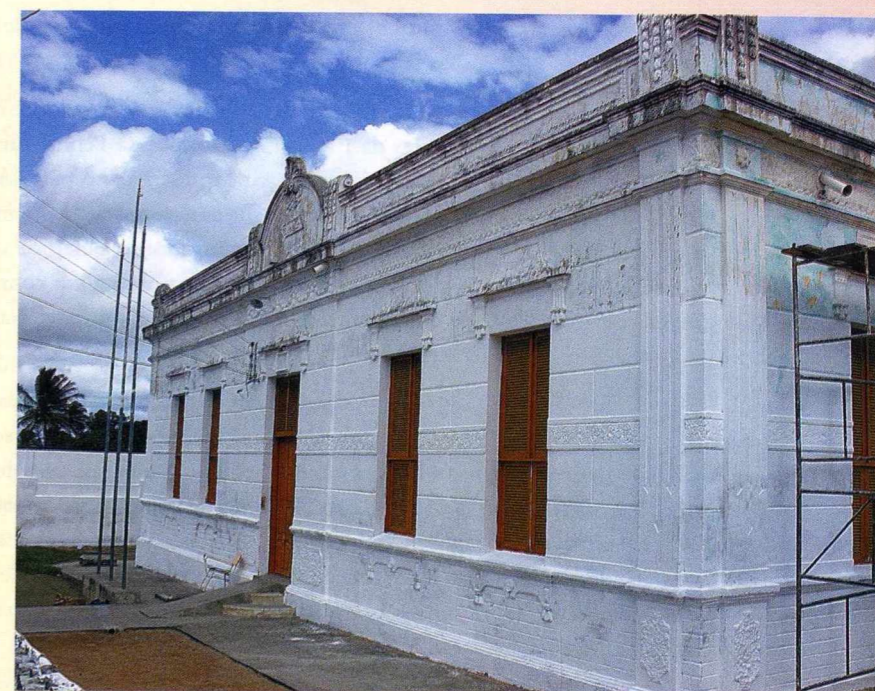
Altimar Pimentel Claro que nós, até 1930, éramos medievais. Isso é aceito totalmente. O Nordeste era medieval. Com a Revolução de 30 houve uma certa mudança. Algumas dessas estruturas estão mudadas por causa do progresso, mas o Nordeste possui uma literatura de cordel, com cerca de 23 mil títulos. Não há povo nenhum no mundo que tenha produzido uma literatura em versos desse tipo, dessa dimensão. E alguns folhetos com várias edições. "A Chegada de Lampião no Inferno", "O Pavão Misterioso", e vários outros. Alguns moderníssimos. A cueca e o mensalão nesses dias estarão nos folhetos. Eles decodificam para o povo de tal maneira que em certo tempo precisava sair no cordel a notícia para que o povo acreditasse. Saía no livrinho lá, era verdade. A credibilidade que essa literatura ganhou... Isso revela a imagética, a criatividade do povo nordestino, um povo que tem uma cara própria, onde o ibérico é mais conservado do que em qualquer outro canto, onde houve um caldeamento de culturas muito forte, uma reunião mestiça e verdadeiramente brasileira, vem das suas raízes primeiras, porque inclusive o Brasil nasceu aqui no Nordeste. A colonização começou aqui. Nós temos todas as razões de nos orgulharmos de sermos telúricos, de estudarmos, de inferir sobre a nossa realidade para poder decodificar. Os códigos, naturalmente vão mudar, mas esta realidade é muito forte no Nordeste. As nossas grandes obras derrubam muitos romances de outros países. "Vidas Secas", "A Bagaceira", as obras de Zé Lins do Rego... Para não ficar no Nordeste, e falar no regionalismo, há toda a obra de Guimarães Rosa, de Bernardo Ellis, do autor do "Coronel e o Lobisomem" [José Cândido de Carvalho]. São obras regionais. Então a gente volta àquela história: a dor é universal. São obras regionais, de autores regionais e que deram à literatura brasileira uma cara, porque o resto é pastiche, a maioria, imitando as formas literárias européias decadentes, em grande parte. Então, o que a gente está querendo é uma literatura que tenha sangue, tenha vigor, tenha realidade. Eu não desprezo a cultura universal. Li Shakespeare, o que pude ler, mas não posso deixar de valorizar as formas literárias e a contribuição dos autores do Nordeste. 📖





JOÃO CÂMARA

Retirantes impulsionaram crescimento da cidade



Escola Cap. José da Penha, palco dos antigos dramas

Por Gustavo Porpino e Sérgio Vilar

Fotos: Anchieta Xavier

O povo da antiga Baixa Verde, a 80 Km ao norte de Natal, ainda guarda muitas histórias do tempo em que os trens cruzavam a estrada de ferro da região do Mato Grande. As primeiras casas, construídas por volta de 1910, às margens da linha ferroviária, e a primeira igreja, improvisada dentro de um vagão de trem, deram início à comunidade de Matas. A chegada dos retirantes, boa parte vindos do interior da Paraíba, fez a vila crescer até ganhar ares de município.

“Muitos fugiam da seca, no interior da Paraíba, e vinham morar aqui”, destaca o monsenhor Luiz Lucena Dias, pároco de João Câmara há 48 anos. Natural de Píripituba (PB), o padre lembra que a chegada dos conterrâneos, atraídos pelo verde do vale do Ceará-Mirim e João Câmara só era possível graças à linha ferroviária. A própria evolução da comunidade de Matas até chegar à condição de município de Baixa Verde, em 1928, foi motivada pelo movimento em torno da linha do trem.

O engenheiro Antônio Proença, responsável pela construção dos trilhos, trouxe das Minas Gerais uma imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens. A devoção à santa, ado-

tada como padroeira do município, teve início dentro de um vagão de trem, que servia como altar para celebrar as primeiras missas. A antiga capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens, construída em 1914, a poucos metros da estação ferroviária, abrigou a imagem até a construção da matriz. A antiga imagem é guardada na casa das freiras do Imaculado Coração de Maria, ao lado da igreja matriz.

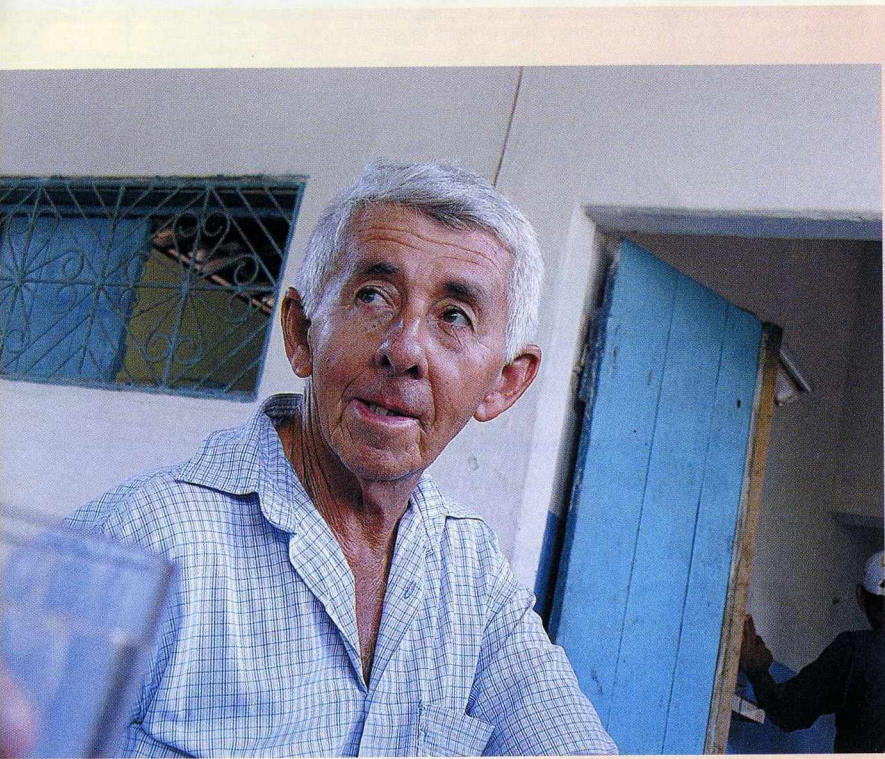
O culto à Nossa Senhora Mãe dos Homens, iniciado no Brasil no santuário mineiro do Caraça, doado por Dom João VI aos Missionários da Congregação da Missão, unia os ferroviários, os primeiros comerciantes e homens do campo que chegavam a Baixa Verde em busca de uma vida mais próspera. Após a construção da igreja matriz, em homenagem à padroeira, a antiga capela passou a ser chamada de Nossa Senhora de Fátima.

A feira livre, surgida nas primeiras décadas do século passado, resistiu à chegada dos supermercados e continua sendo uma das maiores do Estado. Baixa Verde passou a se chamar João Câmara, em 1953, numa homenagem a João Severiano da Câmara, primeiro prefeito

do município. Mas, para os mais antigos, aquelas terras nunca deixaram de ser a Baixa Verde das esperanças de uma vida melhor.

O município não tem tradição de danças folclóricas. Os mais idosos ainda recordam do tempo em que as jovens estudantes da Escola Capitão José da Penha, fundada em 1927, ensaiavam “dramas” nas salas das casas para apresentar no pátio do colégio. Dona Lourdes Celestino, 86 anos, e Palmira Bezerra, 83, participavam das peças e recordam também os banquetes e antigos bailes ao som de boleros e valsas. “No tempo de João Câmara era tudo alinhado. As festas eram no claro com todo mundo muito bem-vestido. Hoje é no escuro e ninguém vê nada direito. Naquele tempo, não tinha esse agarrado. Menina de 15 anos era adolescente mesmo”, atesta Lourdes.

Os banquetes e bailes deram lugar ao som do forró que anima os bares da praça em frente à igreja matriz. O local já adotou a modernidade dos DVDs, exibidos em dois telões, para atrair a clientela. O bar Cazuzão, no centro, reúne antigos boêmios durante o dia e o restaurante Palhoção, local simples com chão de barro, na margem direita da estrada de quem chega a João Câmara vindo de Natal, serve baião-de-dois, feijão-tropeiro, bode torrado e outros pratos tipicamente nordestinos preparados em panelas de barro.



A tradição também mora nos bares

Para o boêmio, o bar é sua segunda casa – muitas vezes a primeira! –. Mesmo entre cidadãos mais sóbrios são poucos os que não deixaram pedaços de vida numa mesa de boteco. Afinal, são nos bares onde os segredos do mundo aparecem. Em João Câmara, o bar O Cazuzão é ponto de encontro tradicional

dos que apreciam uma conversa informal, em parceria com uma cerveja gelada ou uma cachaça com limão.

E lá se vão mais de 21 anos de fundação do bar O Cazuzão. Como em todo bar, as histórias pitorescas estão na ponta da língua dos frequentadores mais antigos, sempre fiéis à famosa rabada do lugar. A ideia que originou O Cazuzão não poderia ser outra: um local para reunir amigos em torno de uma mesa de botequim. Foi então que o pedreiro Severino Tenório ouviu os lamentos de seu amigo Luis Gonzaga Gomes, o Lula, e resolveu abrir um boteco.

O nome foi sugerido pelo então secretário de Administração do município, Rui Câmara, em homenagem ao irmão de Severino Tenório, conhecido como Cazuzo, figura querida em João Câmara. Desde o início, os pratos “pesados” do Cazuzão atraíam a gente de João Câmara e municípios vizinhos, sobretudo a rabada dos sábados, já famosa nos arredores, ou o pirão de galinha caipira, servido às segundas-feiras.

Se entre as paredes azuladas do bar, as mesas postas abrigam clientes passageiros, as mesas

do fundo, precisamente na de número 5, a “turma da penosa” se junta à velha guarda, todos os dias, para tomar aguardente e conversar sobre quase tudo. Na “turma da penosa”, estão o topógrafo Jandovir Alves, o electricista Janílson Soares, o biólogo Paulo Crescêncio, o sócio do bar Sami Gustavo e o professor Denílson Cavalcanti.

“Aqui se conversa de tudo, menos política, porque somos adversários de partido. Todos comparecem de segunda à segunda. Quem não vier leva falta e no outro dia senta numa cadeira fora da mesa. Se faltar três dias leva suspensão, cartão vermelho”, comenta Denílson Cavalcanti, entre um gole e outro de cachaça, sempre com o limão para tira-gosto.

Cercada de pôsters de times de futebol espalhados pelas paredes, é fácil imaginar o assunto principal entre a turma da mesa 5: o futebol. Após os clássicos transmitidos pela televisão, saem carreatas do bar O Cazuzão. Vasco e Flamengo seguem sendo os clubes mais populares. E não bastasse a fama do bar, um cartaz com os dizeres: “Alô para o bar O Cazuzão” apareceu escrito num cartaz de papelão, em pleno Maracanã, numa transmissão do jogo Flamengo e Santos, pela Rede Globo.



Tota lidera a velha guarda

Nas mesas de bar todos parecem mais iguais. Distinções de cor, de crença, de status ou mesmo desavenças políticas são esquecidas. Do futebol é que saem discussões mais acirradas. A idade avançada não impede que o time do coração se perca nas lembranças. É o caso de Antônio Simplicio Fernandes, o Tota, flamenguista doente, mesmo aos 88 anos.

Tota é frequentador do Cazuzão desde seu início. Mas muito antes, já “abria e fechava os cabarés da cidade”. E cita os nomes, relembando bons tempos de boemia: “Toinha, Rosa, Lília, Sofia... A polícia quando chegava, mandava fechar. Mas quando via que eu tava lá, pedia só pra baixar o som”.

Tota faz parte dos antigos boêmios de João Câmara e do Cazuzão. As senhoras de mais idade ainda lembram do tempo em que o baixinho de voz grave e bem postada dançava bolero até o fim dos bailes no antigo clube municipal. Bailava e também cantava. Tota mantém o jeito alegre de outrora e participa, vez por outra, do Encontro de Seresteiros, programa às sextas-feiras, das 20h às 23h na rádio Baixa Verde.

Em tempos ainda em preto e branco, Tota dividia as mesas de bar com os comerciantes José Ferino de Souza, José Porpino da Silva e Benedito Luís, entre outros, sempre para “beber e falar de muié”. “O papo às vezes até começa sério, mas finda falando de muié; tem jeito não”, conta a voz da experiência de Tota.

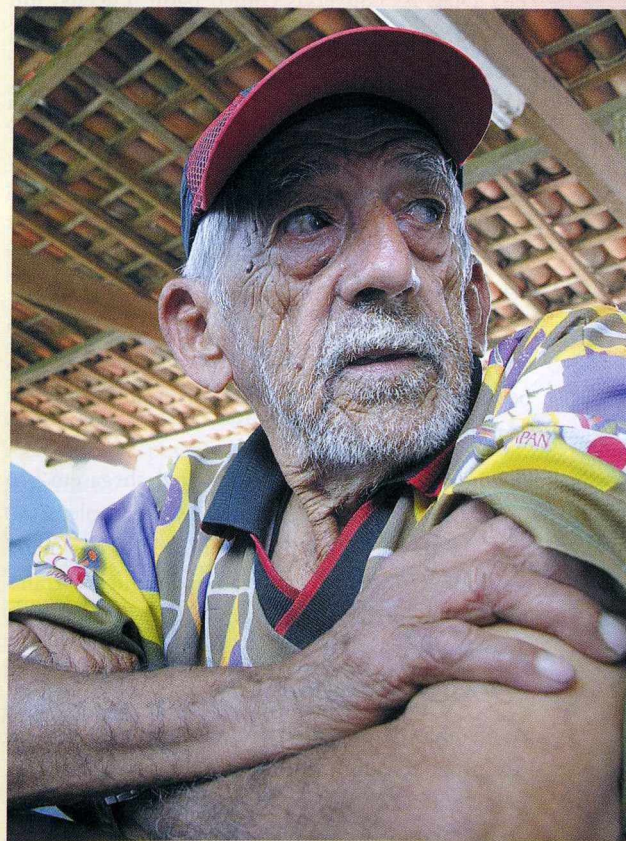
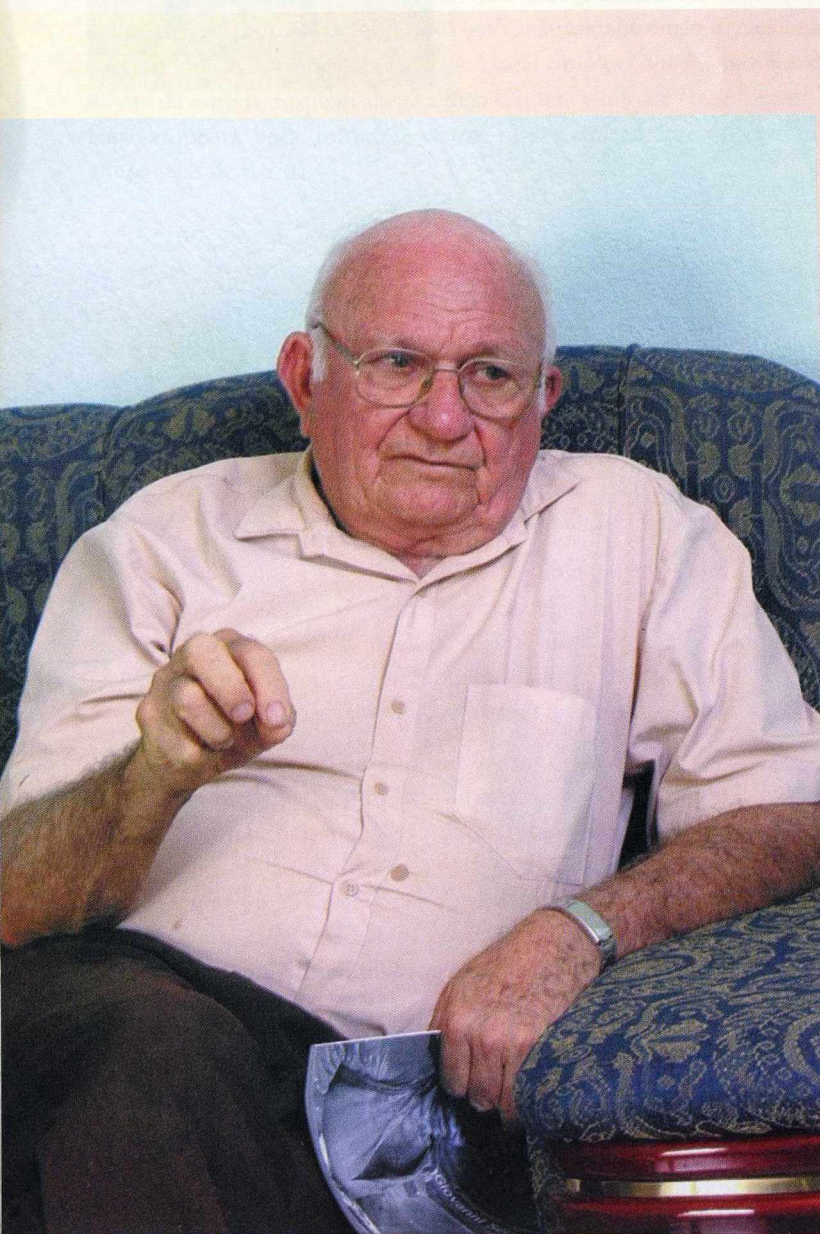


Figura ilustre e das mais carismáticas da cidade, o senhor de 88 anos passou por todas as funções na prefeitura de João Câmara, durante 54 anos de serviço, inclusive assumindo a prefeitura interinamente por duas vezes. Foi vereador durante 10 anos e presidente da Câmara entre 1963 e 1982. Mas Tota orgulha-se mesmo era de “advogar para as pessoas, porque não existia juiz de paz, na época”.

Todo esse prestígio Tota conseguiu sem cursar o ensino primário, “nem ter boniteza”. “O que eu tinha mesmo era o coração aberto para conversar com todo mundo. Sempre tive facilidade em fazer amizades. A maioria conquistei em bar, mas antigamente eram nos cabarés mesmo”, completa o boêmio.



A história do bom pastor

A vida de quem já tem meio século de serviços prestados a João Câmara está ganhando um livro. O professor e músico Antônio Barbosa da Silva, o Merica, 45 anos, está concluindo “Monsenhor Lucena, o bom pastor”, biografia do pároco Luiz Lucena Dias. As conversas com o padre Lucena, um bom contador de histórias, certamente revelaram passagens interessantes da vida do fundador da primeira escola de ensino médio de João Câmara e da maternidade.

Antônio Barbosa, membro do grupo de liturgia e canto Santa Terezinha, é técnico de futsal e professor de educação física, mas sempre mostrou interesse pela música e literatura. Já compôs músicas religiosas e publicou, em 2004, “Um marco na política de João Câmara: uma vitória para ficar na história”, pequeno livro de versos sobre a eleição da prefeita Maria Gorete Leite.

A homenagem ao pároco municipal chega em boa hora. Monsenhor Lucena, prestes a completar 50 anos da sua chegada a Baixa Verde, é um dos maiores conhecedores da evolução econômica e transformações sociais do município. O pároco puxa a memória e compara a Baixa Verde de antigamente com o município de hoje.

As manhãs de domingo dos anos 50 e 60, apogeu dos programas de auditório nas emissoras de rádio, eram marcadas pela voz grave de Chico Locutor ecoando através do serviço de alto-falantes da anti-

ga amplificadora municipal. “Tínhamos programas de auditório e os dramas no teatro municipal”, recorda. “Havia também mais entusiasmo nas comemorações cívicas”. O desfile de 7 de setembro, segundo conta, era um acontecimento que movimentava toda Baixa Verde.

O monsenhor Lucena não chega a ser saudosista. O pároco reconhece que os jovens de hoje, embora aparentemente menos envolvidos com a cultura, têm mais oportunidades. “Quando cheguei, em 58, havia apenas o curso primário na Escola Capitão José da Penha. Quem tinha condições, ia estudar em Natal”.

O pároco nunca se conteve em tocar os rumos da igreja católica no município. Pouco mais de um ano após sua chegada, em 1959, iniciou a criação da Escola Comercial de João Câmara. “Fizemos o exame de admissão ao ginásio com 32 alunos. Já em 60, iniciávamos o antigo ensino ginásial”. O surgimento da primeira maternidade, em 1964, também é fruto do empenho do monsenhor Lucena. A maternidade, fundada na antiga casa paroquial, contava com o trabalho voluntário do médico Jamil Varela e da enfermeira Maria da Luz.

A antiga maternidade, de seis leitos, evoluiu para o Hospital Maternidade Nôêmia Lucena, uma homenagem à mãe do padre. O prédio atual tem 42 leitos e cinco médicos. “Ainda hoje é ligada à paróquia. Contamos com um quadro de sócios de 80 pessoas e temos ajuda da prefeitura”.

O trabalho em benefício da educação e saúde fez Monsenhor Lucena recusar um convite para ser o vigário responsável pela Catedral de Natal. “Foi no tempo de Dom Marcolino Dantas (1929-1967). Fiquei e não me arrependo”.



O que tem na feira livre

Moacir Laurentino (ML) e João Lourenço (JL)

ML

Eu sendo nordestino, a feira livre conheço, velha calça desbotada, camisa pelo avesso, sapato de várias marcas, banana por todo preço.

JL

Eu juro como conheço, feijão e farinha fina, sabão de barra e de coco, macarrão e margarina, café, pão, bolacha, broa, corda, trempe e lamparina.

ML

Numa feira nordestina, tem verdura e tem mamão, e onde tem casa de couro, chapéu de couro e gibão, que das feiras do passado, guardo a recordação.

JL

Na feira tem uma latada, com refresco e café quente, com sandália, fumo, prego, cebola, carne, aguardente, camisa, calça, sapato, brinco, marrafa e corrente.

ML

Batata, milho, semente, arroz, jerimum, feijão, gergelim e rapadura, bota, correia, cilhão, arame, chibanca, enxada, foice, machado e facão.

JL

Camisa, mão-de-pilão, cabresto, canga, cangalha, pote, cambito, peixeira, balde, pilão e navalha, urupemba e alguidar, cachimbo e chapéu de palha.



A feira de João Câmara tem muitos cheiros, som de forró e toda informalidade peculiar aos feirantes e seus clientes. Tem muita história também. Desde a chegada dos primeiros comerciantes a Baixa Verde, há quase cem anos, os feirantes montam suas bancas aos sábados para vender desde a tradicional farinha até bodes, cavalos e bicicletas. O movimento toma conta das ruas do centro, nas imediações da também quase centenária Igreja de Nossa Senhora de Fátima, já nas primeiras horas da manhã dos sábados. Os ônibus e caminhões chegam carregados de gente de todos os municípios do Mato Grande. Fazer a feira, mais do que o simples ato de comprar o necessário, aparenta ser um divertimento para toda aquela gente.

Senhoras de idade, com sombrinhas para se proteger do sol, homens com o dinheiro contado, moças desacompanhadas e meninos curiosos perambulam

entre as bancas, jogam conversa fora com os feirantes e até compram alguma coisa para “não voltar de mão abanando”. Muitos chegam em jejum para matar a fome no mercado público. Tem pastel com caldo de cana, tapioca com picado de porco ou bode, cuscuz com guisado, pão com queijo de manteiga, macaxeira cozida com ovo, café com bolo ou só um caldinho para curar a ressaca. Entre às 6h30 e às 8h é até difícil conseguir lugar num dos tamboretos do mercado ou nas bancas de frente.

A fumaça que sai da panela do picado, o odor forte dos peixes e carnes sendo tratados ao relento e o cheiro dos temperos se misturam no ar. Algumas bancas tocam músicas da Companhia do Calipso, Limão com Mel, Cheiro de Menina e outras bandas de forró. A voz fanha dos forrozeiros, saindo das caixas de som, confunde-se com os gritos de feirantes e o arrastado dos pés dos passantes. Enfim,

é dia de feira! E quem quiser conforto e tranqüilidade que vá a um dos *shoppings* da capital!

A feira livre mexe com todos os sentidos. Olfato e audição são postos a toda prova. É bom também estar atento para espiar uma pechincha ou um rabo-de-saia. O tato é essencial para escolher o melhor melão, as batatas mais tenras ou catar o feijão. Aos feirantes cabe a arte da venda, de olhar para quem passa e já saber o que procura.

Manoel Simplício Ferreira, 68 anos, é um dos feirantes mais experientes. Natural de Dona Inês (PB), deixou a terra natal para ganhar a vida vendendo “mangaio” nas feiras livres da região do Mato Grande. Desde 1958 vende na feira de João Câmara, lugar que para ele e muitos outros feirantes nunca deixou de ser Baixa Verde. “Fazia feira em Parazinho, Pedra Grande e Touros, mas deixei para fazer só aqui em Baixa Verde”. A banca de Manoel vende utensílios domésticos, artefatos de couro, temperos, chapéu, baladeira e sua conhecida garrafada caseira, uma mistura de ervas medicinais com mel de abelha.

O feirante veterano vivenciou os tempos áureos das safras de algodão e do transporte ferroviário. “A feira continua grande, o apurado é que é pouco”, diz. Manoel monta a banca às 5h30 e encerra por volta do meio-dia. Quando começou, a feira prosseguia até o entardecer. Os tempos mudaram. O antigo mercado deu lugar à praça Baixa Verde, o bocado dizimou as plantações de algodão, as linhas de trem foram desativadas e surgiram os supermercados. Mas a feira sobrevive, cheia de cheiros e sons como antigamente.



O artesanato que se inspira no mato

Desenhista, pintor, escultor, compositor e “criativista”. Luis Farias da Silva, 40 anos, tem que unir suas muitas habilidades para sobreviver. A vida não é fácil, mas o artesanato, criado na Fazenda São Sebastião, em Caiçara do Norte, parece ter herdado o talento e a força de vontade do pai, o ourives José Farias, falecido em 1975.

A falta de apoio, segundo conta, não lhe permite adquirir a matéria-prima necessária para confeccionar o artesanato. Luís recorre a sua criatividade e utiliza galhos de árvores, palitos de picolé e pó de serragem para construir casinhas, barcos, esculturas e utensílios diversos. “A inspiração vem do mato, de onde me criei”.

O artesão aceita todo tipo de encomendas. Já montou tanques de guerra em miniatura, com ferro velho, caravelas de quase um metro, com pedaços de madeira e faz até “estandartes para centros de macumba”. As muitas criações de Luis Farias foram expostas na Feira de Negócios, realizada no Governo nas Cidades, em João Câmara. “Todo ano também tem uma exposição na festa pelo aniversário da cidade”.

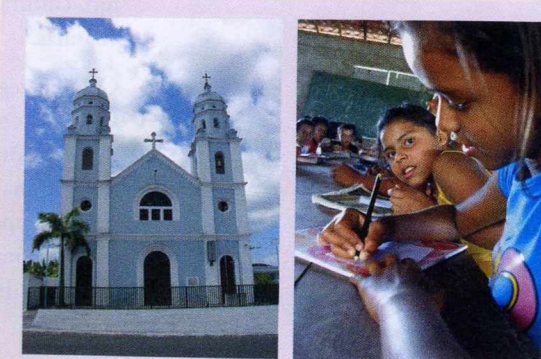
Um caboclinho só de mulheres

A tradição do Caboclinho – dança de origem indígena das mais antigas do Brasil – é quase incipiente no Rio Grande do Norte. Segundo o folclorista Deíflo Gurgel, apenas no município de Ceará-Mirim há um grupo original, comandado pelo mestre Déo, que respeita as tradições deste folguedo. Mas, em João Câmara, o grupo de dança Corpo de Luz, da Escola Municipal Francisco Leite, tenta preservar essa expressão cultural.

A faixa etária do grupo Corpo de Luz é de 13 anos. Se o caboclinho (ou cabocolinho) é integrado por homens e mulheres, que formam personagens tradicionais da dança, como rei (cacique), rainha (cacica), capitão, tenente, guia, contra-guia, perós, porta-estandartes, pajé, princesas e curandeiro, os 20 componentes do grupo de João Câmara são todos meninas.

A professora responsável pelo grupo, Zaíra Cristina de Souza, acredita que o ritmo bailado, cercado de coreografias esbarra no machismo dos garotos. Se apenas pelo ritmo eletrizante da dança os meninos se sentem inibidos, algumas vestes tradicionais do folguedo, como tangas e cocar de penas de aves, ou adereços, como pulseiras, braçadeiras em pena (caboclos), colares de contas e sementes (no pescoço), pequenas cabaças (na cintura), parecem afastá-los ainda mais.

No entanto, o figurino, que embelezaria a apresentação do grupo nos eventos da cidade, como a Semana Cultural de



João Câmara, ainda não existe por falta de recursos. Como atesta Deífilo Gurgel, a falta de apoio aos grupos que procuram resgatar a tradição de expressões culturais acaba por descaracterizá-los. O próprio ritmo da dança é marcado por estalidos que os próprios dançarinos fazem com seus arcos e flechas, instrumentos que os alunos do grupo Corpo de Luz ainda não tiveram oportunidade de utilizar.

Os instrumentos que formam a orquestra do Caboclinho: gaita ou flautim (de taquara, também chamado inúbia), caracaxás ou mineiros, tarol e surdo, também não existem. Ainda assim, o grupo ensaia três vezes por semana ouvindo o batuque do caboclinho por um aparelho de som, conseguido pela professora Zaira de Souza, que é formada em Educação Física, pela UFRN. “Através da disciplina de Folclore, aprendi sobre Caboclinhos. Quando cheguei a João Câmara procurei passar essa dança aos meus alunos”, salienta.

A aluna Daniela Silva, 13 anos, retrata a opinião geral das alunas. “Gosto do ritmo, da coreografia. Lembra o axé, só que não tem letra”. Como Daniela, as alunas ensaiam há quatro meses, desde o início da formação do grupo, para apresentações nos eventos da cidade.



Ex-estudante assume a Filarmônica

Helclésio Gomes de Araújo, 28 anos, era estudante quando, em 1994, resolveu entrar na Filarmônica Municipal Manoel Rafael de Freitas, de João Câmara, para estudar sax soprano. O motivo é o mesmo da maioria dos 25 membros da orquestra: gostar de música. Cinco anos mais tarde, Helclésio se tornou profissional. Devido à escassez de instrumentos, optou pelo clarinete. Passados 11 anos da primeira aula, o antigo estudante de música já substituiu o regente titular e é o maior compositor de arranjos e dobrados da banda.

A Filarmônica de João Câmara foi fundada em 19 de outubro de 1986, pelo maestro José Pereira da Silva, o Deca Pereira. A banda já chegou a apresentar-se na Feira de Cultura do Estado, mas ela nasceu mesmo para abrilhantar eventos da cidade e concertos variados, levando música erudita, popular orquestrada, hinos, valsas, polcas, tangos, boleros, enfim, cultura musical à população de João Câmara e cidades vizinhas.

O atual regente, Clisma Cleiton Lúcio da Costa, está à frente da orquestra há 3 anos. Mas ele lembra que a primeira Filarmônica da cidade foi formada entre as décadas de 40 e 50, na administração do ex-prefeito Anacleto Lima. A despreocupação dos antigos maestros em registrar em Ata as apresentações e formação da banda deixaram perdida na memória de alguns poucos a história da primeira orquestra da cidade.



Clisma Cleiton divide hoje seu tempo entre a Filarmônica Manoel de Freitas, o Coral Acordes Camarenses – composto por 45 coralistas – e a escolinha de música, com aulas de sopro, percussão, sofejo, ritmo e teoria, abertas apenas aos que apreciam música de qualidade. Os ensaios são na sede da Filarmônica, no prédio Sete, no centro de João Câmara. “Quem gosta de música pode vir aqui. Fazemos um teste de afinação e colocamos na escolinha”.

Fabrcio Farley, de 20 anos, seguiu o faro das melodias e arranjos da escolinha. “Apesar de não saber cantar, sempre gostei de música”. Farley é hoje o Baixo (a voz mais grave) do Coral Acordes Camarenses. Devido a falta de apoio ao coral ou mesmo de instrumentos para orquestra, o professor de educação física confessa que desejou se profissionalizar e viver da música, mas como o material era insuficiente, continuou no coral apenas por prazer.

O repertório da Filarmônica e do Coral não pode ser mais eclético: clássicos como a valsa Royal Cinema, composta por Tonheca Dantas; o Pai-nosso em latim do compositor potiguar Felinto Lúcio Dantas, que compôs boa parte dos hinos seridoenses; dobrados militares, músicas popular, religiosa e profana... “Tocamos e cantamos de tudo, para atingir todas as camadas sociais e atender todos os convites e datas comemorativas”, frisa o regente.

Apesar do trabalho de 19 anos da Filarmônica Manoel Rafael de Freitas, em João Câmara, Clisma Cleiton afirma que muitos músicos da orquestra estão sem instrumentos. “Conseguimos um kit de instrumentos com o Ministério da Cultura, via Fundação José Augusto, mas foi insuficiente. É uma pena, porque somos sempre muito esperados nos eventos da cidade”.



PS.

▶▶▶▶ Número aziago que, segundo alguns, guarda incertos e misteriosos poderes, o treze mete medo em muita gente. Não em nós, que também não rememos mau olhar, encruzilhada ou 'despacho'. Muito menos, sentimentos mais palpáveis como inveja, incompreensão ou a maldade pura e simples. Assim, chegamos – imperturbáveis – à Preá 13.

▶▶▶▶ Que traz excelentes notícias para a cultura do Rio Grande do Norte. Começando pela reportagem de capa, sobre a inauguração do Teatro de Cultura Popular. Há cerca de dez anos Natal, que vem crescendo aceleradamente, não ganhava uma casa de espetáculos. Ainda no rol das boas notícias, figuram a inauguração de mais uma Casa de Cultura Popular, desta vez em Lajes, na região central do Estado e a abertura das inscrições para o concurso público nacional que escolherá o projeto arquitetônico do Teatro de Natal, com capacidade para receber um público de 2500 pessoas. A realização em Natal, pelo terceiro ano consecutivo, do Encontro de Dramaturgos do Nordeste, é outro fato que mereceu nossa atenção.

O aspecto mais importante deste encontro talvez seja o de buscar diminuir, por pouco que seja, o isolamento em que vivem os autores dos estados nordestinos.

▶▶▶▶ Nesta edição, abrimos mais espaço para a prosa de ficção. Dos contistas que participam, os mais conhecidos dos leitores são Francisco Sobreira e Afrânio Pires, que tem romances, contos e poesias publicados. Hudson Paulo Costa não tem ainda nenhuma obra editada, mas sempre participa das publicações

literárias da cidade. João da Mata se prepara para lançar o seu primeiro livro de contos. Os quatro contos publicados nesta Preá são bem diferentes entre si e expõem, também na literatura, um pouco da nossa imensa e intensa diversidade. Todos são bons, depende apenas da preferência de quem leia. Aprendi que não devemos menosprezar o gosto do outro, calcado numa pretensa e discutível sapiência e erudição literárias. A Preá não barra textos fiada apenas no gosto dos seus editores. Deixa para o leitor o julgamento do que é publicado. O que não quer dizer que publique tudo que chega à redação. Alguns critérios são adotados sob pena de prejudicar a linha editorial da revista. Mas, nada inflexível e nem dogmático.

▶▶▶▶ Aproveitando o “gancho” do XI Encontro de Folclore e Cultura Popular, realizado em agosto pela FJA, homenageamos um dos mais antigos artistas populares do Estado, o cordelista José Saldanha, que contou muitas e boas histórias sobre sua vida e sua arte.

▶▶▶▶ Também fizemos questão de lembrar nesta edição o escritor Manoel Onofre Júnior, incansável e profícuo batalhador pela nossa literatura. O texto, assinado pelo escritor Francisco Fernandes Marinho, reconstrói os 40 anos de vida intelectual de Manoel Onofre. Marinho é autor do livro “Manoel Onofre Júnior – 40 anos de vida literária”, editado pelo Sebo Vermelho.

▶▶▶▶ Racine Santos é conhecido e reconhecido no Nordeste inteiro como Teatrólogo, autor de várias peças de sucesso. O Racine Santos poeta eu ainda não conhecia. E aposto que a maioria dos leitores também não. Nesta Preá ficamos conhecendo um pouco da veia poética de Racine. Os sonetos editados têm apresentação do escritor Nei Leandro de Castro e eu resolvi publicá-lo, excepcionalmente, porque é uma pequena e brilhante aula sobre esse gênero poético.

▶▶▶▶ A música comparece nesta edição com três textos. Dois deles sobre música eletrônica e o terceiro sobre livro e CD de Mirabô, este último escrito pelo poeta Carlos Gurgel, que vem se revelando um arguto e lírico crítico musical. Agrade-me quando a Preá vem bem eclética. Gosto dela como espaço para todas as manifestações artísticas, da música eletrônica, que é algo bem contemporâneo, ao cordel de Zé Saldanha, passando pelo ensaio acadêmico sobre a poesia de Iracema Macedo. Nossa diversidade cultural não comporta maniqueísmos. Creio ser um erro focar apenas num determinado tipo de manifestação cultural. É negar o que está aí à vista de todos.

▶▶▶▶ Raimundo Carrero é um dos mais importantes escritores pernambucanos da atualidade. Nesta edição, ele escreveu sobre o novo livro de contos de Ronaldo Correia de Brito, o excelente “Terra dos Homens”. Autor premiado nacionalmente, Carrero mantém em Recife há mais de dez anos uma concorrida oficina literária que o levou a escrever “Os segredos da ficção”, livro desenvolvido com base em seus planos de aula, observações e experiência própria. Em junho último ele esteve em Natal, participando da Bienal do Livro. Além de ótimo escritor, é uma grande figura humana, como demonstrou quando esteve por aqui.

▶▶▶▶ As ações do Ministério da Cultura também não chegaram à Paraíba. Mas, como ainda falta um ano e pouco de Governo Lula, pode ser que chegue. Tanto lá, como cá. No caso da Paraíba, quem confirma o fiasco do Minc é o escritor Altimar Pimentel, na entrevista que concedeu à Preá. O quadro não é muito diferente no restante do país. Também na cultura, o Governo Lula ficou só na esperança.

Até a próxima!

Hudson Paulo Costa

A sua arte em mãos de verdadeiros Arquitetos de cores.



MOURA RAMOS
GRÁFICA EDITORA

www.mouraramos.com.br

João Pessoa/PB:	(83) 3221 6587	grafica.pb@mouraramos.com.br
Natal/RN:	(84) 3202 3851	grafica.rn@mouraramos.com.br
Recife/PE:	(81) 3229 1764	grafica.pe@mouraramos.com.br
Maceió/AL:	(82) 3337 5290	grafica.al@mouraramos.com.br



TEATRO DE NATAL

CONCURSO PÚBLICO NACIONAL DE ARQUITETURA

INSCRIÇÕES

09 de agosto a 22 de setembro de 2005
www.fja.rn.gov.br

PROMOÇÃO
Governo do Estado do
Rio Grande do Norte



ORGANIZAÇÃO
Fundação José Augusto



APOIO TÉCNICO
INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL
Departamento do Rio Grande do Norte

